

# OCUPAR E RESISTIR

MEMÓRIAS DE OCUPAÇÃO

PARANÁ 2016

Giorgia Prates  
Lennita Oliveira Ruggi  
Monica Ribeiro da Silva  
Valéria Floriano Machado  
(Organizadoras)





**OCUPAR  
E  
RESISTIR**

**MEMÓRIAS DE OCUPAÇÃO**

**PARANÁ 2016**

Giorgia Prates  
Lennita Oliveira Ruggi  
Monica Ribeiro da Silva  
Valéria Floriano Machado  
(Organizadoras)

Curitiba  
2017

Catálogo na fonte: Universidade Federal do Paraná. Biblioteca de Ciências Humanas e Educação.

---

Ocupar e resistir: memórias de ocupação Paraná 2016 / Organizadoras: Giorgia Prates, Lennita Oliveira Ruggi, Mônica Ribeiro da Silva e Valéria Floriano Machado. – Curitiba : UFPR, Setor de Educação, 2017. 192 p.

ISBN 978-85-8465-016-3

1. Reforma do ensino - Paraná - 2016. 2. Reforma do ensino - Revoltas - Paraná - 2016.  
3. Reforma do Ensino - Paraná - Narrativas - 2016. I. Prates, Giorgia. II. Ruggi, Lennita Oliveira. III. Silva, Mônica Ribeiro da. IV. Machado, Valéria Floriano.

CDD 373.098162

---

Sirlei do Rocio Gdulla CRB9/985



Giorgia Prates

# A História de uma Revolução

Era uma vez uma escola,  
Era uma vez um governo,  
Era uma vez um governo que deseja destruir a escola.  
Eram alunos revoltados,  
Era uma educação arruinada,  
Era uma vez um movimento,  
Era uma vez uma salvação,  
Era uma vez, a Ocupação.  
Era uma vez uma manifestação,  
Eram muitas vezes de agressão, repressão e reclusão,  
Era uma vez, o fim da educação.  
Era uma luta, uma batalha, uma guerra;  
Era o caos, desordem e destruição;  
Eram alunos, professores e demais indignados,  
Era um movimento para ninguém ficar parado.  
Éramos guerreiros muito encorajados,  
E mesmo empenhados,  
Éramos rotulados  
Como vadios e desocupados.  
Era uma vez um “pacotasso”,  
Encaminhado para nosso fracasso.  
Mas eram jovens tão vivos,

Eram jovens na luta,  
Eram jovens decididos,  
Eram cidadãos em construção,  
Lutando pela dignidade da educação.  
Não podemos deixar de ser,  
Não podemos deixar de acreditar,  
Não podemos esquecer,  
Não podemos deixar de lutar,  
Não podemos deixar virar história.  
Era uma vez uma democracia,  
Era uma vez alunos desapontados,  
Era uma vez professores desanimados,  
Era uma vez uma educação,  
Era uma vez, o fim de uma nação.

*Escrito por Camille Erdmann, estudante do Colégio Estadual Padre Anchieta, idealizadora e participante do movimento neste estabelecimento de ensino. Assis Chateaubriand, 17 de fevereiro de 2017*

Nenhum  
Direito a  
Menos!

# Uma breve apresentação deste livro escrito por muitas mãos, vozes, experiências...

*Como, de fato, não experimentar um sentimento de inquietação no momento de tornar públicas conversas privadas, confidências recolhidas numa relação de confiança que só se pode estabelecer na relação entre duas pessoas? Sem dúvida, todos os nossos interlocutores aceitaram confiar-nos o uso do que seria feito de seus depoimentos. Mas jamais houve um contrato tão carregado de exigências tácitas como um contrato de confiança. Devíamos, pois cuidar primeiramente de proteger aqueles que em nós confiaram (especialmente mudando, muitas vezes, as indicações, tais como nomes de lugares ou de pessoas que pudessem permitir sua identificação); mas covinha também, e acima de tudo, procurar coloca-los ao abrigo dos perigos aos quais nós exporíamos suas palavras, abandonando-as, sem proteção aos desvios de sentido (BOURDIEU, 1997, p. 9).*

Este livro reúne vozes da juventude que iniciou um dos movimentos mais intensos do século XXI no Paraná. É parte de um trabalho coletivo de elaboração da memória das Ocupações que diversificaram o ensino escolar no segundo semestre de 2016. A maioria das narrativas foi escrita especificamente para esta publicação, respondendo à confiança construída pelas redes de apoio das Ocupas.

A feitura do livro implicou num exercício constante de empatia e compreensão do processo e dos atores que dela participaram. Estudantes com trajetórias muito distintas que nos confiaram suas memórias, seus segredos, suas inseguranças, seus medos, seus desejos e seus sonhos. Não apenas ouvir e publicizar, mas respeitar o direito de fala foi nosso intento nesta jornada... este respeito implica num exercício constante de não avaliar, classificar ou julgar as pessoas e suas razões/intenções, mas fornecer os meios que permitam que mais pessoas compreendam e respeitem o movimento e quem dele participou.

Neste processo entendemos que contrapor o silenciamento da/na juventude exige um processo constante e contínuo de reconhecimento da autonomia, da determinação e da consciência de si e do outro. Na prosa – seja em relatos, textos jornalísticos, diários, poemas, cartas ou imagens – vislumbramos traduções e impressões das ocupações.

Do início, quando pautada a Reforma do Ensino Médio por meio da Medida Provisória 746, estudantes das escolas públicas tentavam entender o texto da lei que prometia condenação a um futuro no qual escolhas não seriam possíveis. Como avaliar uma legislação imposta sem consulta pública e com profundo impacto nas vivências juvenis? Cientes da necessidade de fundamentar suas opiniões, estudantes conversavam incansavelmente entre si, buscavam ouvir e ler especialistas para ter clareza do que esta agenda significaria para a vida, verificavam as interpretações e analisavam as consequências. Se posicionaram pública e coletivamente contra reformas que potencializam a desigualdade social instalada. Ocuparam as escolas e produziram conhecimentos resistentes.

Desde o início as ocupações implicaram num exercício diário de pesquisa, engajamento político, autoconhecimento e construção de uma sociabilidade pautada no respeito. O impacto desta experiência, bem como o sentido que a juventude deu a ela, vai sendo desvendado nas páginas a seguir...

Estamos certas de que não é possível colocar essas narrativas ao abrigo do desvio de sentido. De certa maneira elas sequer exigem isso. Exigem uma democracia na qual possam participar dos debates. O contrato de confiança que estabelecemos se ancora na solidariedade para garantir a pluralidade de vozes, o aprofundamento da educação e o companheirismo na imaginação do futuro.

Ocupar e resistir é um grito e é um convite.

Bem vindxs!

Giorgia, Lennita, Monica e Valéria

BOURDIEU, Pierre. (Coord). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\*Optamos por deixar as autorias/identificação dos textos do modo como nos chegou.

**OCCUPAR...  
RESISTIR...  
DESOBEDECER...**

*Nada temos a temer.  
Exceto as palavras  
Rubem Fonseca*

A desobediência civil aparece quando um número significativo de cidadãos se convence de que, ou os canais normais para mudanças já não funcionam, e que as queixas não serão ouvidas nem terão qualquer efeito, ou então pelo contrário, o governo está em vias de efetuar mudanças e se envolve e persiste em modos de agir cuja legalidade e constitucionalidade estão expostas a graves dúvidas

*Hannah ARENDT*

Noite de segunda feira, dia 03 de outubro de 2016, Rua Scharfenberg de Quadros, área central de São José dos Pinhais: estudantes iniciaram aquilo que se transformaria em uma das maiores manifestações estudantis do Brasil. A cidade – que se pretendia tranquila – foi arrebatada pela notícia, naquele momento ainda sussurrante, de que mais de 200 estudantes haviam ocupado o Colégio Estadual Arnaldo Jansen, em protesto contra a Medida Provisória 746 – que propunha a reforma do Ensino Médio. Em poucos dias foram ocupadas 850 escolas, 14 Universidades e 3 núcleos de Educação no Estado do Paraná, fazendo com que a paisagem das cidades carregassem placas, cartazes e faixas com a palavra OCUPADO – em frente a centenas de escolas públicas.

Estudantes indicavam que um novo modo de protagonismo e ação estavam assentando suas bases, caracterizando-se, principalmente, pelas tomadas de decisões e sociabilidade fundadas na horizontalidade, pelo exercício da responsabilidade compartilhada, pela perspectiva da organização coletiva, bem como pela autonomia e independência em relação aos partidos, sindicatos e outras instituições. Na primavera de 2016, via-se, assim, na ausência de bandeiras, um novo tremular (contra a reforma do Ensino Médio) e cujo lema seria: “por uma educação que nos ensine a pensar e não a obedecer”.

Desse modo – ainda que alguns e algumas, pouco atentos ou pouco antenados, tenham se referido apressadamente aos/às ocupas como meros/meras marionetes de “forças maiores” – o que efetivamente se revelava era o descontentamento frente às tomadas arbitrárias de decisão e que fez

com que secundaristas e comunidade universitária – os maiores prejudicados com a reforma – sequer fossem ouvidos ou tivessem suas demandas reconhecidas.

A rapidez com que o movimento cresceu ainda é algo marcante, mas – mais que isto – impressionou como, a par da discussão acerca da reforma do ensino médio, a experiência dos/das ocupas, frente às vicissitudes, deflagrou a *problematização* destes e destas em torno de (sua) própria condição de estudantes e de jovens. Isto fez com que as ocupações fossem se auto-elaborando – ao longo da vivência na “família das ocupas” – e que seus participantes amadurecessem em suas percepções e sobre seu próprio papel.

O momento inédito incitou-os a rever os modos possíveis de ocupação do espaço, fazendo com que – colchões na biblioteca, instrumentos musicais nas salas de aula, aulas de teatro no pátio e aulas de conteúdos obrigatórios em forma de rodas de conversas – possibilitassem aos/às estudantes um novo sentido de pertencimento à escola. Enfim, a escola abriu-se como um *outro* espaço e que poderia ter um *novo* sentido ao ser ocupado sem intervenção daqueles que não os conhecem, fazendo com que o afeto e a cumplicidade passassem a integrar a sociabilidade, exigindo com que todos/todas, conjuntamente, decidissem acerca das atividades cotidianas, sendo o *sentido da horizontalidade* experimentado na organização das tarefas, na definição das atividades e na formação de comitês. Grêmios estudantis, independentes e estudantes organizados chamaram os demais estudantes para as assembleias estudantis e deliberaram – conjuntamente – pela ocupação, pela manutenção e, posteriormente, pela desocupação das suas escolas. A própria comensalidade, vivenciada na mesa dos refeitórios, mostrava que as refeições, além de necessidade, tornavam-se um princípio de aprendizado, através do *compartilhar*.

Assim, colocava-se à sociedade a necessidade de compreender os impactos dessa nova configuração (constituída de jovens auto organizados, tomando decisões compartilhadas e sem a tutela de “responsáveis” ... enfim, independentes!)

Todas e todos estudantes manifestavam e, principalmente, manifestam, a necessidade de se pensar uma transformação profunda no sistema de ensino, mas também exigem – (e isto não é legítimo?)

serem respeitados, ouvidos e, portanto, reconhecidos como cidadãos. Neste sentido, admitir o protagonismo juvenil no movimento de resistência às reformas educacionais implica no conhecimento efetivo da diversidade e da realidade desses sujeitos, reconhecimento que, no dizer de Dayrell, “é a [própria] realização de um preceito básico da antropologia: se queremos compreender, é necessário conhecer. E da mesma forma, reconhecer experiências, saberes e identidades culturais é condição para o relacionamento e o diálogo” (DAYRELL, 2014, p.103).

Desse modo, não sendo ouvidos, reconhecidos e respeitados; se a classe dirigente nega a própria legitimidade do movimento estudantil e seu protagonismo, resta DESOBEDECER! “Lembremos que a autoridade do governo (...) para ser rigorosamente justa, deve ter a aprovação e o consentimento dos governados” (THOREAU, 2-12, p. 35). Caso contrário, resta a desobediência... Desobediência ao desmando, à arbitrariedade e ao autoritarismo... Ou, se quisermos, DESOBEDIÊNCIA ao descaso, à inação, à inépcia das autoridades (autoritárias)!

Pensar na ação da DESOBEDIÊNCIA, corolário e eco ao grito OCUPAR E RESISTIR, nos faz pensar na natureza deste gesto, sua razão de ser e, por isto, em sua legitimidade e história.

Ao longo do conturbado século XX, a expressão DESOBEDIÊNCIA CIVIL, cunhada no século XIX pelo ensaísta Henry Thoreau (1817-1862), parece ter ficado num segundo plano, em termos teóricos ou filosóficos – ainda que tenha sido objeto de atenção de pensadores fundamentais, como Hannah Arendt e Jürgen Habermas. Contudo, se em relação à reflexão pode não ter sido um grande foco de interesse, do ponto de vista prático, a referência ao pensamento de Thoreau – como alguém já disse – se

encontrava nas mochilas dos rebeldes daquele século.

Hoje, contudo, podemos já perceber em relação a este tempo que corre, que o termo sai das mochilas e que – mesmo que não seja motivo de acaloradas discussões filosóficas ou objeto de congressos acadêmicos (e precisaria sê-lo?) – acaba adentrando escolas, praças, coletivos. Em um momento histórico que nos faz olhar (os nostálgicos e saudosistas que o digam!) com certa ternura para um século passado tão injusto e violento e já antevendo o que nos aguarda em termos futuros (!!!), a DESOBEDIÊNCIA CIVIL, içada das mochilas, deixa de ser apenas (e mais uma) expressão e se transforma em ação efetiva, um instrumento de resistência e de luta e, mesmo, em insígnia que possibilita expectativas num momento que parece querer, insistentemente, abortá-las.

Nas ocupas, ações de desobediência foram tomando talhe, legitimamente, ao começar à desconstruírem as formas autorizadas, aceitas ou definidas da própria ocupação do espaço físico das escolas e o fundamento da horizontalidade rompe com as formas hierárquicas tradicionais nas tomadas de decisões e nas relações de poder na ambiência escolar.

#### BIBLIOGRAFIA

- ARENDR, Hannah. Desobediência civil. In. **Crises da República**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. p. 49-90.
- DAYRELL, Juarez. *Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola*. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014.
- THOREAU, Henry. **A desobediência civil**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

REBELAR-SE E JU



# Porque ocupar: a MP 746 e a PEC da Morte

É de consenso de grande parte dos estudantes que 2016 foi um ano turbulento e de muita aprendizagem, nisso incluímos o total protagonismo das Ocupações Secundaristas iniciadas em outubro e que foi a maior resistência dos retrocessos que estamos vivendo. Esse movimento lindo, que em seu auge ocupou 1.100 escolas enfrentou muitas dificuldades, mas, também foi o responsável por inúmeros momentos de felicidade.

O que fomentou a reação dos estudantes entre outros motivos foi a Medida Provisória 746, publicada dia 22 de setembro, nela, se propõe o Novo Ensino Médio. Com esse nome até parece ser coisa boa, não é mesmo? Mas infelizmente não é.

A reforma do ensino médio diz trazer mais autonomia para os estudantes, pois, poderão escolher o que estudar, o que é uma grande farsa. Na realidade o que o documento da MP 746 propõe é que a escola irá escolher qual itinerário oferecer, tendo a instituição de ensino cinco opções: Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Ciências Humanas e suas tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias e Formação Técnica Profissional. Com isso o estudante perde o que seria o ponto positivo da proposta, pois o que vai acontecer é que a área em que o estudante escolher não vai ser a fornecida na sua região forçando-o a cursar o itinerário que a escola mais próxima da sua casa optar. Entre os maiores agravantes está a contratação de profissionais de “notório saber” (sem formação apropriada), o que dificulta a qualidade do ensino. Por mais que

a proposta só coloque essa questão para os professores da área Formação Técnica Profissional, questionamos o motivo dessa área não merecer profissionais com licenciaturas e qualificados, e também lembramos que com isso se abre a possibilidade de que as outras áreas também se entreguem a essa comodidade.

Para nós estudantes a MP 746 tem dois únicos objetivos: robotizar estudantes, nos formando apenas para força de trabalho, e a privatização do ensino público. Por entender isso é que também somos contra o aumento da carga horária, pois sabemos que as escolas não têm estruturas e nem recursos para terem alunos por 7hrs diárias. Com esse aumento na carga horária o que vai acontecer é que vamos ficar mais tempo sentados em frente ao quadro tentando decorar o máximo de coisas possíveis. Sabemos que há diferença em ensino integral e ensino de tempo integral, o ensino integral tem como objetivo trabalhar a integralidade do Ser Humano, incentivando a prática de esportes, o aprendizado e acesso a diversas culturas, o desenvolvimento do pensamento crítico. Justamente tudo que a MP 746 nos surrupia, retirando a obrigatoriedade de quatro disciplinas: Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia.

Além dessa “reforma” também tínhamos que enfrentar a Proposta de emenda constitucional 241 ou “PEC da Morte” (que limita os investimentos públicos nas áreas sociais por 20 anos)

Ana Júlia  
CESMAG



Giorgia Prates

# OS SIGNIFICADOS DA LUTA CONTRA A PEC DA MORTE



Além da Medida Provisória que modifica o Ensino Médio em todo o país, um outro ataque do Governo Temer estava no centro do movimento de ocupações nas escolas do Estado do Paraná em 2016: a Proposta de Emenda à Constituição 241/55, que passou para a história como PEC da Morte.

Basicamente, a PEC propunha um novo ajuste fiscal como forma de combater a crise econômica em que o país se encontra desde 2013. O discurso oficial era de que o déficit nas contas públicas deveria ser combatido com a redução dos gastos do governo, principalmente em políticas sociais como saúde e educação.

Os porta-vozes do Governo faziam uso nas redes sociais e na grande mídia de discurso baseado em questões macroeconômicas e termos técnicos para justificar a proposta, dizendo que os movimentos sociais, principalmente os estudantes das ocupações, não tinham conhecimento suficiente da PEC para se colocar contra ela. Durante os dias em que as escolas estiveram ocupadas pelo Estado, pude passar em várias delas tentando levar este conhecimento aos estudantes ocupados. Mas ao contrário do que Temer e seus cúmplices insistiam em dizer, os adolescentes tinham sim conhecimento da PEC. Se não dominavam a linguagem econômica, ao

menos eles tinham uma clara ideia do que representaria a aprovação desta proposta.

Neste sentido que devemos falar da PEC da Morte, desmistificando seu palavreado “sofisticado” e termos econômicos para falar abertamente a todas as pessoas que serão afetadas por ela nos próximos vinte anos. Ela significa mais uma vez que as classes populares deverão pagar pela incompetência administrativa e pela corrupção de nossas elites políticas.

Logo ao assumir a presidência após o golpe parlamentar, Michel Temer declarou que todos os brasileiros deveriam se esforçar para pagar a conta da crise, e lançou o infame slogan “não pense em crise, trabalhe”. Acontece que num país profundamente marcado pela desigualdade social os mais pobres sempre pagam as contas, há mais de 500 anos tem sido assim e pelas palavras de Temer ele vai trabalhar para que as coisas continuem assim.

Os mais afetados pela PEC 241/55 são justamente os mais pobres, pois são eles os maiores beneficiados pelas políticas sociais: seus filhos frequentam as escolas públicas; suas famílias tratam a saúde no SUS; e milhões de aposentados recebem apenas o salário mínimo para garantir uma velhice digna. Quando falamos em reajustar

as despesas primárias apenas com base no índice da inflação, estamos dizendo que ao invés de intensificar os investimentos e as políticas de combate à pobreza e à desigualdade o Estado brasileiro estará abandonando estas pessoas à própria sorte.

Na prática, os orçamentos das áreas afetadas pela PEC (Assistência Social, Previdência, Saúde e Educação) serão considerados em conjunto, como despesas primárias. E anualmente, o congresso decidirá como o dinheiro será dividido entre as pastas e políticas específicas. Ou seja, num ano os deputados podem votar um reajuste maior para educação, no ano seguinte para a saúde e assim por diante, desde que no todo das despesas primárias o reajuste não seja maior do que o índice da IPCA. Ou seja, num ano é o aposentado hipertenso que vai ficar sem o seu remédio nos postos de saúde, no outro, são as crianças das escolas públicas que vão ficar sem a merenda. E mesmo se a balança das contas públicas melhorar, o governo que estiver em mandato não terá nenhuma obrigação em suspender o regime em questão.

Enquanto isso, a principal fonte do déficit público, os gastos com os juros da dívida pública, permanece intocada e garantindo os lucros do setor financeiro. Segundo o Relatório Anual de 2015 do Banco Central, o déficit das contas públicas em 2015 foi de R\$ 613 bilhões, ou 10,38% dos R\$ 5,9 trilhões de PIB do ano. Desse total, R\$ 501,79 bilhões foram para o pagamento de juros, ou 8,5% do PIB. Essa opção absurda por alimentar um sistema que leva o país em direção ao precipício independe do governo que dá as cartas, anualmente, cerca de 44% do orçamento público é consumido com gastos financeiros, a chamada dívida pública. Dívida esta que, segundo nossa constituição, deveria ser auditada. As altas taxas de juros mantidas artificialmente em conjunto com a falta de transparência são motivo de sobra pra isso, pois não são divulgados os nomes dos credores brasileiros, desta forma pagamos por uma dívida com nossos impostos a pessoas que nem sequer sabemos quem são. Com esse quadro não adianta em nada limitar as despesas primárias, enquanto a dívida pública continua consumindo cada vez mais recursos do orçamento do país.

A justificativa oficial para o aumento dos gastos com os juros da dívida pública é a crise internacional, que teria levado outros

países a adotar medidas semelhantes em seus próprios ajustes fiscais. Mas uma rápida pesquisa pela internet já basta para derrubar este argumento. Os dois principais exemplos utilizados pelos arquitetos do golpe, Holanda e Japão, estão longe de serem tão bem-sucedidos como eles afirmam. Primeiramente a Holanda, que adotou um limite de gastos em 1994, mas com um teto que valia para um período de quatro anos e incluía quase todas as despesas públicas, inclusive o pagamento de juros da dívida pública. Mas dependendo da existência de recursos, eram permitidos aumentos nos gastos maiores do que a previsão inicial. E durante a crise de 2008, benefícios de programas de assistência social e desemprego foram deixados de fora do teto. Quanto ao Japão, as metas de gastos estabelecidas em 2006 deveriam ser seguidas por cinco anos, mas foram abandonadas em 2009, também devido à crise. Como alternativa, desde 2001, o país passou a proibir qualquer aumento nos gastos federais de um ano para o outro, com exceção daqueles relacionados ao pagamento da dívida pública.

O que leva nossos políticos a propor e defender medidas tão extremas? A mesma desfaçatez que os faz cometer impunemente por tantos anos atos de corrupção como vemos denunciados todos os dias, o mesmo desprezo pelos mais pobres cultivado e praticado por nossas elites desde os tempos da colonização. É no mínimo imoral falar em diminuir investimentos em políticas sociais num país com um histórico de mais de trezentos anos de escravidão, com índices que apontam nossa desigualdade como uma das maiores do planeta, e onde populações inteiras são exterminadas todos os dias como as travestis. O recado que eles querem nos mandar é bem claro, e complementar ao golpe parlamentar, que em nosso país os mais necessitados nunca são prioridade, e nossos políticos lutam com unhas e dentes para manter luxos e padrões de vida exorbitantes para as classes mais altas. Portanto, quando Michel Temer diz que todo mundo deve pagar pela crise usa no mínimo de um cinismo temperado com requintes de crueldade, uma vez que os mais pobres pagam pela incompetência e corrupção toda vez que somos empurrados para uma nova crise.

Diante desse quadro, a única alternativa que nos sobra é a luta, nas ruas, no chão das fábricas, e como vimos em 2016, na sala

de aula ocupada. Assim temos uma educação libertadora, que ensina não apenas conteúdos, mas também a construir um novo mundo, livre de qualquer opressão e que tem como prioridade a justiça social. Não se dobrar aos interesses do capital financeiro, dos poderosos e de seus lacaios com mandatos públicos, isso o que aprendemos com os adolescentes que resistiram ao golpe e a PEC 241/55. Obrigado a todos os estudantes secundaristas que participaram das ocupações pelo Brasil e principalmente aqui no Paraná, com vocês aprendi uma das mais importantes lições da minha vida.

*Luís Belmiro*



Sou sujeira do fundo do  
Ledula incrível da periferia  
Que vive afastado errado só

Sou incapaz de fingir fama-  
Para coberta no seio sangra-  
Uma ilusão do tudo perfeito  
#barrotado no fundo do peito

# INCÓGNITA

Na canção, despidos por ódio se  
Os ventos pitam caedros a  
Para recuperar em seus filhos

Altruísmo, fora para sempre  
E aqueles que sobram.

Restam na perpétua miséria  
São migalhas esticadas no  
Ao relento, só servem de

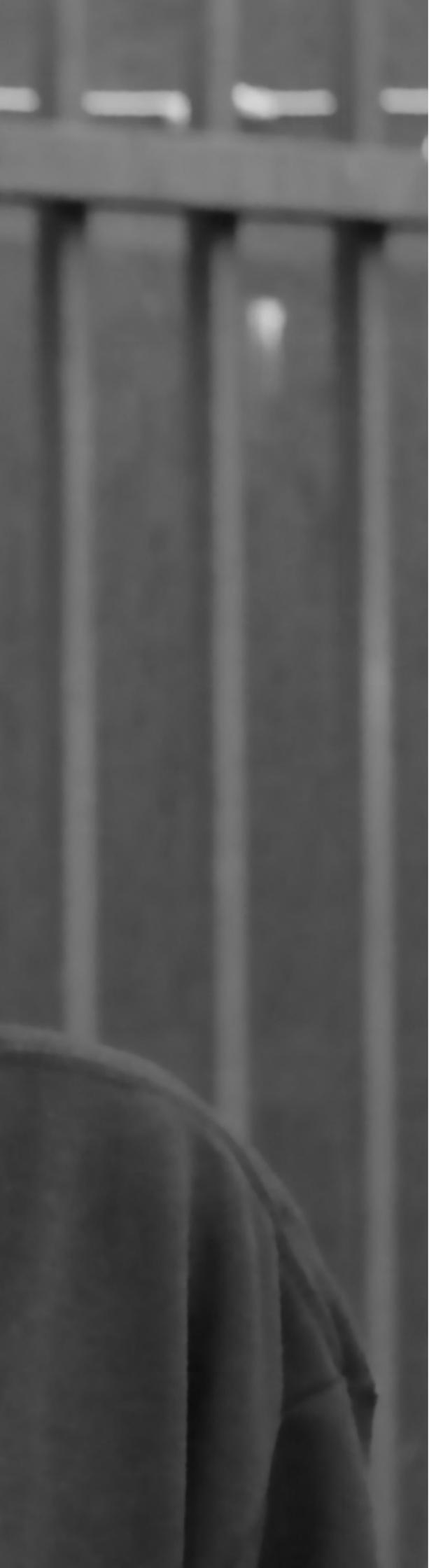
Sou sujeira do fundo do poço  
Cédula incrédula da periferia do mundo  
Que vive afastado errado só cometo pecado.  
Sou incapaz de fingir tamanha mentira  
Pura soberba no seio sangrando de ódio dos outros que  
aqui vivem.  
Uma ilusão do tudo perfeito, inteiro, sem fim  
Abarrotado no fundo do peito a angústia da fome  
daquele que vi  
Cravejado em sua mão calejada a batalha travada a fim  
de suprir sonhos  
Há muito esquecidos, perdidos, tomados por meio de  
outros  
Desimportantes, insignificantes, incertos...  
Na razão, despidos por ódio se entregam à fúria da noite  
Os outros fitam calados a miséria sem vontade alguma  
de algo fazer  
Para recuperar seus filhos drogados aquilo que há muito  
abandonaram em si  
Altruísmo, fora para sempre perdido.  
E aqueles que sobram  
Restam na perpétua miséria  
São migalhas estiradas no chão  
Ao relento, só servem de sacio à fome de pombos.

Igor

(Poesia escrita por secundarista nos dias de Ocupação)



J O A N A S



No meu dia-a-dia escutar comentários indesejados e ser excluída socialmente era algo normal e eu aceitava. Não que eu achasse certo, mas eu tinha medo de como as pessoas reagissem ou o que elas pensariam de mim. Ano passado com o movimento das ocupas (pela luta contra a reforma do ensino médio e o congelamento das verbas na educação e saúde) eu conheci um lugar onde o preconceito e discriminação era inaceitável. Lá eu conheci os meus direitos como cidadã e eu não tinha medo de ser quem eu sou. E principalmente foi onde eu usava o banheiro feminino sem MEDO.

Ser Trans e lutar pelos seus direitos e pela educação, foi algo que me inspirou a continuar minha luta e me aceitar a cada dia mais. Agora quando eu escuto algo na rua, eu realmente não me importo e sei que meu tempo não inclui me relacionar com pessoas transfóbicas e machistas.

Sempre levarei em meu peito a luta das mulheres pela qual eu admiro e respeito muito.

Me chame de Joana.



Giorgia Prates

## A MEDIDA PROVISÓRIA 746 E O ENSINO MÉDIO EM MIGALHAS

Monica Ribeiro da Silva para o  
Jornal Brasil de Fato Paraná

15 de outubro de 2016

Hoje se comemora o Dia das Professoras e dos Professores. No dia de hoje, mais de 450 escolas encontram-se ocupadas por estudantes de Ensino Médio no Paraná e no Brasil. Se temos algo a comemorar, é justamente essa mobilização. Em defesa do direito a uma educação de qualidade, milhares de jovens nos dão uma importante lição: não temos o direito de abrir mão dos nossos direitos.

As ocupações tiveram início na escola Arnaldo Jansen, em São José dos Pinhais – PR, no dia 03 de outubro e foram motivadas pelo anúncio, pelo governo federal, de uma reforma do Ensino Médio por meio de Medida Provisória. Esse ato, por si só, configurou-se como o primeiro motivo das ocupações, pois encerra um extremo autoritarismo. Reformar a educação sem que tivesse havido um precedente e amplo diálogo com a população foi percebido imediatamente, como algo a ser rechaçado. E

está sendo. Mas há outras razões para esse intenso movimento contrário à Reforma proposta.

A Medida Provisória 746/2016 encaminhada pelo Ministério da Educação ao Congresso Nacional no dia 22 de outubro de 2016, se aprovada, irá significar um grande retrocesso em relação aos direitos conquistados e assegurados aos jovens de escola pública. Ela traz duas grandes mudanças para a legislação educacional brasileira: uma, sobre a organização pedagógica e curricular do Ensino Médio; a outra, sobre as regras dos usos dos recursos públicos para a educação.

Do ponto de vista da organização curricular, a MP 746/2016 retoma um modelo já experimentado nos tempos da ditadura militar, trazendo de volta a divisão por opções formativas. A formação básica comum que atualmente é garantida nos três anos do Ensino Médio passaria a ser dada em apenas a metade desse tempo. Após isso, o/a estudante seria dirigido a uma das ênfases (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas ou formação

técnico-profissional), a critério do sistema do ensino. É importante frisar: não será o/a estudante a escolher o itinerário com o qual possui maior afinidade. Será o sistema de ensino a definir, conforme sua própria disponibilidade, o que cada unidade escolar irá oferecer. Essa medida, além de significar uma perda de direito e um enorme prejuízo com relação à formação da nossa juventude, fere a autonomia das escolas na decisão sobre seu projeto político pedagógico, o que hoje está assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e que será alterada pela Medida Provisória.

A LDB também está sendo alterada em outros pontos com relação ao currículo: a retirada da obrigatoriedade das disciplinas Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia. Mais direitos sendo sonogados, menos conhecimento sendo oferecido, mas uma vez a formação dessa juventude sendo prejudicada, esfacelada, enfraquecida.

Especial atenção merece a proposta do itinerário formativo relativo à formação técnico-profissional. Por exemplo, ao propor que para ser docente nos cursos não há necessidade de formação especializada, bastando para isso que o sistema de ensino certifique um suposto “notório saber”, a MP 746/2016 desconsidera que para o aprimoramento da qualidade do ensino se precisa garantir aos profissionais da educação uma sólida formação teórico-prática, preferencialmente em cursos superiores. Além disso, para viabilizar esse itinerário formativo, se está propondo alterar as regras do financiamento da educação pública, induzindo à realização de parcerias com o setor privado, retirando recursos da educação básica do País. Essa medida visa, claramente, atender aos interesses do empresariado e suas necessidades de exploração e lucro.

A proposta de incentivo ao cumprimento da jornada integral de 7 horas diárias é também alvo de polêmicas. Ainda que ampliar o tempo de permanência na escola possa ser interessante, temos que ter clareza qual é a proposta pedagógica que irá sustentar a maior permanência dos/das adolescentes e jovens na escola. A jornada de tempo integral necessita de reestruturação do ambiente físico e material da escola e uma diversificação das atividades oferecidas. Na Portaria nº 1.145/16 publicada pelo MEC no dia 11 de outubro

fica clara a intenção de que, para o governo, interessa ampliar o tempo de estudo tendo em vista preparar os/as estudantes para as provas e exames realizados pelo próprio governo. Mais um entre tantos reducionismos trazidos pela reforma proposta, e que vai em sentido oposto aos que os estudantes têm mostrado nas ocupações: atividades de múltiplos interesses e formas aliadas ao conhecimento escolar que hoje estruturam as disciplinas escolares.

O fomento ao tempo integral de sete horas diárias ignora que no Brasil temos aproximadamente 2 milhões de jovens de 15 a 17 anos que estudam e trabalham. Será que esses jovens trabalham e estudam porque querem? Ou será que suas condições de vida os levam a isso? A proposta demonstra também um desconhecimento (ou um menosprezo) a respeito da rede de escolas existente, o desconhecimento das condições em que se realiza atualmente a educação e o trabalho docente, muitas vezes precárias, dentre outros aspectos fundamentais que precisam ser revistos para que se tenha um ensino médio de qualidade.

Há muita controvérsia acerca do atual modelo curricular do ensino médio. É necessário enfrentar a excessiva disciplinarização que leva ao fracionamento e hierarquização do conhecimento. É preciso rever as formas com que vem se tratando o conhecimento escolar. No entanto, a proposta da MP 746/2016 apenas reforça este fracionamento e nada diz sobre os significados do conhecimento humano na escola. Pior, ao propor as “opções formativas”, acaba por privar os/as estudantes de uma formação básica comum que lhes assegure o acesso a conhecimentos relevantes e necessários para a vida em nossa cada vez mais complexa sociedade. Ao propor fatiar a organização pedagógico-curricular, propõe, assim, um **ensino médio em migalhas**.

No dia de hoje, tradicionalmente, se comemora o Dia das Professoras e dos Professores. Além das ocupações das escolas por estudantes, também na rede estadual paranaense está sendo deflagrada uma greve das/dos profissionais da educação. O que temos a comemorar então? A comemorar, temos essas mulheres e homens imprescindíveis e esses/essas estudantes ousados/as que em suas lutas nos ensinam que não devemos permitir que subtraíam nossos direitos, ainda poucos, mas duramente conquistados. Feliz dia dos/as Professores/as!



Giorgia Prates

# **JOVENS BADERNEIROS OU CORAJOSOS SONHADORES?**

**Prohmann: do lado de dentro das ocupações no Paraná**

Publicado em 18/10/2016 por Luiz Carlos de Freitas



Por **Mariana Prohmann**  
Grupo de Estudos e Pesquisas em  
trabalho, Educação e Tecnologia

GETET/PPGTE-UTFPR mariana.prohmann@gmail.com

Os estudantes do Colégio Estadual Anita Canet, localizado no Bairro Galha Azul, no município da Fazenda Rio Grande (região metropolitana de Curitiba), ocuparam a escola no dia 6 de outubro. A ocupação já estava sendo debatida no dia anterior, quando inclusive, se reuniram com representantes de outro colégio para entender a dinâmica e as motivações da ocupação, decidindo que ela aconteceria no Colégio Anita no dia seguinte. Na quinta-feira à noite, os manifestantes reuniram todos os alunos, professores e diretores na quadra para anunciar a ocupação e no dia seguinte, chegaram na escola mais cedo, fazendo a recepção dos alunos com cartazes. Cerca de 50 alunos dormiram na ocupação no primeiro dia e com o passar da semana, os alunos têm se revezado para cumprir as escalas de pernoite, limpeza, alimentação, atividades/oficinas e aulões para os estudantes.

Bastou uma rápida conversa com alguns dos organizadores desta ocupação para saber que os alunos têm muita clareza das motivações que os levaram a ocupar a escola, ao contrário do que pronunciou o governador do Estado do Paraná Carlos Alberto Richa, que de acordo com o site de notícias G1 da Globo, afirmou na sexta-feira dia 7 de outubro que os jovens não sabem o por que protestam, que estão sendo usados por movimentos sindicais em 'perfeita doutrinação'. Essa afirmação logo se desmorona ao darmos a chance da palavra para os jovens ocupantes, que quando questionados sobre o por que estão ocupando a escola, respondem:

"Principalmente por causa da Medida Provisória 746 e a PEC - 241. Primeiro a MP porque o nosso colégio não tem estrutura para ter ensino integrado, no meu ponto de vista essa MP quer formar trabalhadores apenas e não quer formar pessoas pensantes, eu sou contra isso, acho que essa medida está tirando o nosso direito de escolha de decidir o que a gente quer da nossa vida e não queremos ser simples mão-de-obra barata para o governo. E a PEC porque é um absurdo cortar gastos na educação, na



Giorgia Prates

saúde, na segurança, em coisas que são a base para a sociedade, então eu estou aqui por causa dessas medidas e também porque cortaram a merenda para o ensino noturno”. É um motivo a mais para estarmos aqui hoje...

A MP não foi pensada por pessoas que fazem parte do corpo da educação, não foi consultado estudantes, não foi consultado professores, então eles não sabem o que se passa dentro de uma escola pública, eu acho que esse é um dos pontos principais também de eu estar aqui”. Juliana, 16 anos.

“Eu principalmente porque eu penso no futuro! Eu estou aqui, faltam dois anos para eu terminar o ensino médio. Eu podia simplesmente ser aquele tipo de cara que não liga pra nada e ir pra casa. Mas não... pensei nos meus sobrinhos, tenho quatro sobrinhos em casa, eles vão ser complicados em futuro próximo assim dizendo, então isso me deixou mal. Eu falei: ‘Mãe eu to indo pra luta mas não por mim, por eles entende? Pro futuro!’

Porque sinceramente não vai ter criança pensante, vai sair daqui e falar tá agora eu vou trabalhar e só isso. Não vai ter um progresso daqui pra frente então isso me rói por dentro porque mesmo agora já está sendo complicado as pessoas pensarem no que falar então pra frente querem fazer isso

para que os alunos não pensem mas vão lá e trabalhem, trabalhem, trabalhem. Esse é um dos grandes motivos de eu estar aqui”. Alan, 18 anos.

Essas respostas mostram que não é tão fácil a missão de “manipular”, “doutrinar” e “usar” a juventude estudantil para interesses políticos, basta ver as respostas que deram quando questionados sobre a possível influência de professores, sindicatos, e políticos nos movimentos de ocupação:

“Primeiro que a gente nem conversou com os professores sobre a ocupação. Eles só ficaram sabendo no dia que chegaram aqui e outra coisa, nós não temos contato com ninguém de sindicato. Tem muita gente falando que é a APP que está influenciando os estudantes, mas aqui mesmo não entrou ninguém da APP, a gente não tem contato nenhum com essas pessoas!

Conversando com todo mundo que tá participando aqui, a gente vê que estão vindo de vontade própria mesmo, que é uma coisa nossa, que não é um professor que influenciou a gente a vir aqui, tanto que a gente tá proibindo a entrada de professores, a gente não quer envolvimento deles no nosso movimento. Então eu não entendo o porquê as pessoas estão falando isso, ao invés de elas virem aqui ver o que a gente está fazendo. Ao invés de elas conversarem com

os estudantes elas estão repassando coisas que alguém lá que é contra falou e não é realmente verdade porque ninguém vem conversar com a gente para saber o que está acontecendo...

Tanto que a gente aqui dentro agora durante a ocupação estamos fazendo o trabalho das tias da limpeza, a gente tá cozinhando pra esse povo todo, a gente tá fazendo o trabalho de professor aqui dentro, eu acho que ninguém ia vir aqui se mandassem vim, sabe? A gente está vindo por vontade própria então acho que esse é o ponto principal.” Juliana, 16 anos.

“A gente está barrando os professores na entrada perguntando o que eles querem, se é alguma coisa envolvida com a administração da direção, a gente acompanha faz o que tem que fazer e depois leva até portão...a gente quer o mínimo de contato com professores porque isso não é dos professores, isso aqui é uma luta dos alunos! E no dia mesmo da ocupação eles não sabiam de nada, a gente só chegou chamou todos os professores para fora e deu o anúncio. Eles ficaram tipo: ‘Uau, nossos alunos estão mudando’! Foi uma surpresa para eles e para gente mesmo porque aqui o noturno era quieto ninguém se envolvia com nada, só faz o básico né grêmio estudantil e tudo mais.. Então a gente quer o envolvimento mínimo dos professores porque realmente eles têm a luta deles e tudo mais e a gente tem a nossa. O envolvimento mínimo deles além de fortalecer a gente e mostrar a verdade pro pessoal que tá aqui, porque o pessoal lá fora tá simplesmente falando: ‘são os professores que estão falando...’

Eu convido esse povo a vir aqui, venham falar conosco antes de sair por aqui falando tal coisa. Isso irrita levemente porque se falassem mal da minha vida nas minhas costas eu ficaria mal, então peço que venham falar diretamente conosco aqui, venham no colégio perguntar: ‘e ai, o que que está pegando?’ Porque realmente isso é irritante, tipo: ‘vou inventar uma mentira aqui, vai virar uma bola de neve crescer, crescer...’ e assim, de repente todo mundo tá falando aquilo sem ao menos ser verdade! Então eu convido esse povo a vir aqui falar conosco pessoalmente, ver o que está acontecendo aqui dentro, ver o por que estamos lutando.” Alan, 18 anos.

Afirmar que tais jovens estão sendo doutrinados é desconhecer a realidade que se passa com o povo das periferias, com a classe trabalhadora e com os estudantes de Ensino Médio que frequentam as escolas do Estado. Nossos jovens estão dispostos ao diálogo, mas um diálogo que leve em conta as necessidades, prioridades e realidades locais as quais eles pertencem.

Sob a bandeira de luta contra a PEC-241 e a MP-746, a juventude traz consigo seus sonhos, anseios e a sede de uma sociedade mais justa, menos desigual, com melhores oportunidades de trabalho e qualidade na educação. Fica o apelo as nossas autoridades: não criminalizem os estudantes ocupantes, mas entendam que estas ocupações trazem consigo a expressão de jovens que clamam por mudanças, por melhorias no ensino e que lutam para não perderem os direitos que foram conquistados ao longo da história do Ensino Médio.



Giorgia Prates

# A força das ocupações

Debora Santiago<sup>1</sup>

As notícias das ocupações em escolas no Paraná chegaram a mim através de colegas, professores em universidades e escolas públicas, enquanto acompanhava as notícias do governo que assumiu a presidência com medidas anti democráticas e de forma impositiva. Entre elas a Proposta à Emenda Constitucional (PEC 241 na Câmara e PEC 55 no Senado), que propôs congelamento dos investimentos em saúde e educação, direitos de todo cidadão e já tão insuficientes para atender à população; e ainda a Medida Provisória (MP) 746 do Ensino Médio que torna algumas disciplinas não mais obrigatórias e precariza o ensino ao impedir a formação crítica dos estudantes.

A minha experiência no campo das artes, como artista e professora, tem me mostrado que o contato com as artes é sensibilizador. A notícia de que Artes seria uma das disciplinas não mais obrigatórias, fato que possibilita o governo deixar de ofertar a disciplina já que estará impedido de realizar investimentos pela PEC 241, me causou muita indignação. O atual governo sabe que as artes têm demonstrado grande força de mobilização e resistência, como pode ser visto no movimento OcupaMinc, e deixar de ofertar uma disciplina que desperte xs alunxs para questões sociais é mais uma ferramenta de governos ditatoriais para que o processo de formação de nossos jovens não se realize plenamente.

Apesar das más notícias o contato com as ocupações em escolas e universidades de Curitiba e da região metropolitana trouxeram esperança. Ao visitar a primeira escola ocupada no Paraná, o Colégio Estadual Pe. Arnaldo Jansen em São José dos Pinhais, conversei com alunxs e pais que me mostraram muita organização e a necessidade do movimento. Pude assistir também palestras com a profa. Dra. Monica Ribeiro, coordenadora do Observatório do Ensino Médio da UFPR, que me esclareceram vários pontos da reforma proposta, e agora aprovada, e apontaram muitos problemas ao mostrar que xs estudantes não terão autonomia para escolher o itinerário com o qual possuem maior afinidade porque as escolas não serão obrigadas a oferecer todos os itinerários.

Ao acompanhar estes eventos compreendi a necessidade de ação dxs estudantes e de todxs que contribuiram com o movimento. Ajudei com doação de alimentos, ministrei oficinas de cerâmica em escolas, participei de atividades na universidade em que sou professora, atos nas ruas e de apoio durante as tentativas de desocupação forçada, o contato com xs estudantes era sempre fortalecedor e um grande aprendizado. A organização horizontal do movimento trouxe várias discussões, não somente a reforma do ensino, mas questões diárias do ambiente escolar que eram tratadas assim que se colocavam, pois tudo era urgente e o desejo era coletivo.

Esta consciência da urgência por parte dxs estudantes é a clareza de reconhecer a escola como coração da sociedade, como disse Peter Pal Pelbart em Carta Aberta aos Secundaristas<sup>2</sup> após as ocupações de escolas em São Paulo em 2015.

Acredito que fatos anteriores também contribuíram com o movimento de ocupação, a greve de professores das escolas e universidades estaduais do Paraná em 2015 foi importante para uma percepção maior da realidade do ensino público e como este vem sendo tratado pelos governantes. Assim como a mobilização durante a greve, as ocupações mostraram que são importantes articulações entre estudantes, pais, professores e funcionárixs, mas ganharam força como movimento horizontal porque era partilhado por todxs. Esta experiência não será esquecida por aqueles que dela participaram, a escola resiste, e continua FIRME!



Peça de argila realizada por aluna em ocupação do Colégio Estadual João de Oliveira Franco

1 Artista e professora na Unespar / Embap

2 <http://cgeducacao.com.br/carta-aberta-aos-secundaristas/>



**A História não se constrói da  
noite para o dia:**

**Processos de Luta que influenciaram as  
Ocupações no Paraná**

Luan

As mais de 850 escolas estaduais ocupadas no segundo semestre de 2016 no Paraná foram um marco na história da luta estudantil no mundo e na história da luta popular no Brasil. Este processo não era tido como previsível pelos estudantes, professores, pesquisadores, movimentos sociais e organizações políticas, mas muito se deve pela influência recente de outros processos de luta na América Latina, Brasil e próprio Paraná.

Uma das maiores influências, se não a maior, foram as ondas recentes de ocupações de escolas que ocorreram no ano de 2015 e início de 2016, no Brasil. Em 2015, no estado de São Paulo, local que teve mais visibilidade na mídia de massas, mais de 200 escolas foram ocupadas contra o fechamento de escolas proposto por Alckmin (PSDB) e o movimento conseguiu reverter este ataque. No final de 2015 e início de 2016, houve uma onda de ocupações de escolas pelo Brasil com diferentes pautas, como por exemplo: contra o Escola Sem Partido, por merenda de qualidade, contra a privatização, terceirização e precarização da escola. Neste período, no Rio Grande do Sul mais de 100 escolas foram ocupadas, mais de 50 escolas ocupadas no Rio de Janeiro, mais de 50 escolas ocupadas no Ceará e em Goiás tiveram mais de 20 escolas ocupadas contra a terceirização de escolas via Organizações Sociais (OSs). E claro, não podemos nos esquecer da grande “Revolta dos Pinguins”, onda de ocupações de escolas protagonizadas por secundaristas no Chile, em 2006 – primeira grande experiência de ocupações de escolas dos anos 2000 que garantiram várias vitórias para o movimento estudantil chileno.

Porém, as mais de 850 escolas ocupadas no estado do Paraná não aconteceram somente por causa destas ondas de ocupações em outros estados e no Chile. O Paraná é um local de muita organização e luta do povo, seja no campo, floresta ou na cidade. Sem querer voltar muito no tempo, destacando greves históricas, surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, luta estudantil contra a ditadura ou dezenas de ocupações urbanas que marcaram os anos 80 e 90, podemos dar evidência a processos recentes de luta a partir de meados dos anos 2000.

A tática de luta conhecida como ocupação de prédios públicos é bem recorrente nas universidades públicas. Ocupando principalmente as reitorias de suas universidades, estudantes da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Estadual de Maringá (UEM) utilizaram esta tática várias vezes desde o ano 2000. Na UFPR, aconteceram em 2007, 2011, 2012 e 2015, por exemplo; na UEL, em 2006, 2015, 2016, por exemplo; na UEM, em 2011 e 2015, por exemplo. E esta prática marca e marcou a história de dezenas de outras universidades, escolas técnicas, por todo o Paraná e Brasil.

Além da luta e ocupações nas universidades paranaenses, outras ocupações e lutas recentes são muito marcantes para as/os estudantes secundaristas neste processo. No ano de 2015, além do fatídico Massacre do Centro Cívico, que aconteceu em 29 de abril em Curitiba, dia em que milhares de educadores, educadoras, estudantes e trabalhadores de diversas categorias levaram tiros de bala de borracha, spray de pimenta e bombas de gás lacrimogênio, ocorreram duas ocupações da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP). Meses antes do 29 de abril, em fevereiro, ocorreu um processo intenso de luta e conquista contra o “pacotão de maldades” proposto por Beto Richa (PSDB). Milhares de educadoras, educadores e estudantes romperam as barreiras policiais, mesmo sofrendo com bombas de gás lacrimogênio e tiros de balas de borracha (de maneira menos intensa que em abril), e garantiram a retirada daquele pacote de medidas que acabaria com as carreiras do funcionalismo público e o orçamento das universidades estaduais, por exemplo. Uma série de estudantes que estariam protagonizando o maior movimento de ocupação de escolas no mundo, pouco mais de um ano depois, participou daquelas batalhas.

E por último, mas não menos importante, é importante destacar o processo de lutas conhecido como “Jornadas de Junho” que ocorreu em 2013 em todo o Brasil. Não foram ocupações de escolas, universidades ou prédios públicos que marcaram este período de luta. O que marcou foram milhões de pessoas nas ruas, primeiramente lutando contra os aumentos das tarifas de transporte público e depois por várias outras pautas, que defenderam, de maneira autônoma e independente de partidos ou empresas, serviços públicos de qualidade. Aquele período

marcou a história de luta do povo oprimido brasileiro, demonstrando que é com o povo nas ruas e forjando seu próprio caminho independente que é possível que barremos ataques vindos dos poderosos.

Todas estas experiências, com destaque às protagonizadas por estudantes e juventude, foram marcadas por uma intensa defesa da independência dos movimentos perante a partidos políticos, empresas ou entidades. Quem foram os atores e atrizes protagonistas destes movimentos foram as próprias pessoas afetadas pelos diferentes ataques à educação e aos direitos sociais conquistados previamente com muita luta. Contribuições apareceram de vários lugares, assim como muitas pessoas tentando atrapalhar, mas quem de fato discutiu e deliberou os rumos de cada movimento foram as pessoas envolvidas.

Outro elemento comum e fundamental a estes processos, que no Brasil iniciou um novo momento desde as “Jornadas de Junho”, foi a dita combatividade dos movimentos. Ocupações, trancamentos de ruas, marchas que pararam as cidades foram alguns dos instrumentos de luta utilizados para afetar os poderosos que desferiam vários golpes contra nossos direitos. Não foram conchavos e conversas de gabinete que garantiram os direitos que estavam em questão, foi a luta de massas combativa.

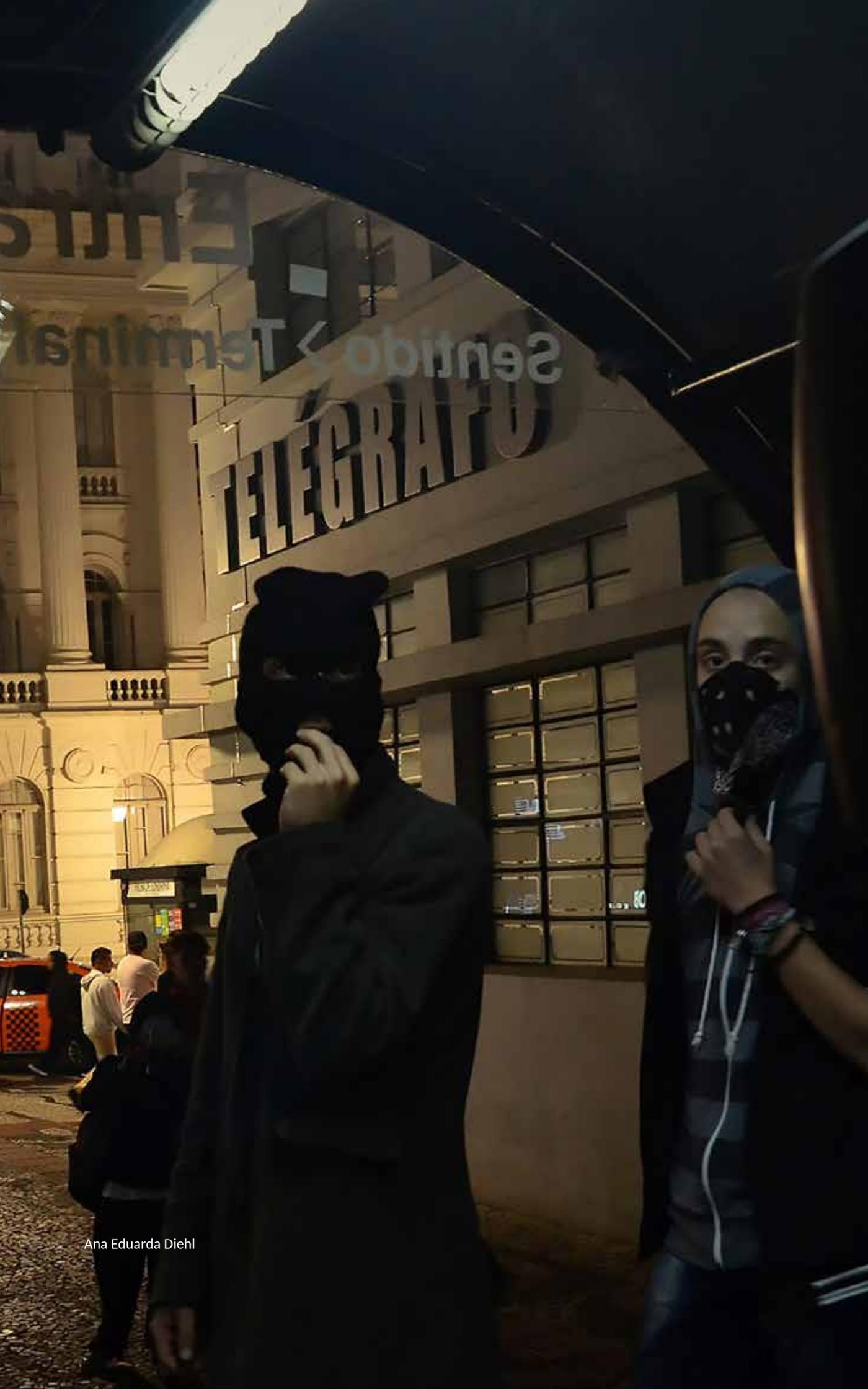
E para combater com efetividade e coerência foi necessário um grande processo de aprendizado e auto-organização em cada um destes processos. Espaços de discussão e assembleias horizontais permitiram que estudantes e trabalhadores entendessem o que cada ataque afetaria nosso futuro e



decidissem quais os rumos que os movimentos deveriam tomar.

Porém, não foram todas as batalhas que ganhamos e muitas estão por vir neste próximo período. Ainda assim, os processos de ocupações de escolas e as lutas que os antecederam nos dão valiosas lições para permitir que acertemos neste futuro próximo e possamos garantir mais direitos para nosso povo.





Ana Eduarda Diehl

Ana Eduarda Diehl

Nelson Rodrigues escreveu, sobre os sociólogos: "Um sociólogo não se espanta. Se lhe servirem, no jantar, um ensopadinho de abóbora com ratazana, ele não concederá ao fato um único e rele ponto de exclamação" (Flor de Obsessão, org. Ruy Castro, 1997, p. 155).

Pois ele estava errado. Em 2013 nunca houve tantos sociólogos - e antropólogos - boquiabertos com o que está ocorria no Brasil.

Em se tratando de política, não cabe falar em gênese ou pontos de partida ali onde tudo é processo e desdobramento.

Se não é possível afirmar que as ocupações começaram de alguma forma em 2013, ao menos posso tentar esboçar a cartografia que nos trouxe até aqui.

As jornadas de junho foram potência pura, acontecimento inesperado do qual mal podíamos fazer uma leitura à luz difusa dos acontecimentos. Mas as antenas mais atentas já haviam antevisto: as manifestações tanto podiam fazer a mea culpa dos limites da governabilidade petista, quanto podiam culminar em uma guinada conservadora. Havia forças em disputa de significados.

Em menos de um mês, vimos os eventos se desdobrando em multiplicidades. De pequenos protestos envolvendo o movimento passe livre, vimos as pautas se ampliando a um nível estratosférico. Manifestava-se sobre tudo. Na principal avenida do Rio de

Janeiro me recordo de avistar o grito das mulheres negras, do movimento sem teto, e também dos black blocks que boicotavam o sistema. As jornadas de junho criaram um espaço amplo, de onde qualquer coisa poderia brotar e brotou. Ao final do mês, o protesto pelo aumento da tarifa se metamorfoseou em um carnaval verde amarelo que clamava pelo fim da corrupção. A grande imprensa noticiou os vândalos e pediu ordem, mas também nos contou em letras garrafais que o gigante acordou.

A despeito dos inúmeros significados que as jornadas de junho comportaram, uma coisa é certa: a atual polarização que vemos no Brasil teve sua faísca de incêndio naquele momento.

E é justamente no cerne dessa polarização que se encontram as ocupações escolares de 2016.

Se por um lado, há aqueles que defendem uma escola sem partido, supostamente livre de amarras ideológicas, por outro lado, há aqueles que também defendem uma escola livre, na condição de espaço de proliferação do pensamento crítico.

A aversão aos partidos políticos também se brotou nas jornadas de junho e veio germinar seus frutos nas ocupações, onde os alunos faziam questão de enfatizar novas formas de se fazer política.

O fato é que nunca estivemos tão separados. Entre nós e os outros, cai por terra qualquer utopia de um país cordial. Dois mil e treze descortinou a peça da qual as ocupações são também o enredo.



Ana Eduarda Diehl



Giorgia Prates

# **QUE TEMPOS SÃO ESTES?**

**REFLEXÕES SOBRE O PROGRAMA  
ESCOLA SEM PARTIDO**

Marco Antônio M. L. Pereira  
Gabriela Berthou de Almeida

*Que tempos são estes, em que temos  
que defender o óbvio?*  
Bertolt Brecht

O objetivo desse texto é refletir, ainda que de maneira breve, sobre o programa “Escola sem partido”. O movimento nasceu em 2004, a partir da iniciativa do procurador do estado de São Paulo, Miguel Nagib, o qual considera que figura entre os mais sérios e urgentes problemas da educação do Brasil um processo de “doutrinação ideológica de esquerda”, empreendido por professores/as. O advogado considera que os/as docentes utilizam a sala de aula para a “militância político-partidária” e para “discussões sobre sexualidade e gênero”, temas que, em sua visão, deveriam estar restritos à família<sup>1</sup>. Para solucionar o suposto problema, julga necessário o controle dos conteúdos ensinados, o estímulo à denúncia por parte de estudantes “vítimas da doutrinação” e a ameaça judicial para os/as educadores que adotarem determinadas condutas.

Durante anos, suas propostas não tiveram grande eco na sociedade, até que, em 2014, um encontro com a família Bolsonaro mudou essa realidade. Flávio Bolsonaro (PSC), deputado estadual do Rio de Janeiro, pediu para que Miguel Nagib escrevesse um anteprojeto de lei que contemplasse as questões anteriormente apontadas. O texto foi, então, apresentado pelo filho de Jair Bolsonaro na Assembleia Estadual do Rio de Janeiro. O líder do movimento fez uma versão municipal que foi apresentada pelo outro irmão da família, Carlos Bolsonaro (PP), na Câmara de Vereadores do Rio em

1 Como bem observou Fernando Penna, ao tentar tornar a educação uma questão privada, ou seja, de responsabilidade exclusiva das famílias, “o movimento ‘Escola sem partido’ contraria diretamente a Constituição brasileira, que em seu artigo 205 afirma: ‘A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho’”. PENNA, Fernando de Araújo. Proibido educar? *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 123, p. 1-2, 2016.

20142. No ano seguinte, o Deputado Izalci Lucas (PSDB/DF) apresentou o Projeto de Lei nº 867/2015, que propõe incluir entre as diretrizes e bases da educação nacional o “Programa Escola sem Partido”. Mas o que está por trás dessa proposta? Quais são os seus propósitos?

De início, é preciso dizer que o Projeto de Lei em questão foi elaborado por indivíduos que não possuem histórico de envolvimento com a educação brasileira. Parece-nos que estas pessoas desconhecem a realidade do ensino público e as péssimas condições de trabalho nas escolas. Muitos estados e municípios brasileiros, por exemplo, possuem mais professores/as em contrato temporário e precário de trabalho do que concursados. E a múltipla jornada – necessária para complementar à renda familiar – atinge quase 30% da categoria, comprometendo a qualidade do trabalho escolar e a saúde destes profissionais. Miguel Nagib não leu ou simplesmente ignorou os resultados de um amplo estudo realizado pela Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em que o Brasil ocupa a penúltima posição em investimento por estudante e média salarial dos/as professores/as no ensino básico, entre 35 países pesquisados. O salário de professores/as brasileiros/as corresponde a 1/3 da remuneração de europeus, japoneses, sul-coreanos e norte-americanos. Considerando outros dados do estudo, o/a docente no Brasil gasta em média 20% da sua aula pedindo silêncio e outros 12% do seu tempo com burocracias como o controle de presença<sup>3</sup>. Contudo, os autores do projeto insistem na tese de que paira sobre as escolas e universidades a tal “doutrinação de esquerda ou marxista”<sup>4</sup>.

2 “A iniciativa não parou na atuação da família Bolsonaro. Miguel Nagib disponibilizou os anteprojeto de lei estadual e municipal em seu site, e uma onda conservadora tratou de espalhar a iniciativa por boa parte do território nacional. Projetos similares já foram apresentados em nove estados e no Distrito Federal e em diversos municípios, e viraram lei nos municípios de Picuí (PB) e Santa Cruz do Monte Castelo (PR), e no estado de Alagoas”. PENNA, op. cit., p. 1.

3 Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2016/07/04/professor-nao-doutrina-professor-ensina/>>, acesso em 15 de março de 2017.

4 Sobre este aspecto não há qualquer comprovação empírica, pois de acordo com uma pesquisa do Instituto Datafolha, realizada em 2014, há mais brasileiros afinados com ideias defendidas pela direita



Giorgia Prates

Em entrevista concedida à revista *Época*, Miguel Nagib sublinhou: “Os estudantes têm direito de não ser doutrinados por seus professores”.<sup>5</sup> Ao seguir a mesma linha de pensamento, o economista Rodrigo Constantino, que já foi colunista da *Veja* e do *O Globo*, vociferou em seu blog: “Chega! Não dá mais para aceitar passivamente tanta doutrinação ideológica, que ajuda a transformar nossos alunos em marionetes socialistas”.<sup>6</sup> Levando em conta que no país existem mais de 45 milhões de estudantes, o site do movimento “Escola sem partido” registrou até o momento 33 denúncias de suposto abuso por parte de professores, o que demonstra o caráter nefasto e desonesto de seus objetivos e métodos. No artigo intitulado “Professor não doutrina,

---

(45%) do que à esquerda (35%) em temas relativos a comportamento, valores e economia. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/383/14-perguntas-e-respostas-sobre-o-escola-sem-partido>>, acesso em 15 de março de 2017.

5 Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/08/os-estudantes-tem-direito-de-nao-ser-doutrinados-por-seus-professores.html>>, acesso em 15 de março de 2017.

6 Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.com/artigos/e-ainda-tem-gente-que-e-contra-o-escola-sem-partido/>>, acesso em 15 de março de 2017.

professor ensina”, a historiadora Keila Grinberg destacou que “é desonestidade intelectual querer transformar a exceção, se é que ela existe, em regra”. Ou seja, “é desonestidade intelectual sair por aí dizendo que a doutrinação grassa nas escolas quando não se tem qualquer evidência de que este é um fenômeno significativo”<sup>7</sup>.

Sobre o conteúdo específico da PL 867/2015, dois aspectos nos saltam aos olhos. O primeiro relaciona-se ao fato de se considerar que os estudantes são, no espaço da sala de aula, uma “audiência cativa”. Diante disso, “não existe liberdade de expressão no exercício estrito da atividade docente, sob pena de ser anulada a liberdade de consciência e de crença dos estudantes”, diz o texto do PL. Parte-se do pressuposto ainda de que os professores/as se aproveitam da “vulnerabilidade do educando” (parte mais fraca na relação de aprendizado) para cooptar os jovens “para esta ou aquela corrente política, ideológica ou partidária”. Ora, considerar o/a estudante uma “folha em branco”, passível de ser “manipulado/a” é o mesmo que afirmar

---

7 Disponível em: <<https://conversadehistoriadoras.com/2016/07/04/professor-nao-doutrina-professor-ensina/>>, acesso em 15 de março de 2017.



que os/as jovens são incapazes de formar – a partir de suas próprias experiências – seu juízo sobre o mundo.

O segundo aspecto encontra-se vinculado à necessidade de adoção de uma suposta “neutralidade” por parte dos/as educadores/as. Em nossa visão, adotar essa postura pressupõe uma opção por naturalizar e perpetuar a desigualdade social, a discriminação étnico-racial, o machismo, a homofobia e a transfobia<sup>8</sup>. Sob o manto da “neutralidade”, as forças sociais e políticas

8 De acordo com Ivanilda Figueiredo, doutora em Direito pela PUC-Rio: “Uma mulher é estuprada a cada 11 minutos e mais de 13 são mortas por dia. O país é campeão de mortes violentas de travestis e convive com grave violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Lidar com essa realidade é tentar eliminar as mais graves violações de direitos que devem ser inaceitáveis em qualquer estado democrático. No entanto, tais temas recebem hoje a alcunha de serem propagações de ‘ideologia de gênero’ e por isso foram retiradas do Plano Nacional de Educação e de vários de seus congêneres estaduais e municipais. Mas, mais do que isso, há inúmeros projetos de lei nos três âmbitos federativos proibindo qualquer discussão sobre esses temas em sala de aula”. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/06/24/escola-sem-partido-e-a-falsa-ideia-de-neutralidade/>>, acesso em 15 de março de 2017.

que estão por trás do projeto escamoteiam seus próprios interesses ideológicos, a saber, a “demonização” das ideias e práticas das esquerdas e dos movimentos sociais com o intuito de justificar ações antidemocráticas. Objetiva-se, portanto, silenciar vozes e perseguir e afastar professores/as comprometidos/as com uma educação mais dialógica, humana e autônoma.

O sentimento que mobiliza os segmentos mais conservadores da sociedade e, por conseguinte, os autores e defensores da proposta apelidada de “Lei da Mordança” é o medo. Medo de que a educação esteja a serviço da formação do pensamento crítico, emancipatório e da transformação social. Além disso, dados concretos – como: a forte politização de estudantes secundaristas que criam novas estratégias de luta, a resistência dos professores/as contra a precarização do trabalho e a privatização das escolas públicas, a luta das mulheres contra a cultura do estupro, a presença da juventude negra e periférica em espaços que historicamente lhes foram negados – geram temor em setores sociais, acomodados em seus próprios privilégios. É por esses motivos que dizemos não a “Lei da Mordança” e não à censura nas escolas!

# Carta aberta para leitura em espetáculos e exposições



Neste momento conturbado que vivemos, talvez a arte seja uma das poucas alegrias para alimentar nossos dias. Queremos o reconhecimento de que, para que essa arte exista, é necessário o esforço e a dedicação de alguém que crie, muitos que realizem e reproduzam e, principalmente, a presença daqueles que acreditam. Como acontece aqui hoje!

O conflito tem sido presente no cotidiano e a desesperança ronda em atitudes e falas cruéis sobre temas que muitas vezes se desconhece. Julgamentos e desaprovações aparecem de todos os lados sem perceber que estudantes ainda acreditam na sua ação artística como uma das maneiras de se comunicar - olhar e fazer a diferença para este mundo.

Lembremos que nunca estamos sós! No coletivo que alguns chamam sociedade, comunidade ou cidade, cada um à sua maneira expressa o desejo comum de ter a arte presente em nossas vidas. Nesse sentido, podemos discordar da maneira como nos expressamos, mas o que nos une é o anseio pelo bem de todos, e é por isso que o respeito mútuo se faz necessário. Todos estamos sendo submetidos a perdas de direitos duramente conquistados e sabemos que é preciso fazer algo!

Embora tenhamos a ideia de que ocupar seja apenas estar dentro de um espaço, podemos pensar que ocupar também significa acreditar, respeitar, ouvir, reconhecer, e que não somente os estudantes de hoje, mas os que já estudaram e os que pretendem estudar devem ocupar o compromisso com a escola pública.

Como diz o professor e filósofo Leandro Karnal "Houve um tempo em que estudantes fugiam da escola, e hoje estão ocupando." Pela primeira vez no dia 4 de novembro de 2016 estudantes entraram na Embap pra ficar e desejam que esse ato seja conhecido e (re)conhecido pela sua dimensão histórica e importância simbólica, onde a união de estudantes supera as diferenças de seus cursos e todos estão em defesa da educação e da arte. **EDUCAÇÃO COM ARTE! ARTE COM EDUCAÇÃO!**

Uma escola que forma profissionais nas artes musicais e visuais sempre encontrará meios criativos para dialogar e abrir espaços para que a educação e as artes existam para além das paredes e prédios das universidades e no desejo de permanecer na defesa

da educação e da arte independente do espaço físico.

A partir do momento que a escola de música e artes visuais é ocupada também aconteceu algo inédito: os estudantes dessa escola foram para as ruas reivindicar esse espaço também como seu. Arte e cultura transbordaram as paredes da universidade, galerias e teatros, chegando às ruas da cidade de Curitiba em diversos dias e horários das últimas semanas. Nossa surpresa foi descobrir que muitas pessoas sequer conhecem a existência da Embap e suas dificuldades atuais. Os estudantes também promoveram conversas, debates e ações para perguntar - o que acontece? E para refletir - para que essa escola existe? A aproximação de estudantes vindos de lugares muito diferentes gera o desejo de lutar e construir junto com a comunidade um mundo melhor para viver. A escola agora também proporciona a experiência de se conhecer e aprender a se respeitar em coletivos onde a cobrança se transforma em atitude, a queixa em iniciativa e a participação se traduz no olhar carinhoso para a diversidade e suas manifestações.

A Ocupação acontece na busca do atendimento de determinadas pautas. Algumas são nacionais, como a Proposta de Emenda Constitucional 55 e a Medida Provisória 746, e outras mais próximas, como a Reposição Salarial dos servidores estaduais, e, muito urgente, o repasse das verbas de custeio para que a UNESPAR continue aberta e pública.

Sabemos que quem está aqui também acredita na educação e na arte, e certamente valoriza nossos esforços para que espetáculos como esse continuem existindo.

Fica o convite: venha conhecer e participar das ações.

Não à PEC 55 e MP 746!!!



# **O legado das ocupações**



Giorgia Prates

*Cesar Augusto Pontes Ferreira  
Professor de História*

*Eu entregava as rosas a meu algoz,  
Levando amargo e mudo um dia a  
dia atroz*

*Sim, pois quem tem mãos inertes  
não desata nós,  
Porque quem cala sempre não  
merece a voz.*

Há quem queira se poupar das asperezas da existência, com a fuga espetacular, na busca de vantagens fáceis e imediatas, sem nenhum compromisso com o meio em que atua. É a opção do individualismo convicto da própria exclusividade, alheio à coletividade, como se fosse possível viver à maneira de uma ilha de tranquilidade em mar revolto, como se a realidade cinzenta e tensiva dos aglomerados humanos não fosse uma problemática manifesta, da qual só os iludidos e os enganadores, na sua inconsciência, indiferença ou premeditação, imaginam escapar ilesos, com a garantia da segurança devidamente chancelada pelo expediente esquivo da negação ao outro. Pois, numa escolha em contraponto a essa,

os secundaristas paranaenses, sensíveis às exigências de sua inserção no todo, souberam fazer uma leitura crítica do processo histórico que lhes era comum e enfrentaram a tempestade como alma desperta e ânimo resoluto.

A tempestade começou a desabar sobre a educação do país bem antes de Michel Temer usurpar o poder. Isso não lhes passou despercebido. Ao nível regional, em 2015, os professores do estado sofreram nas mãos do governador Beto Richa. O ponto crucial que marcou a disputa entre os docentes, na defesa, de seus direitos, e o mandatário, no empenho de restringi-los, ocorreu no fatídico dia 29 de Abril, para consternação geral.

Os secundaristas, porém, permaneceram atentos aos fatos.

Nos últimos meses de 2015, em São Paulo, aconteceram mais de 200 ocupações de escolas públicas, por conta de uma reforma imposta por Geraldo Alckmin, sem consultar a comunidade alvo, provocando enorme prejuízo a todos. O aparelho repressivo foi acionado para desempenhar um papel infame naquele contexto.

Os secundaristas, porém, permaneceram atentos aos fatos.



Em outros estados da união, desdobravam-se – em menor escala, mas de forma semelhante – ataques à educação, com a recorrente utilização de policiais militares, para frear as manifestações de protesto contra medidas discricionárias, urdidas pelas autoridades que deveriam, por função de ofício, defender as escolas, os estudantes e a qualidade de ensino.

Os secundaristas, porém, permaneceram atentos aos fatos.

Desde o início de 2016 as arremetidas regressivas em desfavor da educação se intensificaram: a lei da mordaza (escola sem partido); a PEC 241 (55), dita “do fim mundo”, que congelará investimentos no ensino e na saúde por vinte anos: e a MP 746, que trata de atender os reclamos do mercado, adequando o atual ensino médio a seus interesses espúrios. Tais agravos seriam a gota d’água.

Então, estabeleceram desafiar a prepotência dos farsantes por via das ocupações, como meio efetivo de resistência, para que o resto do Brasil e quiçá o mundo soubessem o quanto se sentiam lesados.

Os iludidos e os enganadores costumam esquecer que as crises – e a tempestade é uma metáfora perfeita para um período de crise – decidem o futuro, quando, os que são por elas afetados, examinam a gravidade da

hora em curso e reconhecem a necessidade de lutar por mudanças que transformem a realidade em algo melhor. A tempestade, causadora de tribulações, mas vista de uma perspectiva esperançosa e diligente, tem a função precípua de edificar o ser humano, de aperfeiçoá-lo como ente ético. Portanto, não deve ser menosprezada. Os secundaristas assim a compreenderam e encararam.

O colégio estadual Arnaldo Jansen, de São José dos Pinhais, teve o mérito de deflagrar o ciclo das ocupações.

Em Curitiba a primeira ocupação ocorreu no Colégio Estadual do Paraná (CEP).

Por todos os quadrantes do estado elas se propagaram céleres.

Muitas pessoas apoiaram os ocupantes, entre elas este que escreve. Ele foi, como tantos outros, um coadjuvante, um partícipe secundário; deu alguma coisa de si como contribuição no esforço coletivo. Todavia, o protagonismo pertenceu, por inteiro, aos estudantes. A eles toda a honra e a glória.

O assassinato de um adolescente no Colégio Safel, no dia 24 de Outubro, embora tenha sido aproveitado pela mídia local e pelo governador para culpabilizarem as ocupações, de forma distorcida e oportunista, não passou de um fato isolado e lamentável, conseqüente da desinteligência entre dois jovens, por motivo respeitante a eles



Giorgia Prates

e ao modelo de sociedade em que vivem, com suas mazelas peculiares.

Quase 900 escolas ocupadas no Paraná. No país mais de mil.

O ocupar e resistir mexeu com os brios dos universitários que passariam a se valer, pouco depois, da mesma prática.

O momento culminante das ocupações ocorreu na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná (ALEP), no dia 26 de Outubro, com o pronunciamento iluminado de Ana Júlia, posteriormente convidada a falar no senado federal. Também Lula curvou-se aos encantos dessa figura cândida e heroica. Estava cumprido, de modo digno, o propósito dos secundaristas. Uma lição inesquecível para os adultos.

A jornada de Brasília em 29 de Novembro fecharia simbolicamente o ciclo ocupacional aberto em 3 de Outubro.

Três pontos relevantes devem ser mencionados durante esse espaço de tempo, a saber, o concurso da Antifa (coletivo de antifascista) no serviço de segurança de várias escolas (especialmente do CEP), a criação do CAOS (Coletivo Autônomo de Organização Secundarista), e um magote de estudantes do Colégio Arnaldo Jansen, que teve atuação aguerrida não só no seu âmbito escolar, mas, por igual, na ocupação de uma universidade.

Componentes desses grupos deram suporte à ocupação da UTFPR (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) ao término de Novembro.

A maior e melhor realização dos secundaristas, entretanto, não foi o que se pôde ver externamente, no plano concreto, através dos fatos. O feito mais significativo que lhes coube alcançar foi de outra dimensão, invisível ao olhar inexperto: a construção de consciências. Os que, de maneira desassombrada – de pé, firmes, com voz ativa – não se esquivaram à tempestade, ganharam fortaleza, adquiriram a preciosa aptidão, pelo exercício do experimento; expandiram o espírito e ampliaram os próprios horizontes, colocando-se em condições privilegiadas para superar as novas crises que virão. Eis, para este depoente, o que as ocupações deixaram como grande legado.

# Do mito ao protagonismo nas ocupações



Marcielly Moresco<sup>1</sup>

Um gênero que o chamam de frágil, que é o segundo e não o primeiro; um gênero que, em Gênesis, é a origem do mal e da infelicidade, a potência das sombras e das ameaças; um gênero que não é o criminoso, mas considerado o instigador do crime. O gênero feminino. Temem o gênero, mas o que se sabe sobre as mulheres? O que se pensa sobre a capacidade política – e de se fazer política – das mulheres?

Às mulheres sempre foi negada a presença no poder político, mas eram elas que estiveram na vanguarda de muitas das revoluções, motins, manifestações e, recentemente, ocupações. As meninas convocadas ou não convocadas para as ocupações foram protagonistas. Não é só motivo para admirar, pois foram elas também as que mais sofreram (e ainda sofrem).

Pais e mães preocupados em deixar a filha sozinha na ocupação da escola; “Dormir no mesmo espaço com outros meninos?”, questionavam alguns professores e professoras. “Como assim os banheiros não

possuem divisão de gênero?”, balbuciavam os curiosos. “Essas alunas lutam como homens”, falaram os sexistas. “As estudantes precisam se dar ao respeito. Onde já seu viu meninas enfrentando PM, diretores de escola, MBL, mídia hegemônica?”, dizia o restante da conservadora sociedade.

Sem dúvida, há tempos que os papéis de gênero não eram tão definidos com rigor normativo fora da escola e, lá dentro das ocupações, tão desconstruídos. As clássicas fronteiras entre o público e o privado dentro das ocupações nem sempre existiam – ou mudavam o tempo todo. O que interessava mesmo era a constituição de um espaço político, muitas vezes público, dos dois gêneros – ou de gênero nenhum, tamanha era a diversidade. Eram espaços para todas as orientações sexuais, identidades, corpos, cores e raças, religiões e crenças.

Os velhos estereótipos e o discurso de habilidades e aptidões particulares de cada gênero “aos meninos, o cérebro, a inteligência, a força, a segurança; às meninas, o coração, a sensibilidade, a limpeza, a cozinha” foram apagados, como se apaga um quadro de giz. Neste quadro, o giz escrevia a única divisão tolerável nas ‘ocupas’: as comissões. Na limpeza, na segurança, na comunicação, na alimentação meninas e meninos compartilhavam as tarefas. O machismo era resolvido ali mesmo: diálogo ou expulsão. Elas

1 Doutoranda em Educação (UFPR); Mestra em Comunicação (UFPR); Graduada em Comunicação Social (UEL). Pesquisadora do Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação (LABIN/PPGE/UFPR) e do Núcleo de Estudos em Ficção Seriada (NEFICS/PPGCOM/UFPR). E-mail: marciellymoresco@gmail.com.



estavam em uma escola diferente, ocupada e, portanto, queriam também um espaço livre da opressão e da disciplina cotidianas do espaço escolar.

Tentaram calá-las, civilizá-las, torná-las passivas e submissas. Disseram que elas deviam ficar em casa, estudando, lendo, aprendendo a cuidar do lar e da família. No entanto, foram as mais resistentes, pois a militância já tem rosto e ele sempre foi masculino, branco, heterossexual, viril. Na militância, as mulheres são consideradas liberais e subalternas. Foi assim na ditadura, contam mulheres que passaram por esse período sombrio. A elas eram destinadas atividades na cozinha e a confecção de cartazes. Se alguma quisesse discursar, era logo masculinizada, obrigando a vestir-se com as roupas dos homens.

Historiadoras francesas destacam que, durante muito tempo, a iconografia

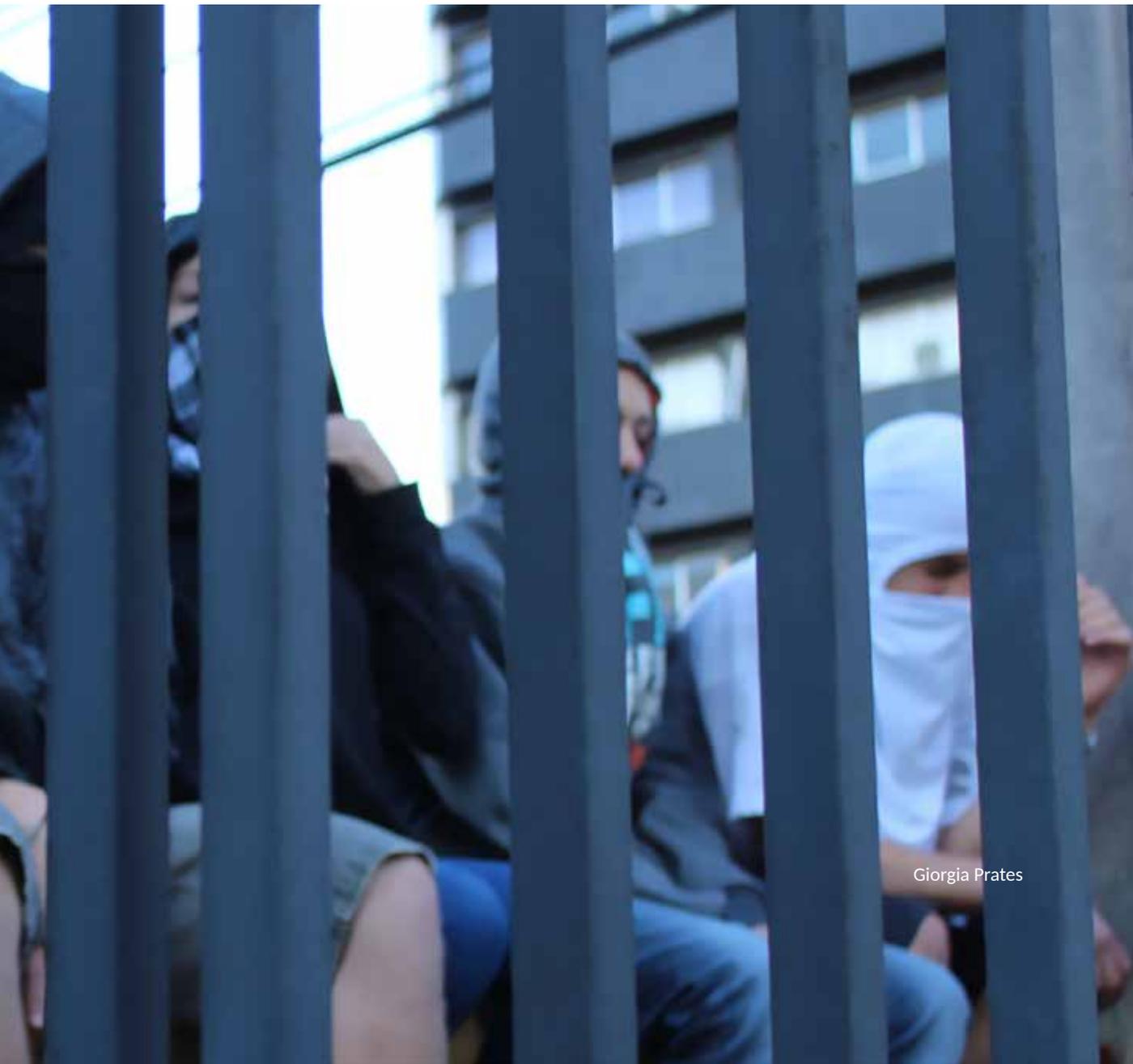
reproduziu a mulher na imagem da Penélope, aquela da mitologia grega. Sempre sentada, esperando passivamente, como se a ela fosse impossível aquele ímpeto de levantar, criar, lutar, resistir e se colocar em ação, dotada de vida, dando elas mesmas movimento às práticas.

Já as estudantes ocupantes ressignificaram o mito. Decidiram lutar e foram até suas escolas. Ocuparam. Defenderam a horizontalidade e não se deixaram colonizar. Nas ocupações, as mulheres interviam coletivamente com os homens. Armadas ou não, com o rosto coberto ou não, foi com o corpo, com a voz e com o punho cerrado que elas lutaram.

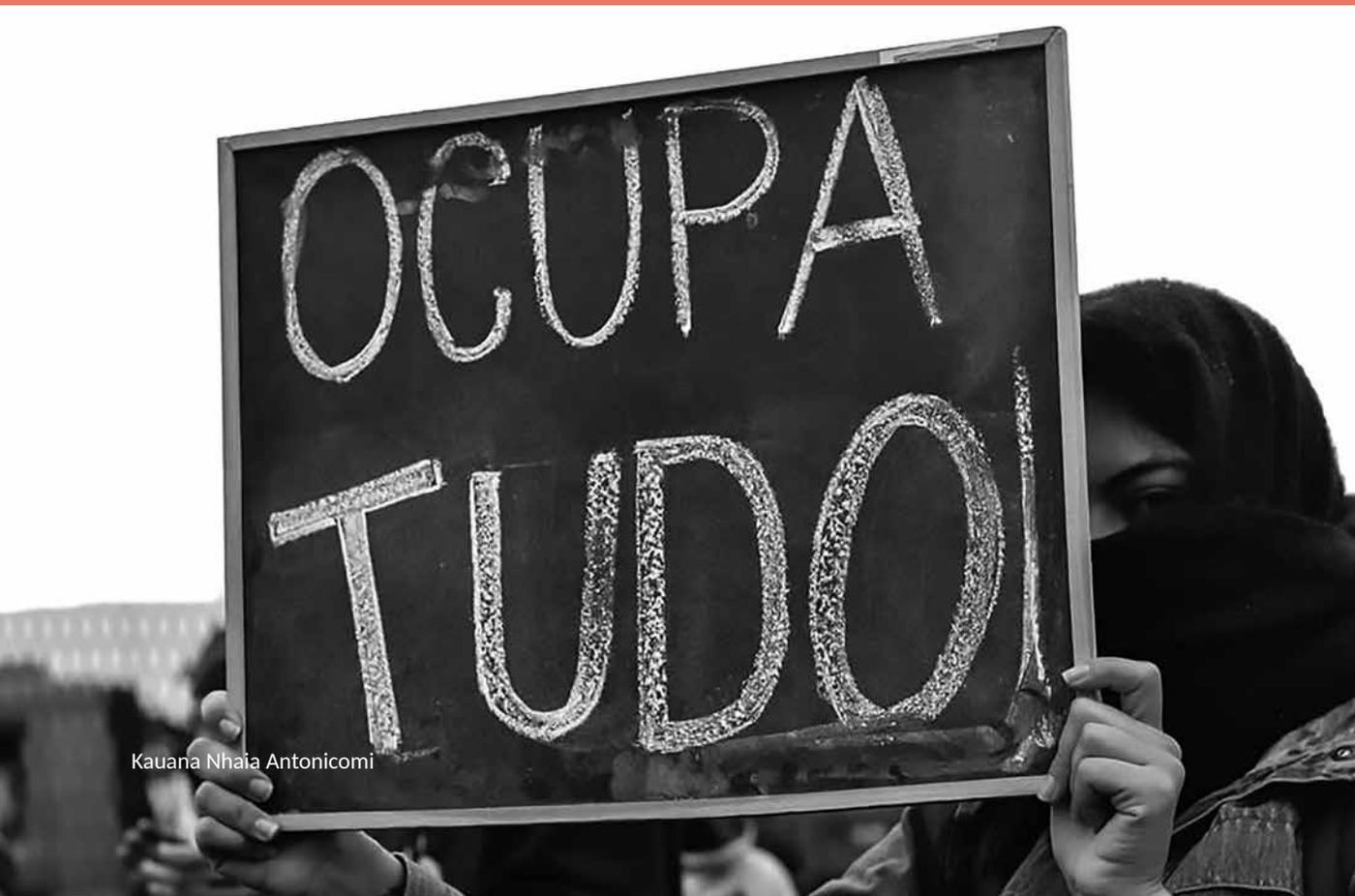
É por isso que escrevo sobre elas. Uma mulher observando, contando e descrevendo outras mulheres. Pois é sobre a exclusão feminina da sociedade e da História que precisamos falar e sobre como essas estudantes



ajudaram a criar elas mesmas um movimento histórico e inédito. A participação feminina nas ocupações não aconteceu porque os homens deixaram. Aconteceu porque elas conquistaram os espaços que são seus por direito. Mostraram que homem nenhum pode silenciar suas vozes nas assembleias e reuniões. Que lugar de garota é também no púlpito da “Casa de Leis”. Que lugar de mulher é onde ela quiser, principalmente na luta. Que são meninas jovens, mas não são autômatas. Que lutam, e lutam como garotas. E elas estarão presentes aqui, ali e além. Elas estão na História agora.



# As ocupações das escolas públicas em Paranaguá-Antonina e seus diversos olhares



*Marcos Gaspar, Andrieli Costa,  
Joseli Machado, Debora Moura,  
Porfiro Lima, Gabriele Menegildo,  
Maria C. Santos, Carolini Felizardo,  
José F. Góes, Bruna Nóbrega,  
Emanoele Esteves, Cristian Zairuka,  
Matheus Sotomaior, Ketelen Santos*

Este texto é resultado das discussões realizadas na disciplina de Práticas Pedagógicas, ministrada pelo professor Marco Antônio M. L. Pereira. O objetivo central é tratar das relações estabelecidas entre os acadêmicos do 1º ano do curso de História da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranaguá, com os jovens secundaristas durante o processo de ocupação das escolas nos municípios de Paranaguá e Antonina. Pretende-se também mostrar como a luta contra os ataques do governo federal à educação pública, sobretudo através da PEC 241/55 e da Reforma do Ensino Médio, repercutiu no litoral paranaense a partir de meados de outubro de 2016.

### **Ocupações das escolas em Paranaguá**

“A precariedade da educação no país é palpável, tanto o corpo docente quanto o discente sofrem com o sucateamento e o descaso nas escolas e universidades públicas. O surgimento da MP 746 e a PEC 241 (atual 55) foram o estopim da chamada ‘primavera secundarista’, movimento que em 2016 se iniciou no Estado do Paraná e inspirou estudantes de todo o país a ocuparem mais de mil instituições de ensino em prol da luta por uma educação de qualidade. Eu, estudante de uma universidade pública, fui honrada de ter vivenciado esse movimento social em duas esferas: como universitária e ‘professora’ do Ensino Médio. Por ser uma das bolsistas do PIBID, tive a oportunidade de estar em uma das escolas no momento da ocupação. No meio da aula que estávamos ministrando no Instituto Estadual de Educação, meus colegas e eu soubemos que o grêmio estudantil e os alunos estavam articulados no movimento. É importante frisar que nós nunca havíamos sequer levantado essa questão da ocupação, tudo foi encabeçado pelos próprios estudantes. Fiquei extremamente surpresa, pois eles conseguiram criar uma rede de contatos com os grêmios de diversas escolas, professores e advogados, com a finalidade de suprir as necessidades de todos, uma espécie de

rede onde mantimentos, palestras e ajuda jurídica eram solicitados. Junto ao PIBID e outros alunos dos cursos de licenciatura da Universidade, visitei diversas escolas para conhecer e ministrar aulas. Essas aulas eram solicitadas pelos estudantes. As demandas por temas relacionados à política nacional eram grandes, porém temas como gênero, violência doméstica, oficinas de teatro, aulas para o ENEM e etc., também o eram, pois não eram trabalhados nas escolas normalmente. Além disso, para que toda a comunidade conhecesse as motivações do movimento, os pedidos de debates e rodas de conversa a respeito da PEC e da Reforma do Ensino Médio eram constantes. Ademais, a organização era impressionante. Muitos dizem que os jovens não gostam de regras, porém nas ocupações o sistema de regras era rígido. Em sua autogestão, os alunos se dividiam em grupos e horários para realizar todas as atividades: da limpeza até as pessoas que falariam com a imprensa. Nestas visitas entre as escolas ocupadas de Paranaguá foi notória a desigualdade social presente na cidade. Em contraste com as escolas do centro, em relação ao ensino, os alunos dos colégios periféricos tinham menos conhecimento de alguns conteúdos, era possível notar através das referências. Esta situação mostra que o ensino varia dentro da mesma cidade, fazendo com que tivéssemos uma didática diferente dependendo da região da escola. Além disso, o apoio às regiões periféricas era menor, os estudantes eram alvos constantes de injúrias e difamações; ameaças eram feitas por pessoas contrárias ao movimento, que muitas vezes eram pais de alunos” (Débora Moura).

“Chegamos para nossa aula na Unespar quando surgiu a notícia que o colégio estadual José Bonifácio havia sido ocupado. Fomos convidados pelos nossos professores a visitar a escola, onde teríamos uma roda de conversa com as lideranças do movimento e com outros estudantes que faziam parte da ocupação. Ao chegarmos lá nos deparamos com o portão fechado e algumas alunas controlando a entrada. Mais adiante avistamos cartazes com a organização e os deveres de cada estudante. Como notei que os auxílios do nosso grupo estavam centralizados nos colégios da região central de Paranaguá, convidei minha colega de sala para visitarmos os colégios da periferia da cidade oferecendo palestras, cine-debates e rodas de conversa com temas diversos.

Minha experiência foi maravilhosa, pois aprendi muito com estes jovens que deixaram suas casas para participar da luta em prol de melhorias na educação. Não tenho palavras para expressar o quão nobre foram estas ações e o quanto aprendemos com elas” (Marcos Gaspar).

“As ocupações das escolas estaduais no Paraná foram um movimento surpreendente e muito especial, pelo menos em minha opinião. Uma delas foi a expressiva participação das escolas parnanguaras. Minha experiência nesse movimento não se deu como ocupante e sim como colaboradora, dando suporte aos estudantes. Digo, que, para mim, foi surpreendente, porque como professora PSS do estado (desde 2008), tinha um terrível sentimento com relação a essa geração de estudantes. Por vezes, saía da escola desanimada e preocupada com o futuro do nosso país. Quando de repente me surpreendo com um movimento como este, o ‘Ocupa Paraná’, e vejo estes mesmos jovens tomando voz, se ‘levantando’, se posicionando, pensando, lutando, exercendo sua cidadania. Importante destacar que os secundaristas não tiveram apoio do conjunto da sociedade, dos meios de comunicação, muito menos do governo e nem da maioria dos colegas de classe e dos seus professores. Pelo contrário, estes fizeram de tudo para descaracterizar o movimento. Contudo, os estudantes se mantiveram fortes, mesmo sendo poucos. Fizeram história e não qualquer história. Uma história justa, linda, limpa, cheia de emoção, da qual merece todo o nosso respeito e admiração. Alguém pode dizer/pensar: o que adiantou? A Reforma do Ensino Médio e a PEC 55 foram aprovadas, não importa...o que importa é que lutaram...o que importa é que a experiência que tiveram trouxe um aprendizado singular que não aprenderiam em universidade alguma. Com certeza esses alunos não são mais os mesmos depois das ocupações. Sofri, briguei, discuti, chorei com cada comentário maldoso (‘invasores’, ‘desocupados’) nas redes sociais, nas filas dos ônibus, nas praças, nos jantares e almoços em famílias ou amigos, etc. Chorei ao ver Ana Júlia dando seu depoimento emocionado na ALEP, pois o aperto que estava no coração dela também estava no meu. Me emocionei muito quando no momento em que cheguei em um dos colégios no qual leciono e os alunos estavam lendo a ata de ocupação. Foi lindo, de arrepiar. Para mim,

foi renovador, estimulador, foi o que eu precisava para continuar acreditando em minha profissão e em meus alunos. Em meio a tantos problemas enfrentados em nosso ofício, nesses últimos anos do governo Beto Richa, posso afirmar que as ocupações foram recompensadoras/renovadoras de forças e de perspectivas. Eu só posso dizer: ‘Muito obrigado, vocês encheram a minha ‘cara’ de orgulho’. Meu respeito e admiração por todos esses alunos! Parabéns! (Joseli da Silva Machado).

### **Ocupações das escolas em Antonina**

“No final de 2016, tive a oportunidade de participar juntamente com alguns alunos da ocupação do colégio Moisés Lupion em Antonina. A instituição foi a primeira escola a ser ocupada pelos estudantes, logo depois, foram ocupados os colégios Profa. Maria Arminda, Prof. Rocha Pombo e o colégio técnico Dr. Brasília Machado. Durante o pouco tempo que participei, pude perceber que diferente do que as pessoas falavam e comentavam nas ruas, os alunos detinham um enorme conhecimento dos assuntos debatidos nas ocupações e fizeram desse movimento um meio de serem ouvidos, já que para algumas pessoas os estudantes não passavam de ‘vândalos’ e ‘rebeldes sem causa’. No Moisés Lupion foram realizadas palestras, oficinas, teatros. Além disso, os secundaristas organizaram o espaço da escola, limpando e fazendo hortas. Nem todos os professores eram favoráveis às ocupações, mas os poucos que foram ajudaram bastante os alunos. Pais, alunos e professores contrários ao movimento fizeram um abaixo-assinado para que as aulas voltassem. Depois de algumas semanas os alunos ocupantes foram chamados para uma conversa no fórum com a presença da promotora, que se mostrou compreensiva com as reivindicações dos estudantes” (Ketelen Santos).

“O que eu pude perceber é que os alunos estavam muito engajados na luta. A primeira ocupação foi a do colégio Moisés Lupion, que contou com o auxílio até mesmo de pessoas de fora, como alguns estudantes da Unespar, um advogado e sua esposa, entre outros integrantes. Apesar do esforço e determinação, percebi que faltava mais pessoas para pensarem como deveria ser a organização do movimento, pois aquele era um colégio grande. Esses



Giorgia Prates

estudantes, além de sofrerem com a falta de apoio dos professores, também sofriam com a escassez de alimentos, tendo que se alimentar apenas de pão e macarrão. Posso afirmar que contribui no que pude, levando alimentos, trabalhando em oficinas e revitalizando a pintura do colégio. O aspecto desagradável se deu com a presença dos policiais e do conselho tutelar que, ao contrário do que ocorreu em Paranaguá, não deu apoio e respaldo ao movimento dos secundaristas. Por outro lado, foi possível perceber que houve uma grande comunicação entre os estudantes das escolas ocupadas, especialmente na produção de cartazes, na distribuição de alimentos e na produção de oficinas. Infelizmente não foi um movimento que teve boa repercussão, levando em conta que os estudantes foram duramente criticados por outros professores que diziam que o movimento em uma cidade pequena de nada adiantaria e que era perda de tempo. Os alunos que participaram das ocupações foram taxados de ‘vagabundos’ e ‘preguiçosos’ e acusados de estarem apenas matando aula e que não sabiam os motivos pelos quais estavam lutando” (José Fernando Góes).

### Considerações Finais

Durante as ocupações das escolas pudemos observar de perto a precariedade das instituições de ensino, ou seja, a estrutura mínima disponibilizada para os alunos. Entretanto, vimos também a energia, empolgação e vontade de lutar por direitos. A cada nova escola ou universidade ocupada ficava evidente que a luta pela garantia de uma educação de qualidade havia se tornado prioridade para aqueles jovens. Embora a experiência tenha durado pouco, os estudantes foram capazes de demonstrar sua capacidade de pensar de forma autônoma, elaborar novas estratégias de luta e construir uma identidade como cidadãos que não estão contentes com o cenário político brasileiro. Para nós, enquanto estudantes do curso de História, essa experiência proporcionou uma grande demonstração de exercício da cidadania. Enquanto futuros professores, podemos dizer que essa luta também simbolizou a renovação do ideal de atuação docente. Em resumo, essa foi uma experiência transformadora, sob todos os aspectos: pessoal, político e social.



Giorgia Prates



Maira Kalline



Ana Gabriela Lyko

Nós secundaristas, vimos nos movimentos de ocupação contra a medida provisória 746 uma oportunidade de discutir temas que deveriam ter mais destaque durante as aulas. Sempre haviam grupinhos de conversa que, por mais que tivessem os mais variados assuntos, sempre continham teor político. Nesse sentido, o que mais me marcou foi a pauta feminista. Nós mulheres, éramos maioria e não aceitávamos ficar limitadas as comissões de limpeza e alimentação, havia de ter mulher na comissão de segurança assim como meninos fazendo almoço e limpando o colégio. Os banheiros e dormitórios unissex eram uma forma de mostrar que em uma escola organizada pelos alunos, imposição de gênero não tem vez. Talvez o maior destaque nas questões de gênero durante a ocupação do Colégio estadual do Paraná tenham sido os debates ministrados ora por professores convidados, ora por nós mesmas que sentíamos a necessidade de compartilhar nossas experiências com machismo dentro do colégio. Foi a partir dessas conversas, acontecidas muitas vezes tarde da noite, quando a insônia se fazia presente, que descobri não ter sido só eu a sofrer assédio de tal professor, ou então, que não era só eu que me incomodava com certas piadas e, ufa, não era só eu que não achava certo ter de esconder o absorvente para ir ao banheiro. Mas, mais do que reafirmar nossos discursos entre as já autodeclaradas feministas, houve a oportunidade de empoderar outras meninas, mostrando-as que elas têm voz e não precisam se submeter a certas situações tanto no meio escolar quanto fora dele. E o melhor de tudo isso, além da oportunidade de crescer dentro da minha militância pelos direitos das mulheres, foram as amizades construídas. Hoje, além de sermos amigas, formamos uma rede apoio que visa proteger as meninas de situações de opressão dentro do meio escolar, e isso dificilmente teria acontecido sem o espaço para questões sociais que a ocupação nos abriu.





NÃO ABANDONEMOS A LUTA

*Luís Belmiro*

Quem são vocês?  
Nobres fazendeiros banqueiros  
Quem somos nós?  
Pretos pobres velhos  
Gays mulheres crianças  
Nova York Paris Tóquio  
Museus piscinas bordeis  
Salvador Recife Curitiba  
Favelas praças escolas  
Cachaça e cerveja  
Água benta  
Champanhe e whisky  
Água sanitária  
O seu ódio  
Não vai impedir os nossos beijos  
O meu riso  
É mais forte que o seu rancor  
Mentiras doces com gosto amargo  
Gritos silenciosos de bocas fechadas  
Os seus deuses  
Não olham por nós  
Os nossos santos  
Dançam aos quatro ventos  
Essa casa é minha  
Essa rua é nossa  
Esse lugar não é seu  
Fora Temer.

Pedagogia  
APOIA  
Secundaristas

PEDAGOGIA  
CONTRA  
A PEC241

NÃO A PEC241  
DINHEIRO NA  
EDUCAÇÃO  
NÃO É GASTO  
É INVESTIMENTO

MULHERES  
NA LUTA PELOS  
DIREITOS

MP746  
PEC241  
BETORRICA  
PR  
#FORA

O CURSO DE  
PEDAGOGIA PARA  
OS ESTUDANTES  
DEBEMOS  
LUTAR A TODOS  
OS MOMENTOS  
E TODOS OS  
DIAS POR UMA  
EDUCAÇÃO  
DE QUALIDADE

EM  
DEFESA DA  
ESCOLA PÚBLICA!

*O mundo modifica para os que reagem.*

*Carolina Maria de Jesus*

## **22 de novembro de 2016**

Assembleia da Associação de Professores da Universidade Federal do Paraná. Plenária delibera greve docente contra PEC (241); contra a reforma do Ensino Médio (MP 746); contra a Escola sem Partido / Lei da mordaza; em apoio às ocupas secundaristas e universitárias; contra o golpe.

[Audre Lorde adverte: “Não há luta por um único tema porque não vivemos vidas de tema-único”]

Divergências políticas são expressas já na disputa pelas cadeiras do Auditório da Administração do Centro Politécnico. Diz-se que estudantes não deveriam ocupar os assentos. Recebem dezenas de avisos, são apontados com o dedo. Instalam-se no fundo do palco, atrás da mesa diretiva. Observam, gritam, se decepcionam.

O auditório está lotado, muita gente em pé, ainda que menos de 20% do corpo docente tenha comparecido. Não existe nenhum espaço institucional apropriado caso todas as pessoas que lecionam na UFPR decidam ir a uma assembleia. Isso parece impossível, de qualquer maneira.

Debates são quase irrelevantes, as pessoas têm suas opiniões formadas. A votação – tensa, longa, cansativa – se encerra com 193 votos a favor da greve, 257 contra e 20 abstenções.

Quem votou contra se retira sob vaias: “Vergonhaaaaaaa”.

Plenária esvaziada, seguem encaminhamentos, moções de apoio e de repúdio, criação de comissões para tal e tal ato.

Uma professora da Terapia Ocupacional acolhe crítica pronunciada anteriormente sobre greve ser um instrumento desgastado e pouco eficaz. Propõe como forma alternativa de mobilização aderir às ocupações estudantis. A votação é favorável.

Ato contínuo, algumas colegas do Setor de Educação acatam a sugestão e agendam um ato de ocupação docente para a mesma noite, 21h. Um manifesto, muitas fotos, vídeo encenado para divulgação. Há toda uma performance ativista, nem sempre confortável. Constrangimento ou medo ficam

menos significativos frente à necessidade de se pronunciar, assumir uma posição.

[Audre Lorde adverte: “Teu silêncio não vai te proteger”]

Somos sete, multiplicadas nos dias seguintes, e passamos a ocupar o Edifício Dom Pedro I da Reitoria junto com um grupo de estudantes resistindo desde fim de outubro.

## **23 a 25 de novembro de 2016**

Cada pessoa participa como pode. Tem quem venha só de manhã ou à noite, em seu horário de aula. Tem quem venha dormir e durante o dia trabalhe em outros espaços. Tem gente que só vai para casa tomar banho, tem quem empreste chuveiro perto da Reitoria para não precisar se afastar demais. Tem quem não passe da porta, tem quem fique na portaria. Tem quem participou no começo depois cansou, tem quem aderiu paulatinamente.

Tem gente esperançosa e gente desesperada. Tem gente no ativismo desde sempre, integrante de coletivo ou partido político, tem quem desconfie disso tudo. Estatística intuitiva diz que a maioria é de mulheres, de cotistas, de bissexuais, do curso de pedagogia. Mas tem de tudo.

[Audre Lorde adverte: “A necessidade de unidade é com frequência expressa erradamente como necessidade de homogeneidade”]

Não se dorme o suficiente numa ocupação. E é preciso muita organização para não perder a escova de dentes, o lençol, o carregador do celular, a presença de espírito. Há rotina, obviamente, mas ela não tem nenhum dos marcadores de tempo profissional-institucional habituais. Não se sabe com certeza em que dia da semana estamos, parece desimportante.

Há assembleias de última hora, visitas constantes, chamados urgentes de outras ocupas em busca de apoio contra ataques do MBL. Acontecimentos seguem de acordo com as possibilidades imediatas, com os últimos desdobramentos da política estudantil e universitária, das eleições municipais, dos mandatos de reintegração iminentes, das passeatas, das iniciativas individuais, dos últimos vídeos postados por ativistas, da venda de botons, da produção de cartazes, dos cuidados cotidianos. O tempo é outro, o corpo é outro, a vida é outra.

A comissão de oficinas mais faz cancelar do que agendar atividades. Ninguém



Giorgia Prates

consegue coordenar o cronograma e ninguém tem como saber tudo o que está previsto. E há previsões maravilhosas. Muita gente na cidade disposta e disponível para compartilhar conhecimento e cooperar na ocupação. Muita gente a favor, muita gente incentivando, muita gente na esquerda. Muita gente.

[Audre Lorde adverte: “Sem comunidade, não há libertação”]

A conversa não para e a conversa não tem fim, em redizer e reelaborar coletivamente a loucura normalizada de dormir em salas de aula, sentar em assembleia no hall de entrada, fazer da portaria um QG para DJ, carimbar todos os espaços com FORA TEMER, declarar que não estamos de

acordo com isso aí: nem golpe, nem PEC, nem desigualdade.

A transformação dos espaços é a transformação das relações e a transformação das relações é a transformação das pessoas (não necessariamente nessa ordem). Uma ocupação desinstitucionaliza as regras de convivência, desloca os papéis sociais, torna questionáveis as hierarquias, aproxima as pessoas, reconstrói as subjetividades. Coloca em movimento uma paleta inesperada e imprevisível de relações humanas, faz política anarco-minuciosa que não espera os outros mundos possíveis, cria uma parte deles já.

[Audre Lorde adverte: “Algumas vezes temos a sorte de escolher / o tempo, o

modo e a arena de nossa revolução / mas mais frequentemente / precisamos lutar exatamente onde estamos”]

É como se a Reitoria fosse a capital das esquerdas de Curitiba. É um dos locais com menos ataques do MBL (Movimento Brasil Livre). Para onde foram trazidas as pessoas após a desocupação da UTFPR pela Polícia Federal. Onde é possível nos reunirmos depois dos confrontos com a polícia. Onde o projeto de Suplicy de Lacerda foi desapropriado. Onde é seguro mulheres e homens usarem batom vermelho. Onde as paredes quase sempre concordam com você. (Sim, essa é uma versão romantizada da Reitoria. Mas há potencial político no jogo do contente.)

[Audre Lorde adverte: “Nossos sentimentos são o caminho mais genuíno que temos para o conhecimento”]

## 26 de novembro de 2016

Reintegração de posse entregue no dia anterior. É o limite da desobediência para muitas pessoas, que pedem desculpas ao ir embora. A limpeza do edifício dura até 3h30 da manhã. Dormimos no hall, ao lado da capela. Há receio da chegada da polícia federal ou do MBL. Uma doutoranda medita vigiando a porta para proteger nossos sonhos.

Assembleia pela manhã decide desocupar. Muitas pessoas vão para Brasília participar do ato contra a PEC durante a primeira votação no senado e o esvaziamento parece

inevitável. Mas o movimento não abandona a greve discente mantendo piquetes e mobilizações para evitar a retomada das aulas na Reitoria durante as semanas seguintes.

Desmontar a dispensa no hall do primeiro andar é uma lição sobre solidariedade em Curitiba. São pelo menos quatro caixas só de café; outras com sal, açúcar, arroz, feijão, lentilha, chimarrão, macarrão, molho de tomate, queijo ralado, temperos de todos os tipos, chá, leite, pasta de dente, sabonete, detergente, alvejante, desinfetante, sacos de lixo. Doações ao Dom Pedrão ou trazido de ocupas já esvaziadas. O elevador sobe e desce sete vezes para levar todas as caixas, toda a solidariedade empacotada que pode ser transferida, redistribuída e semeada. Ela vai para outra ocupação que resiste: das comunidades indígenas por direito à saúde.

O ato de desocupação reúne um pátio ensolarado de gente. Há manifesto, cartazes, fotos, faixas, canções. A vistoria dos edifícios é tranquila e favorável. Ficam recados nas salas de aula, nos anfiteatros, nas portas de gabinetes e escaninhos.

Ninguém quer ir embora, resistimos por ali. Firmes. Plantamos um pé de maracujá. Recolhemos o lixo do pátio. Sentimos saudades imediatas. À noite se reconhecem grupos de ocupa nas ruas, nos restaurantes, nos bares das imediações.

Espaços podem ser desocupados. Pessoas e relações, não.

[Audre Lorde adverte: “Revolução não é um episódio pontual”]



Giorgia Prates



# Vidas Divididas

*Ângela Scalabrin Coutinho*

Encontro no temerário alheio as pistas para aprender a andar

Descubro no tropeço outro as formas de me levantar

Entrego, com um sorriso amigo uma razão para continuar

Nada é fácil ao se dividir a vida

Tudo é válido quando se compartilha

Toda luta pode ser vencida

O que importa é o quanto vamos nos entregar

Então...

Por mais sonhos compartilhados

Por mais verões poetizados

Por mais abraços apertados

Por mais conversas no portão



Giorgia Prates



Giorgia Prates

# Fim de Tarde em Ponta Grossa

*João Davi Kluber*

Toda casa hospeda a insegurança a contragosto  
Dá pra ver o medo e a tristeza em cada rosto  
O povo grita pedindo pra não ser mais assaltado  
Mas quem protagoniza os maiores assaltos é próprio Estado.  
“O povo unido jamais será vencido!”  
Nem as palavras de ordem fazem mais sentido  
A gente chama prefeito, deputado, governador, vereadores,  
policiais... ops! Alguns massacram professores...  
A gente monta um ato, chama televisão, clama, pede atenção  
“Vai pra cadeia ladrão!”  
Enquanto isso os ladrões ricos nos roubaram mais um milhão.  
Quando o conformismo acaba começa a revolução  
E isso, meu amigo, eu li numa pichação.



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates

*Luana Vieira (depoimento IEPPEP)*

Sabemos que existem pessoas, muito desinformadas inclusive, que pensam que as ocupações eram baderna, um bando de adolescentes desocupados que queriam um pouco de atenção. Reforçamos sempre que essas pessoas estão muito erradas, tínhamos pautas legítimas e ainda lutamos por elas, pois a luta secundarista não para.

Mas as ocupações não foram apenas um instrumento de luta a favor da educação pública de qualidade, elas mostraram aos estudantes que a escola é lugar de debate, lugar de fala das minorias ali presentes, um lugar que se inicia a quebra dos preconceitos presentes na nossa sociedade. Um lugar de mudança!

Por mais que tenhamos uma maioria de mulheres no nosso colégio, por ofertar o curso de formação de docentes, eu nunca havia visto uma articulação das meninas, para se darem apoio e se empoderarem. E foi a primeira coisa que aconteceu na ocupação, as meninas reconhecendo não só a sua força mas às das colegas, e lutando bravamente pra destruir o machismo que estava presente na nossa escola. Os debates feministas ocuparam os nossos espaços e foram os protagonistas ali, os próprios meninos faziam questão de participar dos debates pra entender as nossas pautas como mulheres de luta e assim o fizeram.

Teve uma situação em que separávamos as tarefas da ocupação e um garoto disse que o lugar das meninas era na cozinha, e é claro que não ficou por isso mesmo, as meninas se juntaram pra explicar para esse ser humano que o lugar da mulher é onde ela quiser, e que se ele pensava daquela forma o lugar dele não era na ocupação. O mais interessante foi ver que naquele momento todos os outros meninos já tinham entendido isso e estavam do nosso lado, mas o melhor de tudo foi que nenhum deles quis se sobrepor sobre nós, eles souberam respeitar nossa vivência e lugar de fala.

Ficou muito marcante que a diversidade é a coisa mais linda que temos nas nossas escolas, e a partir das ocupações a liberdade de expressão passou a ser regra pra deixar tudo cada dia mais lindo e colorido, com mais respeito, amor e coletividade. Aprendemos que a luta se faz todos os dias, quando escutamos o que o nosso próximo tem a dizer, já que ele tem uma vivência diferente da nossa e pode acrescentar positivamente à nossa militância.

Permanecemos FIRMES, as escolas ainda serão um lugar de mudança de mente, vamos passar aos estudantes que não participaram dessa luta todo o conhecimento adquirido. Empoderamento e respeito para todas as manas, as monas, trans, bi, não binários, assexuados, lésbicas e panssexuais.



*Gabriel, Militante do coletivo  
Ação Antifascista Curitiba*

Assim como várias instituições públicas de ensino e até mesmo algumas poucas privadas, em todo Brasil, no Paraná não foi diferente, estudantes secundaristas e universitários foram a luta contra a MP 746, PEC 241 e Lei da mordaza (escola sem partido), ocupando suas escolas, universidades e lotando as ruas da cidade de Curitiba e região metropolitana, na tentativa de barrar essas medidas.

Medidas essas que acabariam com o senso crítico e com isso deixando uma lacuna no aprendizado no aluno, adolescentes, em sua fase mais decisiva em relação as suas opiniões que podem até mesmo dar rumo às suas vidas, como a "Lei da mordaza" e influenciar no futuro, barrando oportunidades e caminho difíceis para a educação e economia nacional como o que a PEC e MP resultam.

A partir desses ataques, que logo após, transformados "Goela a baixo" em emenda constitucional, a revolta e indignação em relação a estas medidas toma conta da juventude estudantil, manifestações e várias outras maneiras de protesto e demonstração de descontentamento com as ações tomadas pelo supremo se tornaram diárias.

A primeira escola a se mobilizar em grandes ações foi em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, logo após pouco tempo de mobilização, várias outras escolas de Curitiba e outras regiões se mobilizaram. Protestos de rua, já não davam conta de representar a luta dos secundaristas. "Participar de uma ocupação não é ficar batendo papo de pernas pro ar e impedir os professores de ministrarem suas aulas, nem um período de férias para ficar em casa assistindo filmes e colocando as séries em dia, ou muito menos é coisa de pessoas sem serviços e desocupadas (como muitos dizem). Estar em uma ocupação não é somente ocupar um espaço, é estar ocupado!

Estamos ocupados construindo o Brasil que queremos, ou ao menos lutando por ele. Não é um semestre que está em jogo, são vinte anos do nosso futuro, o futuro da tão sofrida educação e saúde brasileira." Como militante e membro do coletivo Ação Antifascista Curitiba, em atuação na cidade, já havia participado de ocupações anteriormente, porém, jamais participado de uma ocupação em colégios e ações semelhantes.

Em conversa com alguns colegas de militância fomos convidados a participar e colaborar na elaboração dos planos para atuar em ações no Colégio Estadual do Paraná, após alguns encontros de discussão, ouvindo os secundaristas e auxiliando na organização, (Encontros estes dificultados por organizações estudantis partidárias) os estudantes decidem por ocupar o colégio por tempo indefinido.

A participação de nosso coletivo na ocupação do colégio, se seguiu nos momentos de organizar os próximos passos que a ocupação tomaria em relação à organização dos alunos, tirando dúvidas em relação a horizontalidade em organização geral autonomia e segurança, questões de gênero e demais assuntos foram completamente organizados pelos próprios secundaristas, que na maioria das vezes já tinham seu posicionamento político e social, ao contrário do que a mídia burguesa divulgava a todo momento. Reforçando a questão de ideologia, organizamos oficinas e círculos de discussão sobre temas políticos, onde os secundaristas se identificaram, levantando as mesmas bandeiras de luta, utilizadas em outras lutas estudantis e populares nacionais e internacionais, reafirmando suas posturas maduras em relação ao momento de luta. O auxílio aos primeiros secundaristas para organizar seus colégios e ocupações, acarretou em uma grande quantidade de estudantes entrando em contato com a Ação Antifascista, buscando "ajuda" e dicas para ocupar suas escolas e organizar ocupações já feitas. Os militantes de nosso coletivo chegaram a participar de inúmeras ocupações, no ato de ocupar, organizando a segurança e dialogo com professores, diretores e uma minoria de alunos que eram contra a ocupação que muitas vezes agiam com muita violência, chegando a nos ameaçar com arma de fogo. Assim que ocupado o colégio, os membros do coletivo passaram a realizar círculos de conversas, cine debates, oficinas e participaram de várias atividades na maior quantidade de ocupações possíveis, utilizando materiais doados, caronas e muita ajuda de parceiros e pessoas sensibilizadas com a causa antifascista e luta estudantil. Além destes momentos que trocamos experiências e conhecimentos com os secundaristas, dividimos momentos tensos e desagradáveis após o início das mobilizações para desocupação das escolas e mobilizações de organizações para sabotar, deslegitimar e



até mesmo realizar desocupações forçadas por alunos, professores, organizações contrárias e pais de alunos desinformados da importância da luta estudantil.

Em diversas ocasiões, pessoas que apoiavam as ocupações e secundaristas entravam em contato via telefone e redes sociais de nosso coletivo, pedindo auxílio para conter ataques às ocupas. Em várias escolas organizamos com os estudantes, círculos de conversas e debates para desenvolver estratégias para conter e prevenir os ataques, em que alguns deles eram utilizados bombas, fogos de artifício, e violência física. Não só apenas com civis que, junto aos secundaristas, tivemos que encarar, as desocupações com ordem judicial feitas pela polícia também foram um grande problema. Processos judiciais e violência física deixavam a resistência cada vez mais "pesada", porém os secundaristas não desistiram nem

desanimaram de suas lutas, que já ultrapassavam seus 30 dias de resistência, como já dito antes "Foi maior que o Chile", e foi mesmo, maior que a famosa revolta dos pinguins. E a luta estudantil, que permaneceu horizontal e autônoma permaneceu mesmo após as desocupações, a resistência foi levada à Brasília, recebida com balas de borracha, gás lacrimogêneo, e muita bomba de efeito moral. A luta não acaba, novos ataques virão e a luta estudantil não vai descançar e não vai desistir, seja na rua, na escola ou o país todo, o nosso lema é Ocupar e Resistir.

Como militante antifascista que vivenciei a luta secundarista em 2016, posso dizer que presenciei momentos que são exemplos de firmeza e resistência, momentos que levarei comigo como aprendizado para minha vida. A revolução será feita pela base, trabalhadora e estudantil! Firme!



Jogos no computador/videogame: proibido,  
porque quando chamam p/ qualquer coisa  
quem tá jogando pede pra esperar.

Uso da quadra: final de semana  
depois das 17:00.

Faxina Geral: Lavar banheiros, Lavar sagedo  
3º, 5º, sábado pela manhã.

Alimentos que chegam: qualquer um pode  
guardar.

- Limpeza diária: todos os dias dobrar,  
guardar, varrer, tirar lixo de banheiro.

- Levantar: na hora que chamar. e não  
se enrolando

Georgia Prates



Georgia Prates

# Comitês & Motivações

*Ynaê Mahatma Paiva Franco, secundarista*

Durante o período de ocupação, para que houvesse plena organização, os integrantes do movimento, de cada escola, foram separados em grupos, denominados comitês.

Dentre os comitês, podemos citar: o comitê da segurança, que objetivava fiscalizar os visitantes, tendo controle de quem entrava ou saía da instituição escolar; O comitê da alimentação, cujo objetivo era arrecadar mantimentos e preparar as refeições para os integrantes do movimento que pernoitavam e ainda, para aqueles que passavam o dia auxiliando; O comitê da saúde, com propósito de atender no caso da ocorrência de um pequeno acidente, com os primeiros socorros, envolvendo um kit básico de prático manuseamento; O comitê da comunicação que, tornou possível a realização de diversas atividades como shows, palestras, oficinas e, principalmente, aulas de cidadania foram, também, os responsáveis pela

divulgação dos projetos e alimentação da página online da Ocupa, articulando o movimento e suas razões com a sociedade. Por fim, o comitê da organização fornecia as coordenadas para os demais, com enfoque na boa convivência com a participação efetiva de boa parte do pessoal que se propôs a ajudar, seguiram uma série de orientações pré-estabelecidas em grupo.

Já que todas as decisões adotadas pelo grupo eram aderidas em assembleia, democraticamente, com a presença dos membros de cada comitê e ainda de outros colaboradores, ambos dispunham de oportunidade de externar sua opinião em relação ao movimento. Com pauta estudantil unicamente em prol da educação de qualidade em refutação à Medida provisória (MP 746/2016) proposta no governo de Michel Temer, e em objeção à Proposta de Emenda à Constituição (PEC 241/2016), o movimento alcançou as mídias internacionais, sendo o maior movimento estudantil que o Brasil já presenciou.





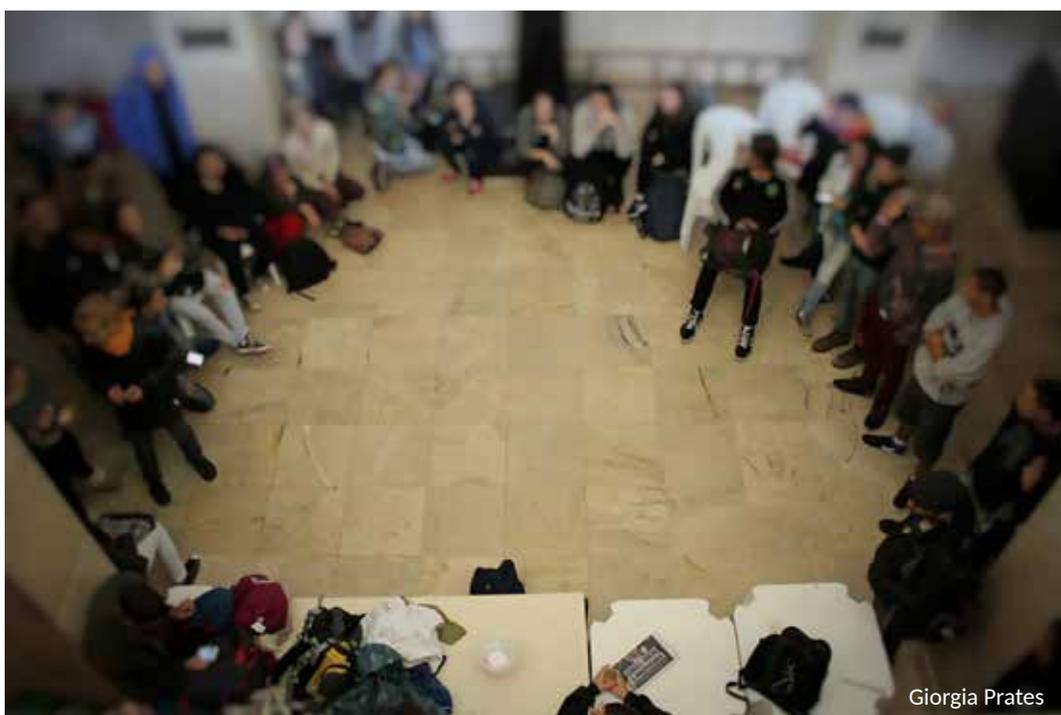
# VINTE HORAS EM MOVIMENTO **X** 20 ANOS DE CONGELAMENTO



Giorgia Prates

O processo de ocupação foi muito rico, foi a experiência mais horizontal que já vivi, de tomada de decisões coletivas, de exercício diário intenso de cidadania e política, de escuta do outro. Não sei se todas as nossas decisões em assembleia foram as mais certas, mas nenhuma foi arbitrária, as assembleias eram longas, os temas discutidos à exaustão, as decisões coletivas. Nada era imposto, tudo era pesado, medido, decidido junto. Não foi fácil. Só ocupando entendi de fato o lema 'ocupar e resistir'. Resistir é difícil, mas absolutamente necessário, não dá pra engolir as medidas cruéis do governo. Mas aprendi que é menos doído resistir quando não estamos sozinhos. Aprendi que a coletividade é o caminho. Foi o caminho para a sobrevivência da ocupa, em todos os âmbitos, das tarefas de rotina (cozinhar, limpar e manter organizado o campus), oferta de oficinas, às decisões quanto ao nosso posicionamento junto ao movimento estudantil, e os próximos passos na luta, e também para que conseguíssemos conviver bem juntos, o diálogo e a plena consciência de que a união era a nossa maior força foi o que tornou possível todo o processo. Eu era do tipo de pessoa que preferia trabalhar sozinha, achava que não sabia trabalhar em grupo. Na ocupação tudo mudou, vi que essa era a única possibilidade, e que isso era bom, me senti acolhida, compreendida e fortalecida. Estando numa ocupação de

um campus de artes, logo percebemos que esse modelo de relação com o outro e de enfrentamento político, também poderia ser transposto para a arte. Fizemos algumas ações artísticas que só foram possíveis, pois foram planejadas, preparadas e realizadas coletivamente. A performance "20 horas em movimento X 20 anos de congelamento", buscava chamar a atenção das pessoas na rua para a nossa luta, e também para o nosso campus, que é historicamente esquecido pela reitoria e que tinha pouca visibilidade. A proposta era que dançássemos (ou ficássemos em movimento) durante 20 horas ininterruptas, das 04h da manhã até a meia-noite, muita gente participou, pra que em nenhum momento a dança parasse. Várias equipes de jornalismo de TV, rádio e internet divulgaram a ação, pessoas que passavam na rua dançaram junto, uma ou outra perguntou o que estava acontecendo, naquele dia houve uma manifestação do CWB contra Temer, que finalizou lá na frente do campus, e paramos a Coronel Dulcídio, fizemos o maior barulho, em pleno Batel; então creio que conseguimos o que buscávamos. Houve também outras ações depois dessa, nosso objetivo era sempre levar a discussão para fora do campus, buscar diálogo, nos aproximar da população e alertá-la sobre o momento crítico que vivemos, que muitas pessoas ainda não tinham se dado conta. Tudo que vivi foi tão rico, revelou para mim



Giorgia Prates

novas formas de atuação artística, pautadas na coletividade e na união. A arte tem grande poder de abrir um espaço (de reflexão, discussão) onde não haveria, de desvelar o que não se consegue ver, de aproximar, dar voz, se fazer ouvir, unir. Isso foi mais um dentre tantos e tantos outros aprendizados do que vivi e senti na ocupação.



Giorgia Prates



Giorgia Prates



OCUPA UFPR

@ocupaaUFPR

Página inicial

Publicações

Vídeos

Fotos

Sobre

Curtidas

Serviços

Gerenciar guias

Promover

Curtiu

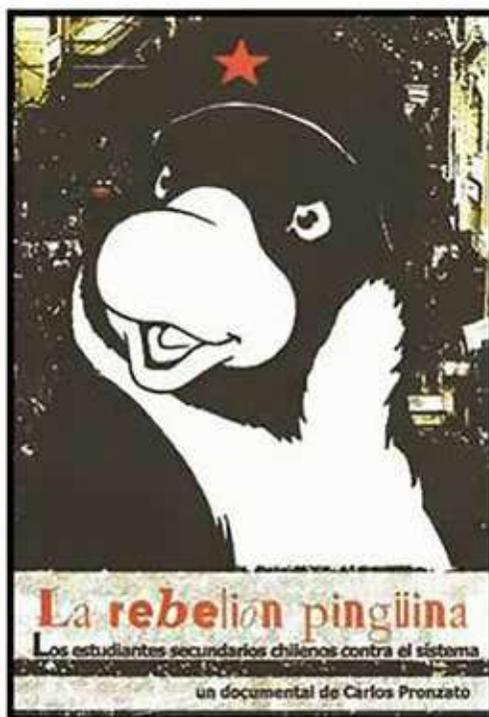
Enviar mensagem

Mais

DAQUIA FOCO NA OCUPA LITORAL.

Cinedebate sobre o filme "A Revolta dos Pinguins", de Carlos Pronzato, que fala sobre o movimento estudantil chileno.

O evento começa às 19:00h e para entrar é necessário apresentar carteirinha da UFPR ou RG... Ver mais



483 pessoas alcançadas

Impulsionar publicação

Curtir

Comentar

Compartilhar



Kauana Nhaia Antonicomi

# O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS DO PARANÁ

*Um povo sem voz difundida em massa continua sendo um povo amordaçado.*

Em 2016, foram mais de 1000 escolas ocupadas no Brasil contra a Reforma do Ensino Médio (MP 746) e a Proposta de Emenda Constitucional 55<sup>2</sup>. Só no Paraná, o número superou a casa dos 800. Tal ação direta configurou-se na maior mobilização estudantil que os seis continentes já viveram. Entretanto, tal conquista não se materializou nas mídias tradicionais brasileiras, muito pelo contrário, a maioria das já poucas matérias difundiam uma visão negativa das ocupações. Mas teve um local o qual a resistência secundarista e universitária conquistou espaço para expor sua narrativa: as redes sociais.

Dentro dessa comunicação mais liberatória, onde era possível ter um protagonismo das vozes dos estudantes, é importante segmentá-la em duas correntes: a mídia livre e a mídia autônoma<sup>3</sup>, ambas de caráter ativista. Na primeira, enquadram-se os canais já conhecidos como, por exemplo, Mídia Ninja; já na segunda, a nomenclatura refere-se ao conteúdo produzido pelas próprias ocupações e ocupantes.

Começando pela mídia livre, é relevante ressaltar, antes de tudo, que a ação política por meio das tecnologias digitais não nasce com esses canais que, nas palavras de Prudêncio e Batalha (2009)<sup>4</sup> mesclam “uma linguagem militante com a estrutura formal do jornalismo”. O uso das redes sociais como ferramentas estratégicas de denúncia e potencialização das lutas sociais começa com o próprio usuário. Afinal, estamos na era da editoração<sup>5</sup>.

1 É formada em marketing, pós-graduanda em História Cultural e graduanda em Letras. Trabalha com comunicação digital e milita na pauta da democratização da mídia e da educação. É integrante do movimento CWB Resiste.

2 Quando em apreciação pela Câmara, sua numeração era 241.

3 Tais terminologias estão sendo empregadas devido à necessidade de diferenciação dessas duas vertentes. Entretanto, é importante ressaltar que o teor ‘autônomo’ está presente em todas as mídias ativistas que expõem a verdade do campo popular e não possuem por trás um viés especulativo.

4 Revista ECO-Pós; v. 12, n. 3 (2009): Comunicação e Política.

5 Para entender melhor, ler o livro “*The editorial age: How branded journalism breeds lasting*

Os canais já estabilizados de mídia ativismo exerceram um importante papel de exposição das reivindicações e do cotidiano extremo das ocupações. Em momentos de tensão, como reintegração de posse e ataques violentos vindos de grupos da extrema direita, era comum observar a presença de pessoas que representavam, majoritariamente, o Mídia Ninja, Jornalistas Livres e também o CWB Resiste<sup>6</sup>. Ou, então, esses espaços publicavam conteúdos enviados por gente externa, geralmente envolvidas com o movimento.

Uma reflexão deve ser feita quando se pensa nesses meios: o alcance é, ainda, raso. Não somente pelo público limitado que as redes sociais atingem, mas devido ao fato de que muitos eventos não eram transmitidos. Somente os acontecimentos de maior fato político acabavam sendo postados nas páginas do Mídia Ninja e Jornalistas Livres. Isso deixava de lado momentos significativos de luta e resistência, pedaços de histórias não difundidos. Outro problema que acarretou no apagamento de alguns acontecimentos foi a pluralidade ideológica das ocupações que confrontava com a base política desses canais (MN e JL), os quais possuem vínculos majoritariamente petistas e muitas das ocupações levantavam outras bandeiras, como a preta e vermelha - anarquista. Mas claro que essa análise não tira o mérito do papel fundamental para a luta secundarista e universitária que esses canais tiveram, assim como têm todos os dias no cotidiano da população que se informa e se conscientiza por meio deles. É apenas uma leitura sem amarras e clara que deve ser feita para o processo se desenvolver cada vez mais.

Nesse enredo, uma das páginas que se destacou foi a do CWB Resiste. Ela, por já ser de um movimento regional que articula os protestos de rua na capital paranaense, acabou por suprir grande parte dessa necessidade de potencialização da voz dos estudantes ocupados. O grupo passou a receber diversas demandas de apoio e informações em primeira mão. Isso acarretou um crescimento expressivo na página que hoje se tornou a maior *fanpage* política e independente de Curitiba e Região Metropolitana.

*attention*”, de Ebele Wybenga.

6 Na época das ocupações o movimento político se chamava CWB Contra Temer. Mudou seu nome para CWB Resiste no início de 2017.

As postagens versavam, principalmente, em conteúdos que contavam a rotina das ocupações, as necessidades alimentares e de materiais, assim como vários eventos de apoio às ocupas foram articulados pela página, uma vez que o Movimento Desocupa estava ativo quase diariamente e a necessidade de unidade das forças progressistas era extrema. O alcance que as publicações atingiam, principalmente nas transmissões ao vivo, às vezes ultrapassava o das páginas de abrangência nacional. Mas é claro que também não era possível abarcar toda a necessidade de divulgação que as ocupações do Paraná possuíam.

Esse panorama concorrido influenciou ainda mais a construção de uma alternativa de mídia. Assim, a maioria das escolas e universidades ocupadas pelos estudantes tinham uma equipe de comunicação, e esta construía um planejamento estratégico para a transmissão de informações relacionadas à ocupação. Uma ferramenta utilizada em larga escala foi, principalmente, o Facebook.

Para manter este texto ainda mais próximo à realidade, é de suma relevância

admitir que as redes sociais não são a única ou principal saída. Muitas ocupações não tinham acesso à internet ou então ocupantes com celulares e computadores com capacidade para um trabalho de mídia. Ou até mesmo contingente para ter uma equipe focada na comunicação.

Nas ocupações que conseguiram estabelecer um fluxo de mídia, o resultado foi extremamente positivo. Rapidamente o número de acessos crescia e as páginas recebiam perguntas, compartilhamentos e apoio. Assim como ataques das pessoas contrárias. Nessas páginas era possível mostrar as atividades exercidas pelos estudantes, que sempre envolvia uma melhoria do espaço, reflexão de como torná-lo melhor e também oficinas e aulas que os faziam aprender mais que no ensino tradicional o qual o Brasil está semeando.

Ter um canal próprio de comunicação possibilitava autonomia para a ocupação. Isso era ainda mais significativo quando os jornais da região, como a Gazeta do Povo, e páginas contrárias faziam matérias especulativas e que criminalizavam quem ocupava



Maira Kalline

sua escola ou universidade. Muitos moradores da região iam em busca da página da ocupação para tirar satisfação e lá encontravam a narrativa que precisavam.

Com esses aspectos levantados, fica evidente como o uso das redes sociais foram significativos para confrontar a notícia manipulada pelas grandes mídias que visavam desmobilizar o movimento secundarista e universitário. Assim como forneceram um meio para potencializar a voz de quem estava lutando contra o desmonte do ensino médio e também contra a PEC do Fim do Mundo[6]. Mesmo atingindo apenas uma parcela, em muitos locais foi possível presenciar uma forte presença da comunidade para manter em pé a ocupação. Claro, em algumas áreas o processo de diálogo era somente incisivo e agressivo para forçar a desocupação.

De qualquer maneira, assim como as Jornadas de Junho serviram para impulsionar o novo modelo de jornalismo proporcionado pelo Mídia Ninja, espera-se que a primavera secundarista promova uma saga de mídia ativistas que utilizem a tecnologia

comunicativa como ferramenta de enfrentamento ao Estado.

Por fim, é de suma relevância compreendermos que a democracia brasileira só será deveras consumada quando a comunicação for democratizada. Sem isso, o processo estará incompleto. E é exatamente o que é possível presenciar nos dias de hoje, onde o oligopólio midiático está tão consolidado que participa ativamente, mais uma vez, de um golpe de Estado.

A resistência na comunicação tem que ser fortalecida e expandida, a fim de ser possível criar canais livres de cerceamento do governo e que atinja de forma massiva a população. Nesse sentido, a luta não é somente disputar a narrativa e nossa liberdade digital, mas também disputar o povo.





**0 sinal toca a cada  
50 minutos**

*Eloise Medice Colontonio  
pedagoga, professora e mãe*

Tive a honra e o privilégio de participar durante a tarde de hoje das formações e oficinas na escola ocupada Pe. Arnaldo Jensen, em São José dos Pinhais – PR. Peço licença para relatar:

O trajeto até a escola já me mostrava a alteridade: a linha de ônibus que sempre tomo para voltar para minha casa hoje estava lotada de estudantes secundaristas. Conversavam sobre as ocupações em suas escolas e ensinavam para aqueles que iriam iniciar a ocupação hoje. À paisana (leia-se sem uniforme), olhos delineados, piercings, muitas dúvidas eles levantavam: “Posso levar meu narguilé?”. “Cara, acho que não tem nada a ver com o movimento isso aí!”. “Você não acha que vão quebrar tudo na escola?”. “Não sei, a galera tá organizada”.

Chegando na escola, entrei pela primeira porta: era a “entrada administrativa” e fui orientada a dar a volta e procurar pela porta dos fundos da escola: a “entrada dos estudantes”. Depois entendi que as diferentes entradas já existiam antes da ocupação,

uma para professores, equipe pedagógica e administrativa e outra para os estudantes e funcionários da alimentação e manutenção. Os estudantes me receberam como a representante da UFPR, através do Observatório do Ensino Médio em que trabalho há 5 anos. A instituição tem sempre seu peso, é claro, e nesse caso especialmente fui com o intuito de colocar nosso trabalho sobre as políticas para o Ensino Médio à disposição do trabalho destes estudantes para a ocupação das escolas. Além disso, eles deixaram claro que não queriam relacionar o movimento de ocupação com nenhum partido político e com nenhum professor da rede, temendo descaracterizar a identidade autônoma que estão construindo... e estão.

Fui recebida também pela Valkiria, mãe de três filhos. Conheci sua filha Mariana, uma das estudantes a frente da mobilização desta escola. Valkiria organiza a manutenção da limpeza e alimentação dos estudantes e salientou que não interfere em nenhuma decisão sobre a ocupação.

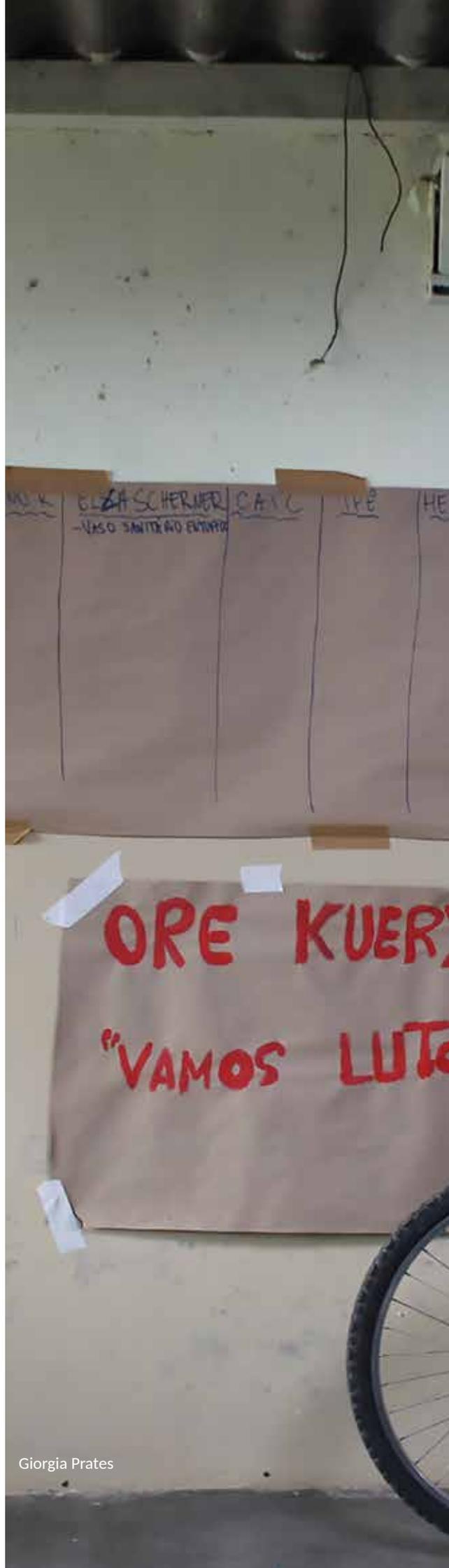
Enquanto os estudantes se organizavam em pequenos grupos de trabalho e reunião, aguardei o momento em que eles



Giorgia Prates

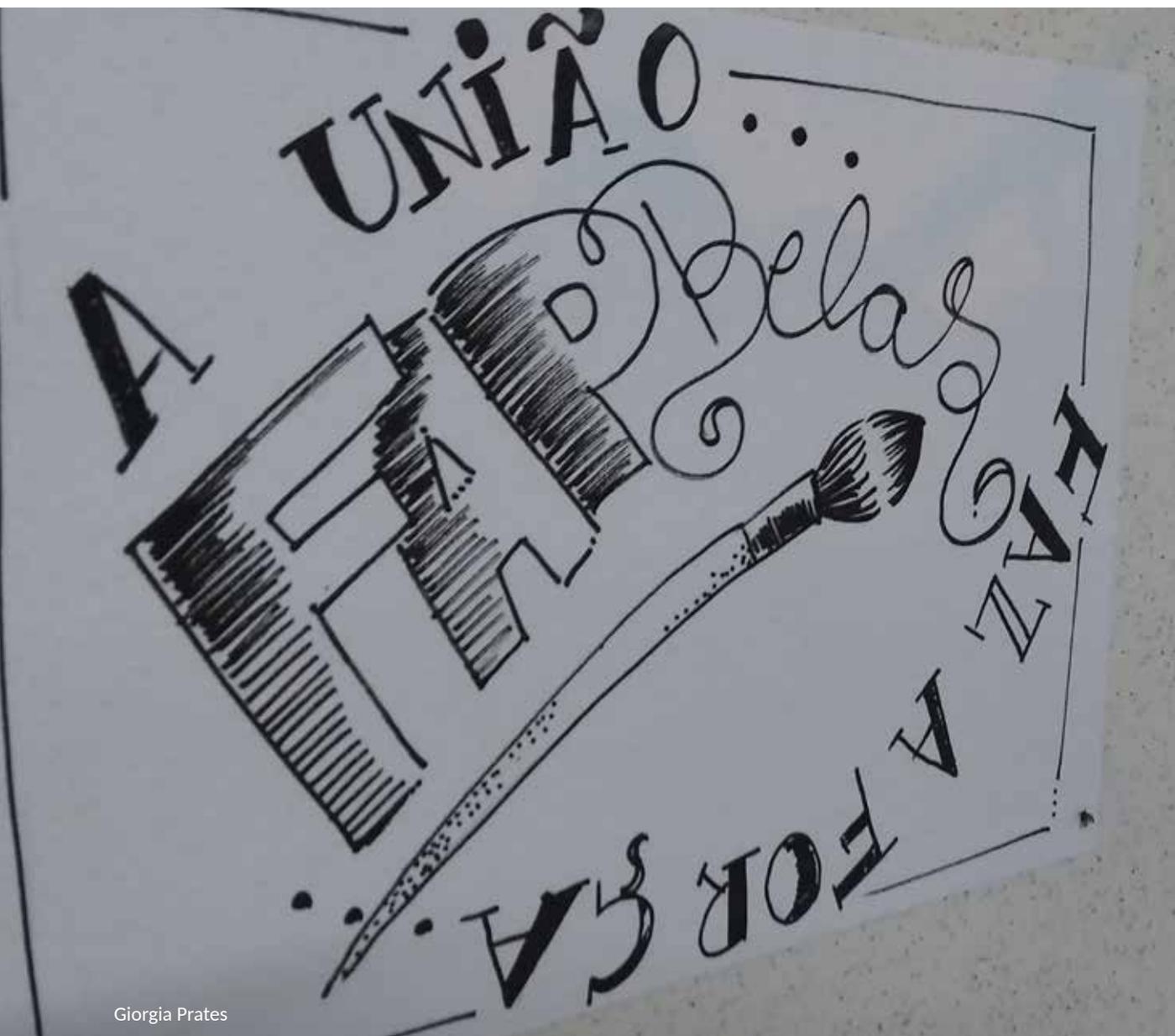
me convidariam para fazer o debate. Nesse curto espaço de tempo, o sinal da escola toca, eram 13h40min. E o sinal tocou todas as vezes, a cada 50 minutos, mesmo que não houvesse aula (não nessa forma, não nesse tempo).

Aos poucos os estudantes foram encerrando suas tarefas daquela rotina dinâmica, mais rápida do que eu podia perceber sobre seus começos, meios e fins de atividades. Logo me levaram para o "Auditório": uma sala de aula previamente organizada com cadeiras em círculo. E lá conversamos por pelo menos uma hora. Durante a conversa, chegavam mais estudantes: desta escola e de outras já mobilizadas para a ocupação. Chegaram também professores e alunos de uma escola indígena da região. Todos queriam ouvir e falar sobre a Medida Provisória 746 que altera sensivelmente o Ensino Médio, ou melhor: altera os destinos destes estudantes e professores, oferta em pedaços o conhecimento, retira direitos já garantidos através de duras lutas históricas, entre outras questões.





# Ocupa Unespar Curitiba: “nóis por nóis defendendo a educação”



Giorgia Prates

### *Movimento Ocupa Unespar Curitiba (FAP e EMBAP)*

As notícias das mais de 800 ocupações de escolas no Paraná faziam crescer cada vez mais o espírito de luta na Unespar. A revolta contra a PEC 241 (55 no Senado) e a MP 746 aumentava, e em meio a tudo isso as professoras e os professores estaduais da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) entram em greve pelo descumprimento do acordo feito pelo governo do estado, referente ao pagamento do reajuste da data base.

Com essa greve, estudantes da EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná) e da FAP (Faculdade de Artes do Paraná), ambas campi da Unespar, chamam assembleias simultâneas. Foi pautado o apoio à greve docente e formados grupos de apoio às ocupações secundaristas. Ainda que sejam da mesma universidade, as faculdades de artes não tinham relações próximas, o que mudou com a organização estudantil que se formava por meio de Assembleias Unificadas da Unespar Curitiba e atos artísticos nas ruas em defesa da educação pública.

Para além das pautas nacionais, a situação da Unespar e demais universidades estaduais já era alarmante. Os constantes cortes nas verbas de custeio fizeram com que não houvesse recursos suficientes para

o funcionamento básico da instituição. A universidade que não possui nenhum programa de assistência estudantil corria o risco de perder as poucas bolsas de extensão que haviam sido conquistadas pelos estudantes no ano anterior.

A princípio, a palavra ocupação era dita com timidez na EMBAP, ainda que na FAP o assunto fosse mais bem recebido. O número de ocupações nas escolas vinha caindo devido aos processos de reintegração de posse realizadas pelo Estado. Mas a inspiração secundarista fomentava o crescimento das ocupações em universidades públicas. Em Curitiba, a Universidade Federal do Paraná já contava com vários prédios ocupados e na UNESPAR os estudantes viam esta ação como cada vez mais necessária.

O sindicato apontava o fim da greve docente, ainda que não tivessem conquistado nenhuma pauta. Mas em nós estudantes o espírito de luta só vinha crescendo, e não havia condições de simplesmente retornar às atividades acadêmicas. No dia 4 de novembro de 2016, foi aprovada as ocupações simultâneas da FAP e EMBAP em assembleia estudantil unificada.

As direções das duas faculdades se portaram de maneira distinta em relação às ocupações. Como a EMBAP corria o risco real de encerrar suas atividades ainda no final do ano devido à falta de verba, a direção apoiou o movimento e ocorreu um “acordo



Giorgia Prates



de cavalheiros” com a presidência do Dce. Sem o consentimento do restante dos estudantes, o acordo previa que a ocupação não atrapalhasse as atividades administrativas. Na Fap a ação foi realizada com mais autonomia do movimento estudantil em relação à direção, pois já havia um caráter mais horizontal. Na EMBAP esse caráter se construiu dentro da ocupação.

A organização em ambos os campi foi estruturada em comissões como comunicação, mobilização, alimentação e finanças. Ao longo da ocupação os envolvidos começaram a ajudar em todas as funções, aprendendo e desenvolvendo habilidades como fala, escrita, articulação e pensamento estratégico. Havia uma intensa concentração para os atos, para os quais preparávamos lambes, stencil, faixas e cartazes. O sentimento era de que ocupávamos as ruas, as calçadas, o estado e o país.

A união entre estudantes de Curitiba e Região se intensificou com as Plenárias Estudantis, que organizaram atos, trancaços e catraços. Ao longo do processo não existiam mais estudantes da EMBAP, FAP, UFPR, UTFPR ou secundaristas, eram apenas estudantes combativos que lutavam pela educação pública em todos os níveis. Em meio a toda essa euforia não havia mais espaço para um DCE burocrata ou acordos entre cavalheiros, e a força de um movimento horizontal foi implodindo tentativas de lideranças. A articulação estudantil entre EMBAP e FAP se consolidava de maneira combativa e autônoma, o que levou a direção da EMBAP

a deixar de apoiar o movimento e incitar estudantes à se manifestarem de maneira contrária.

Houve reuniões de negociação com a reitoria e o Governo do Estado, em que foram realizados mais protestos. Em um deles tivemos que barrar a saída do Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior que se recusava a assinar um termo de compromisso. Por meio destas mobilizações estudantis conquistamos algumas pautas locais como o repasse integral das verbas de custeio para término do ano e a promessa de bolsas de permanência e carteirinhas estudantis.

A ocupação da Fap se encerrou com 36 dias, sendo que os estudantes permaneceram em greve estudantil e se uniram à EMBAP, que permaneceu ocupada contando também com o apoio de estudantes da UFPR e UTFPR. Logo o prédio da EMBAP se tornou a última ocupação do Estado do Paraná, concentrando atividades estudantis unificadas.

Foram 47 dias de ocupação, que só foram possíveis, com a união de estudantes das várias instituições, o apoio de professores que ajudavam com doação de alimentos e ajuda de advogados com questões jurídicas, como o processo de reintegração de posse e a invasão violenta de estudantes contrários, incitados pela direção. Esses acontecimentos levaram à uma situação de desgaste e pressão psicológica intensa, mas o apoio e solidariedade entre todos que lutavam mantiveram o movimento firme.

É gratificante ter participado deste movimento que começou naquele colégio em São José dos Pinhais e se tornou o maior movimento de ocupações estudantis do mundo. É gratificante ter gritado FIRME, ver que estudantes e artistas da EMBAP e FAP são combativos e vivem o seu tempo, usando da sua arte para combater as injustiças deste sistema.

*“Ir ao combate sem temer,  
Ousar lutar, ousar vencer!”*

MAIOR

UNIÃO

ENTRE

UNIVERSIDADES



Giorgia Prates



Giorgia Prates

No ano de 2016 tivemos a oportunidade de vivenciar um momento que jamais será esquecido e que entrará para a história da política educacional principalmente do Estado do Paraná. Trata-se do Movimento Ocupa Paraná, manifestação que envolveu estudantes das escolas públicas de grande parte do estado. No litoral paranaense houve participação de quase todas as instituições escolares e a população em sua maioria apoiou a luta contra a Reforma do Ensino Médio, visto que o governo não oportunizou a participação dos estudantes e educadores nas decisões e mudanças na referida reforma. Luta esta que não foi diferente em todo o Estado, mas falaremos sobre o litoral, mais precisamente do Colégio Estadual Dra. Zilda Arns Neumann, município de Guaratuba, pois este foi o primeiro colégio a aderir ao movimento.

Foi uma experiência incrível, inspiradora e desafiadora, onde fizemos novos amigos, reforçamos amizades e compartilhamos nossos ideais estreitando os laços afetivos com os professores, e desta forma passamos a compreender que não há como lutar sozinhos, é preciso multiplicar e dividir os sonhos para que assim possamos concretizá-los. No começo a ideia da ocupação era estranha, pois só tínhamos ouvido e visto na mídia, de forma breve e resumida, sem saber ao certo o objetivo dessa forma de protesto, com o tempo tudo foi se esclarecendo e a vontade de participar foi tomando conta de todos os estudantes imbuídos nesta luta. Então resolvemos realizar uma assembleia para decidir qual caminho tomar, a maioria dos participantes optaram pela ocupação, com exceção dos terceiros anos que apresentaram resistência, alegando serem prejudicados no conhecimento que seria avaliado em breve no ENEM. Como eram minoria o voto SIM para a ocupação prevaleceu, no entanto foi feito um acordo onde se realizaria aulas fora do prédio da escola para os

terceiros anos. Contudo no dia seguinte, ao chegarmos no colégio trancamos o portão e a porta de entrada, porque os já citados alunos dos terceiros anos e alguns do segundo ano se aglomeraram em frente à escola junto com um estudante do curso de Direito da faculdade ISEPE DE GUARATUBA, que o qual os aconselhou a pularem o muro e forçarem a porta, usando a força bruta, sofreremos agressões verbais e físicas, mas permanecemos firmes em nosso propósito. Diante do fracasso das ameaças os alunos contrários a ocupação se direcionaram ao auditório da faculdade Isepe, prédio onde nossa escola funciona sob locação, uma vez que o Estado prometeu a construção do colégio Zilda Arns mas não saiu do papel. Esses mesmos "senhores alunos" tão preocupados com o conhecimento tiveram a oferta de aulas. No dia seguinte os mesmos alunos contrários ao manifesto não retornaram. Os dias foram transcorrendo e nossa luta cada vez mais árdua; contamos com a comunidade que nos alimentou e aconselhou, demonstrando carinho e compreensão.

Dentro da ocupação foram estabelecidas regras baseadas na auto-gestão e se houveram alguns conflitos foram resolvidos de forma amena. Criamos normas de trabalho onde a limpeza, conservação, ordem e respeito imperaram. Todos trabalhamos de forma conjunta e harmônica tendo um objetivo em comum: Ocupar e Resistir à Reforma do Ensino Médio.

Mesmo com o descaso do governo em relação a nossa posição quanto a Reforma do Ensino Médio é possível dizer que foi uma experiência gratificante frente aos obstáculos enfrentados, aprendemos a lutar pelo o que queremos e exercer a cidadania, fazendo-nos necessários em busca de ideais e bem comum, onde prevalece o desejo da Educação para todos e não a serviço do governo.

**Em memória de Guilherme Irish  
e Lucas Eduardo Araújo Mota**

## Como ocupamos

A ocupação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, Sede Centro, foi caracterizada pela violência, repressão e, principalmente, por sua relevância em abrir precedentes históricos (foi a primeira ocupação a interditar completamente uma das sedes da UTFPR - CT), e por mobilizar uma articulação de diversos grupos e pessoas, inédita até então, dentro dos movimentos políticos nessa universidade. Se trata de uma instituição de ensino que, historicamente, funda suas bases pedagógicas numa doutrina tecnocrata, elitista e opressora, onde os grupos oprimidos são coagidos a manterem o silêncio, a expressão estudantil é negligenciada e a educação se volta à massificação de mão-de-obra. Outra característica relevante da ocupação foi a composição do grupo de ocupantes, o qual era majoritariamente composto por LGBTs, negritude e mulheres. Tal fato empoderou e evidenciou a resistência desses grupos, principalmente das mulheres, que quebraram estereótipos de gênero (como a suposta “fragilidade feminina”) e tiveram uma presença expressiva em atividades supostamente vinculadas ao gênero masculino (como rondas de segurança realizadas somente por elas). Isso, porém, não impediu a reprodução de comportamentos e determinismos machistas ou LGBTfóbicos sócio-estruturais, como o fato da presença majoritária de mulheres no preparo das refeições.

A ocupação aconteceu no dia 18 de novembro de 2016 e se pautou no posicionamento de ofensiva contrária à aprovação da PEC 55 (241), MP 746 e da PL 193, endossando e unindo-se à luta nacional dos estudantes secundaristas. Seu início ideológico foi através da construção coletiva, em outubro de 2016, de uma frente autodenominada “Movimento Contra a PEC 55”. Essa Frente tinha como objetivo a divulgação de informações e organização de discussões que instigasse uma análise sobre as questões sócio-econômicas envolvendo o sistema educacional público e a conjuntura política que se apresentava naquele momento. Nesses espaços, a PEC 55, MP 746 e a PL 193 foram questionadas, debatidas e, por fim, compreendidas como um pacote de ataques aos direitos sociais garantidos

constitucionalmente<sup>1</sup>. Essas propostas representa(va)m um avanço histórico da política de privatização e sucateamento de serviços primários, serviços como educação e saúde, que afetam incisivamente a qualidade de vida das camadas populares. O resultado da mobilização foi a aprovação de duas paralisações contra as medidas supracitadas, uma delas sendo deliberadas na maior assembleia da história do campus. Algo extremamente significativo visto à inércia histórica do corpo discente que é em sua maioria não progressista e que sufoca os espaços que refletem de forma mais profunda as questões sociais e políticas.

Entretanto, apesar do saldo positivo que esses espaços de discussão apresentaram comparando-se à adesão e articulação estudantil nas duas paralisações, o status politicamente inerte e extremamente reacionário se traduziu na impossibilidade de votar a ocupação em assembleia geral. Isso desencadeou tentativas de questionar a “legitimidade”<sup>2</sup> desta, mesmo que tenha sido aprovada em assembleias de dois cursos, e se legitima enquanto instrumento de luta das classes exploradas. Esses ataques foram constantes durante todo o período de ocupação, se iniciaram no primeiro dia e se estenderam até a desocupação realizada pela Polícia Federal, a qual ocorreu no dia 25 de novembro, às 04h, com bombas nos portões da rua Silva Jardim. Contudo, apesar dos contínuos ataques de professores e estudantes contrários à ocupação, de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e do descaso da Polícia Militar em proteger os ocupantes, a resistência se estendeu por 7 dias, somente sendo possível graças ao expressivo apoio dos estudantes secundaristas, estudantes de outras universidades ocupadas, de pequena parcela do corpo docente da UTFPR, e, principalmente, pela persistência de cada ocupante em lutar contra o retrocesso e contra os ataques aos nossos escassos direitos. FIRMES!

## Planejamento da ocupação

A sede Centro, lotada num quarteirão todo, é um complexo com aproximadamente 19 blocos que incluem administração,

<sup>1</sup>E frisamos que o termo “garantido” não se traduz em usufruído.

<sup>2</sup>Entendemos que essa “legitimidade” se trata de um aspecto da democracia burgo-capitalista.

salas de aula, auditórios, entre outros; tendo, ainda, acessos por 3 ruas diferentes (ver Imagem 1 abaixo). Esses fatores foram os principais obstáculos estratégicos para a concretização da ocupação. Tais problemáticas passaram a ser discutidas e trabalhadas coletivamente entre todos os estudantes envolvidos com a Frente e favoráveis à ocupação. Questões como a interdição total ou parcial da universidade, o número necessário de pessoas, entre outras, começaram a entrar em pauta nas reuniões organizacionais. Dessa forma, cerca de 40 estudantes se articularam para concretizar a ocupação, na qual decidiu-se a interdição total da sede, considerando questões como maior visibilidade e redução do grau de complexidade na obstrução de passagens, em razão da sede se compor pela ligação entre diversos blocos de edifícios.

Para o momento de tomada do prédio contra o retrocesso imposto pelo Governo Federal, os/as futuros/as ocupantes desenharam um plano com diversas ações momentâneas e passos que precisavam ser seguidos à risca. Diversas saídas/entradas precisavam ser fechadas ao mesmo tempo, a evacuação foi treinada (assim como suas falas), havia um manifesto impresso a ser entregue para todas as pessoas saberem

a razão da ocupação, e todos os estudantes envolvidos no projeto de resistência utilizavam uma pulseira de cores distintas dividindo-os em grupos com diferentes funções. Assim, antes mesmo de estarem ocupados no prédio, já sabiam quem era da Segurança, Comunicação ou “Tretas” (grupo responsável por resolver qualquer problema não previsto que pudesse acontecer no momento da ocupação), além de ser uma medida de segurança para que a presença de terceiros não passasse despercebida. Os demais grupos foram criados depois em assembleia. Vale ressaltar os primeiros passos após a vitória: passar a noite toda fazendo barricadas e decidindo as próximas ações da ocupação em reuniões organizacionais.

### Repressão

A repressão foi uma das características mais marcantes da ocupação da UTFPR, e começou antes mesmo de efetivar o movimento no campus. Ainda durante o período de construção da ocupação, no qual aconteciam reuniões para decidir como e quando ela se daria, houve o cancelamento emergencial das aulas de sexta-feira, por equívoco do então diretor do campus Curitiba, César Augusto Romano, o qual afirmou ser

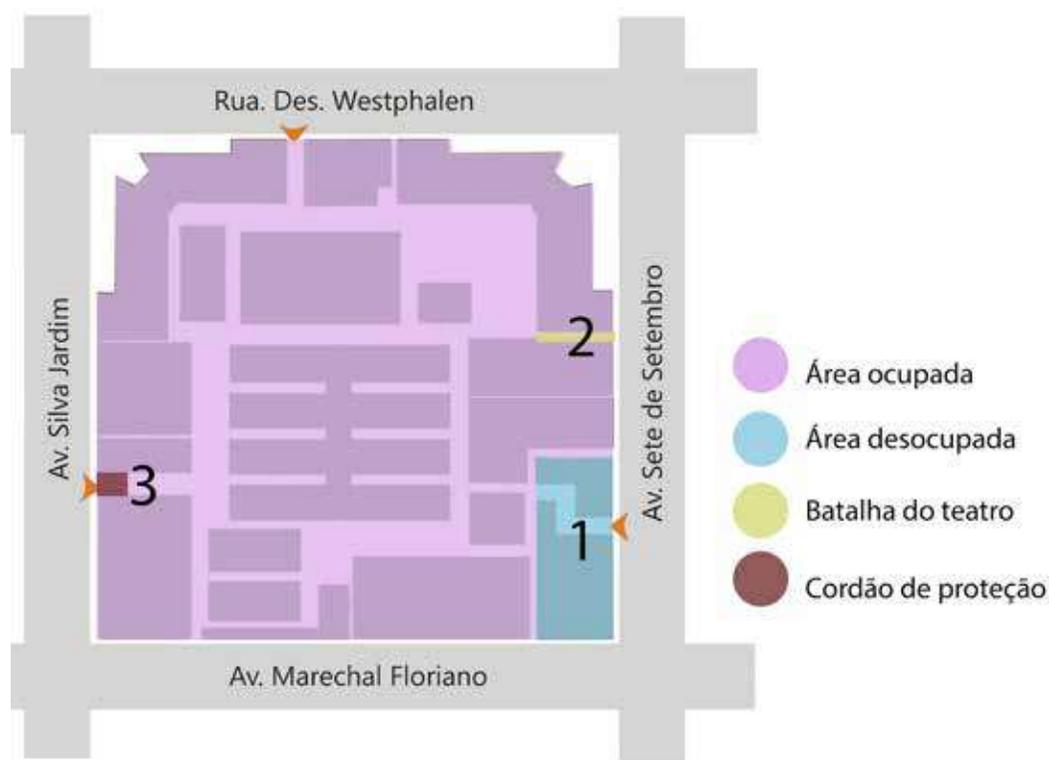


Imagem 1: Mapa da ocupação da sede Centro.  
Fonte: Elaborada pelos autores



uma medida de segurança devido a boatos de que ocorreria uma ocupação naquele dia. Tal fato coloca em evidência a opinião da diretoria do campus sobre a mobilização estudantil, diretoria esta que se mostra conservadora e ausente de conhecimento sobre as reivindicações dos movimentos sociais e estudantis. Dessa forma, durante todo o período que sucedeu a ocupação foi priorizada a identificação e a criminalização dos estudantes envolvidos por parte da direção, ao invés de incentivar ou ao menos respeitar e reconhecer a luta pela permanência dos direitos à uma educação pública, gratuita, acessível e de qualidade.

Sendo assim, a partir do momento que a ocupação se concretizou, essa repressão apenas aumentou, e tornou-se cada vez mais violenta e desmedida, tanto por parte de grupos fascistas e neonazistas, como o MBL e UTFPR Livre, quanto por parte dos docentes e discentes da UTFPR contrários ao movimento.

Episódios que visavam a desocupação por parte desses movimentos opositivos iniciaram-se desde o primeiro dia, no qual um professor da instituição forçou sua entrada através da quebra de uma vidraça, mesmo que isso configurasse depredação do patrimônio público, pressionando a desocupação de uma parte do complexo de edifícios que compõem a sede centro, o Bloco E (parte marcada como “desocupada” no mapa

acima), mesmo bloco que, em seguida, foi invadido por estudantes contrários, os quais soltaram um portão de ferro afrouxando as dobradiças. Por um momento, o confronto físico era algo iminente, mas com diálogo os ocupantes “ganharam” cerca de 2h para tomarem a decisão de desocupar ou resistir. Isso tudo aconteceu e ainda eram 09h. Nesse mesmo dia ocorreram diversas tentativas de invasão após o grupo decidir por manter a ocupação, sendo a mais impactante a então denominada “batalha do teatro”, na qual um portão fechado com cadeados e uma barricada foram atravessados. Nesse momento, pessoas contrárias à ocupação invadiram um corredor que foi prontamente bloqueado através de um “cordão humano”<sup>3</sup>, insistiram em forçar a entrada, puxaram e lesionaram ocupantes, inclusive mulheres de forma truculenta, e em seguida lançaram rojões, acabando por ferir os estudantes envolvidos no cordão, e professores que tentavam conciliar as partes. Tal ato forçou a intervenção da reitoria, visto que a integridade dos estudantes e professores estava em perigo, em uma tentativa de negociação com os ocupantes, que foi ineficaz devido ao descaso por parte da reitoria em compreender as pautas políticas estabelecidas. Tal fato se repetiu em todas

3 Cada pessoa entrelaça os braços com as pessoas de cada lado.



as tentativas de negociação com representantes da gestão universitária, mas não somente, pois inclusive quando a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) tentou realizar o papel de mediação, estes se mantiveram autoritários e irreduzíveis, colocando sempre as suas vontades acima da dos ocupantes. Para quem estava ali resistindo não fazia sentido articulações e acordos com quem não queria ouvir sua voz, somente declarar que se desocupassem imediatamente as consequências de criminalização seriam reduzidas, sem processo administrativo, etc.. A ocupação era contra medidas autoritárias do governo federal. O diálogo e negociação somente poderia ser efetivo se girassem em torno das pautas da ocupação e com representantes federais. Por isso a resistência, a firmeza e coragem. O objetivo era claro, mas o poder político não quis atentar para a voz estudantil.

Esses ataques persistiram durante todos os dias e noites, obrigando os ocupantes a realizarem rondas durante todo os períodos, principalmente à noite, instaurando o medo de invasão e impossibilitando uma rotina saudável de ocupação, como por exemplo a realização de aulas públicas, abertura das portas para visitas, entre outras atividades características. Nesse período, foi acordado que seria permitido apenas

3 horas de sono<sup>4</sup>, visto que devido à escala e a estrutura física do campus, fez-se necessário uma grande quantidade de indivíduos em cada período de ronda. Muitas pessoas não conseguiam nem dormir devido a tamanho stress causado pelas violências ininterruptas dos grupos fascistas que ficavam a noite toda tentando invadir a ocupação e atacando das mais diversas formas. Além disso, as redes sociais foram um espaço de divulgação de fotos de quem estava ocupando, de mensagens de ameaça, de violência verbal extrema. Por isso, os ocupantes usavam quase 24h a balaclava (camiseta para esconder o rosto), justamente pela necessidade dos reacionários de saber todos que estavam na ocupação, sempre tinha um drone pelo ar para tirar fotografias. O terror era físico, psicológico e emocional, incluindo comentários no facebook de que iriam entregar comida envenenada para os ocupantes. O medo tomava conta muitas vezes, mas a força que a causa, o amor e a coletividade proporcionavam ajudava na resistência. O clima era de guerra.

Outra situação de ataque ocorreu no quinto dia de ocupação (22 de novembro), na qual indivíduos contrários à ocupação agrediram fisicamente aqueles que faziam a proteção diária no portão da Silva Jardim

<sup>4</sup> Nesse ponto devemos discutir questões de saúde mental dentro da militância:



Maira Kalline

(Ver imagem 1). Tal incidente foi um reflexo da permissividade da Polícia Militar (PM) em relação a esses grupos, visto que durante o ataque uma viatura estava posicionada na esquina, e quando intervieram ameaçaram as pessoas feridas do cordão, falando que quem quisesse expor a situação deveria ir até a delegacia. O problema é que uma estudante foi agredida e queriam colocá-la ao lado de seu agressor na mesma viatura. A ação podia ser dada como flagrante, mas foi ignorada. Além disso, após o incidente, os agressores foram revistados e foi exposto em vídeo que portavam pregos, rojões, pedras e armas brancas. Entretanto, os mesmos foram posteriormente liberados sem nenhuma consequência. Outro fator crucial foi o fato de que os policiais mandaram todos desligarem os celulares e esta gravação veio de uma pessoa que chegou após a situação e gravou apenas um trecho do ocorrido, pegando principalmente o momento de exposição na grama dos itens portados pelos reacionários. Essa situação sintetiza a postura da PM durante toda a ocupação, a qual aceitava com indulgência os constantes ataques físicos e verbais que os grupos contrários realizavam, não agindo em favor da integridade física dos ocupantes e seus apoiadores em nenhum momento, mesmo ela estando presente todo tempo do outro lado da rua. Para maiores ataques dos grupos fascistas ela inclusive saía da quadra

para os deixar mais à vontade. Quando os ocupantes e pessoas a favor da ocupação ligavam então para a Guarda Municipal para pedirem ajuda, esta também não prestava nenhum auxílio, pelo contrário, zombava.

As agressões se estenderam até a madrugada anterior à desocupação, realizada pelo batalhão de choque da Polícia Federal às quatro horas da manhã, com o uso de explosivos nos portões de uma das entradas. Foi um momento extremamente desesperador para os ocupantes, pois o horário permitido para essa ação policial seria a partir das 6h e foi informado que seriam convocadas entidades para acompanhar o processo, como o Conselho Tutelar devido a presença de menores, o que não ocorreu. No momento da contagem, um fato importante a ser lembrado: eram 57 ocupantes. O maior número de integrantes de todas as ocupações do Paraná no momento de chegada da força do Estado.

Com a chegada da força policial, todos e todas foram reunidos, identificados e hoje corre um processo que visa multar cada um em um valor que pode chegar a 100 mil reais. Advogados ativistas cuidam do caso para que não haja essa penalidade que prejudicará e impactará a vida dos ocupantes. Assim que todos haviam tirado foto com uma placa contendo um número de identificação, foram divididos em dois grupos e o primeiro fora levado para a reitoria da UFPR,



Maíra Kaline

onde saíram do ônibus gritando FIRME e OCUPAR E RESISTIR enquanto também entravam no prédio D. Pedro I que estava ocupado. Os estudantes então somavam-se à ocupação da UFPR. O ambiente acolhedor propiciou uma conversa chorosa, feliz e um sentimento de que aquilo jamais seria apagado de suas vidas. Estavam vivos, resistiram e também estavam em seus limites físicos e emocionais. Por perceberem que haviam levado os estudantes para outra ocupação, o próximo grupo de ocupantes foi deixado na rodoviária da cidade, mas logo foram buscados por apoiadores e levados para se juntar ao primeiro grupo.

Após a ocupação, estudantes ainda continuaram sendo perseguidos. Comentários maldosos de professores e estudantes em sala obrigaram afastamento de pessoas da universidade; estudante ocupante tinha estágio em departamento na universidade e foi demitido por ter participado do processo de resistência; a gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) foi retirada de seu exercício por ter alguns integrantes que também estavam presentes na ocupa; todos que foram identificados sofrem diariamente com olhares pelos corredores. Não somente essa perseguição, o psicológico e emocional de todos ficaram abalados. Barulhos da cidade davam medo, dificuldade para dormir, dificuldade para ficar em multidões, desestímulo acadêmico, muitas

luzes e cores também causavam transtornos pós-traumáticos. A reinserção não foi nada fácil devido ao tamanho da violência diária a qual passaram todos os dias na ocupação.

Outro ponto a ser declarado é acerca do papel das mídias alternativas e da força coletiva de apoio na segurança dos manifestantes. Ao longo do dia, a integridade física de quem participava da ocupação era assegurada pela cobertura dessa mídias e de pessoas que realizavam o cordão de proteção nos portões. Porém, durante o período noturno, a segurança dependia apenas daqueles presentes na ocupação. Dessa forma, devido aos constantes ataques utilizando pedras, paus, spray de pimenta, ovos, e inclusive uma bomba caseira, fez-se necessário instaurar uma situação de alerta, na qual eram realizadas rondas utilizando balaclavas, visto que a presença de drones sobrevoando a ocupação era corriqueira. Essas tentativas de identificação dos ocupantes persistiu até o final do período letivo na UTFPR, no qual foram divulgadas, em um grupo do facebook, fotografias e informações sobre cada pessoa identificada na desocupação (como nome completo, endereço e telefone para contato), dados recolhidos pela Polícia Federal. Diversas ameaças e ofensas percorreram diversos grupos contrários e também os gerais da universidade, expondo cada pessoa de forma delicada. As

consequências emocionais e psicológicas são sentidas até hoje.

Contudo, mesmo com a repressão e o estado de alerta constante, o movimento estudantil se fortaleceu como coletivo dentro da UTFPR. Surgiram questionamentos entre os ocupantes a respeito do poder das “autoridades”, das instituições (inclusive a policial) e principalmente do papel social que o estudante como um cidadão politicamente ativo e crítico exerce. Esses questionamentos foram de extrema importância, pois além de reforçarem a coletividade do movimento, como já dito antes, foram base para criar um sentimento de proatividade e estabelecer uma horizontalidade na vivência

da ocupação, relações que tiveram grande relevância no momento, principalmente por conta do desgaste físico e emocional que todos os ocupantes vinham sofrendo desde o início da ocupação.

A ocupação da UTFPR, uma das universidades mais conservadoras do país, assim como tantas outras - principalmente a das escolas -, foi um exemplo de resistência por um ideal que não era somente de quem estudava na universidade, mas sim um ideal que gerou o maior movimento estudantil do mundo. E essa presença nacional foi sentida a todo momento pelos ocupantes, pois ela dava força a eles para continuarem, para resistirem e ficarem FIRMES.



Giorgia Prates



As ocupações trouxeram um conhecimento além do que se adquire dentro de salas de aula, além do que deparamos com um livro de didático que nunca mostrou à verdadeira história. Aprendemos juntos a respeitar as diferenças as diversas opiniões que existe, conseguimos se desconstruir altamente perante uma sociedade que tem raízes amargas que é o machismo, mostramos a todas e todos os estudante secundarista que mulher tem poder, que mulher veio ao mundo não para ser oprimida ou ficar na cozinha, mulher veio para brilhar e ser livre. Colocamos meninos e meninas na cozinha e na limpeza porque nossa ideologia convém com a igualdade de gênero mesmo sendo uma simples tarefas conseguimos passar a desconstrução, na ocupa existiu negros e negras, meninas, meninos e LGBTs com uma única esperança ver o mundo a sua volta mudar! Um Brasil melhor com uma educação que seja priorizada, um sistema educacional que visa a liberdade, nos sentíamos libertos para fazer o que quiser e sempre respeitando as nossas tarefas, levamos professores que conversou sobre feminismo, diversidade de gênero, maior idade penal, aborto entre outras. Tivemos debates construtivos, tivemos minas que viram que o feminismo faz parte da sua vida, que enquanto uma não se sentir livres lutaremos por elas. Ocupamos nossos colégios, pois uma MP 746 não é a mudança que queremos ver na educação, não queremos uma educação tecnicista queremos uma educação liberal, ocupamos nosso colégio para mostrar ao Brasil inteiro que temos força, que temos unidade, e a felicidade de lutar, ocupamos porque a MP746 não convém com a realidade dos das estudantes de colégios públicos e sucateados por um governo que se mantém pelo o golpe de estado que aconteceu em 2016.



# **OCUPAÇÃO NAS ESCOLAS DO PARANÁ – 2016**

## **AS EXPERIÊNCIAS DA INICIAÇÃO A DOCÊNCIA – PROJETO PIBID**



*Desiré Luciane Dominschek<sup>1</sup>*  
*Eliane Martins Quadrelli Justi<sup>2</sup>*  
*Adriana Smaha Salvatico<sup>3</sup>*  
*Luciana Macedo Moreira dos Santos<sup>4</sup>*  
*Lays Cristiny dos Santos Couto<sup>5</sup>*  
*Sandra Maria Barbosa<sup>6</sup>*

---

1 Doutorado em Educação pela Unicamp - Coordenadora Institucional do PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA - PIBID UNINTER

2 Mestre em Educação pela PUC - Prof. Coordenadora de área do PIBID UNINTER Pedagogia

3 Aluna do curso de pedagogia UNINTER- Participante do Projeto PIBID

4 Aluna do curso de pedagogia UNINTER- Participante do Projeto PIBID

5 Aluna do curso de pedagogia UNINTER- Participante do Projeto PIBID

6 Pedagoga Pela UNINTER - Participante do Projeto PIBID

Em protesto a MP 746/2016<sup>7</sup>; e contra o sucateamento da educação que chegou a grandes proporções, protagonizando a maior greve da educação pública no Estado do Paraná.

Foi observado durante as visitas nas escolas que os próprios estudantes é que se responsabilizaram pela organização e segurança do grupo, inclusive no período noturno onde os adolescentes transformaram duas salas em dormitórios. Também se organizaram em equipes para a limpeza, organização de palestras, ministradas por voluntários e também pela arrecadação e

---

7 Institui a Política de Implementação de Escolas de Ensino Médio em tempo integral, altera a lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, e a Lei nº 11.494/2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização do Profissional da Educação.



preparação de alimentos utilizados pelos ocupantes, havia o controle de entrada de pessoas no colégio, por esse motivo apenas alguns do grupo de estudos do Pibid conseguiram não acesso. Em conversa com os alunos na parte externa da escola, pudemos observar que havia uma organização e cuidado com a segurança. Pais de alunos tinham acesso livre e os estudantes de outros colégios participantes do movimento também podiam circular. Havia na entrada ficha de controle com nome, documento, telefone e horário de entrada dos visitantes, procurando assim, controlar esse acesso interno. Mesmo com a organização, em algumas escolas, houveram problemas isolados no movimento de ocupações, problemas que muitas vezes foram aumentados frente a mídia como aspectos negativos do movimento de ocupação, mas nós pudemos ver o quanto o movimento dos alunos naquele movimento foi muito organizado, uma organização que muitas vezes não vemos em outros movimentos.

Nas visitas ao Instituto de Educação Professor Erasmo Pilotto mesmo não tendo permissão para participar de todas as atividades com os alunos, nós do PIBID tínhamos a possibilidade de conversar sobre o trabalho que desenvolviam dentro da escola, pelo discurso dos ocupantes notamos

ser um trabalho organizado, com algumas controvérsias na fala, mas, um discurso bastante estruturado, tinham segurança nas informações que apresentavam, notamos que tinham um líder para quem as dúvidas eram reportadas, falavam de suas atividades, cursos promovidos, organização com comida, doações, higiene, sobre o respeito dos alunos ao movimento, que revistavam e não permitiam a entrada de nada que considerassem duvidoso, o colégio estava cheio de faixas e cartazes com regras que precisavam ser mantidas, na entrada tinham uma lista que controlavam a entrada e saída de todos, tínhamos que anotar nome, telefone, documento e de qual instituição estávamos vindo. Em uma primeira visita fomos com um grupo grande do PIBID e por esse motivo acredito que tenhamos causado um receio nos alunos ocupantes, a segunda visita fiz sozinha e foram mais solícitos e atenciosos, não permitiram novamente a participação nas atividades e a segurança estava redobrada, com correntes no portão e com alunos realizando a revista fora do prédio da escola, tínhamos que tirar os calçados inclusive.

Após essa revista conversamos com uma aluna, ela abordou que essa nova segurança era por conta de um recém acontecimento que foi a morte de um ocupante



Alunos do movimento de ocupação - Paulo Leminski - e pibidianos UNINTER - organização de atividades do movimento - outubro 2016 - Fonte: Arquivo PIBID UNINTER

em outra instituição, relatou que isso enfraqueceu o movimento na escola, que os pais não estavam permitindo que os filhos continuassem na ocupação, disse que a organização das atividades permanecia e que ainda não havia vindo nenhuma ordem de desocupação e que permaneceriam firmes até que restasse apenas um.

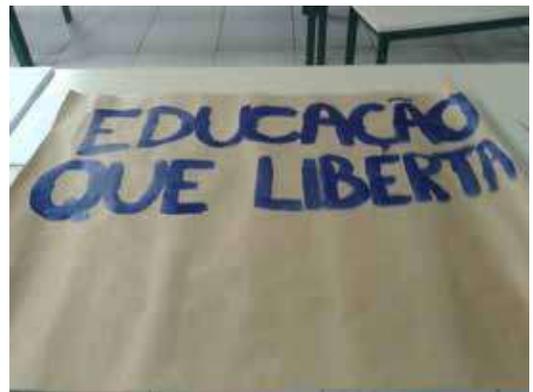
Esse contato na escola só foi permitido através da participação no projeto Pibid que permitiu um maior entendimento sobre esse momento da educação e também que encontrássemos força e inspiração para lutar e acreditar assim como eles, adolescentes tão decididos em lutar por uma educação de qualidade para todos. Foi uma participação muito gratificante!

Colocamos ainda como dado significativo nas visitas as escolas no movimento de ocupação, a nossa aproximação com a discussão do que é o movimento estudantil hoje no Brasil e no Paraná.

Um movimento estudantil é formado por estudantes que tem por objetivo as lutas e discussões com temas relacionados com a Educação. Suas lutas são sempre em busca de permanência e conquistas de benefícios e melhorias para toda uma sociedade. O primeiro Congresso Nacional de Alunos aconteceu no ano de 1910 e segundo alguns pesquisadores as primeiras manifestações

estudantis ocorreram em favor da abolição dos escravos. (SITE da UNE, 2017)

Nas universidades esses grupos são denominados por Centros Acadêmicos ou Diretório Central de Estudantes. E Grêmios Estudantis para estudantes de nível médio.<sup>8</sup>

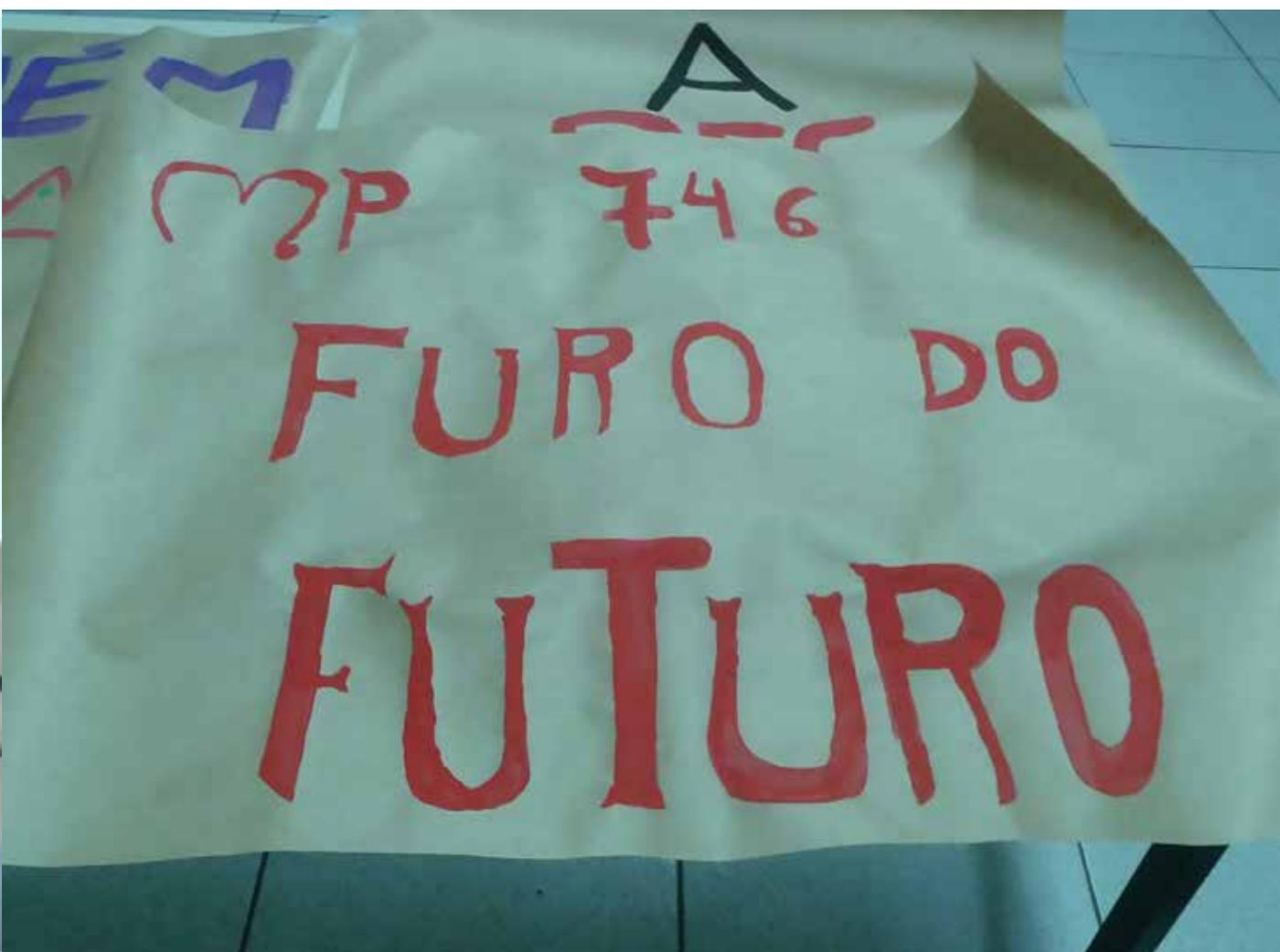


Cartaz produzido pelos estudantes no movimento de Ocupações - outubro 2016  
Fonte: Arquivo PIBID UNINTER

<sup>8</sup> Para ver mais sobre este assunto acessar: <https://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>



Cartaz produzido pelos estudantes no movimento de Ocupações - outubro 2016  
Fonte: Arquivo PIBID UNINTER



Cartaz produzido pelos estudantes no movimento de Ocupações - outubro 2016  
Fonte: Arquivo PIBID UNINTER



Giorgia Prates



Giorgia Prates

### *Regina*

Estes dias tão nebulosos estão repletos de falas e desejos. Ouvir o dito e o não dito! Encontros produzindo acontecimento neste momento nas ocupações das escolas pelos seus ocupantes de ontem, hoje e amanhã. “Haja hoje para tanto ontem” (Paulo Leminski).

Cada ato violento provoca maior busca por acolhida nos espaços ocupados por estudantes – aqueles que ainda sonham – na tentativa de (re)encontrar forças e apostar nos afetos nesses poucos lugares onde há aconchego. Acontece muita coisa rápido demais nesse turbilhão que estamos vivendo, a luta está na agenda de quem acredita na potência do encontro.

A ocupação da Faculdade de Artes do Paraná - FAP/Escola de Música e Belas Artes do Paraná - EMBAP (UNESPAR) completa 43 dias. Ali estudantes se encontram em sorrisos e olhares carinhosos como se já estivéssemos há muito tempo naquele lugar. Mesmo no grupo de whats, criado para trocar informações, pode-se perceber o cuidado que todos tem ao ofertar cobertores, doações, suporte e apoio. Corpos que se fazem presentes em ações onde música, artes visuais, teatro, cinema e debate, yoga e produção de textos se juntam numa iniciativa inédita ainda tão estranha e desejosa de continuidade.

A luta vai se constituindo na busca coletiva por compreender o Outro, o contexto, o espaço, o lugar e como se colocar para compor esse coletivo tenro que enfrenta a dureza deste momento. Estudantes que acreditam na arte para transformar o olhar, cada qual a sua maneira e descobrindo a alegria de estar juntas. Muitos são os desafios!

Experiência acalentadora, assustadora, por vezes contraditória, porém urgente que produz vida a cada momento. Levando a arte para a Rua, mostrando seu ‘talento’ – resultado de muito suor e trabalho dedicado a uma escolha para estar no mundo – ofertando a beleza da sensível diferença para o público desfrutar e desfazer o mito da arte para escolhidos.

Aproximação de estudantes vindos de lugares muito diferentes que se juntam para lutar, se conhecer, debater e aprender a se respeitar. Em coletivos onde a cobrança se transforma em atitude, a queixa em iniciativa e a participação se traduz no olhar carinhoso para as diferenças e suas manifestações desejantes.

Momentos que aproximam quem só se conhecia de vista e que hoje prepara a comida, pensa estratégias para continuar juntas percebendo que essa será uma saída para poder viver com arte.

A educação e a arte estão aí, não como disciplinas de uma grade curricular, mas como modos de vida desconstruindo o modelo meritocrático e burocrático daquela escola que produz a evasão. Espaço em que o coletivo/comunitário supera o individual/competitivo revelando produção de vida nas relações em atitudes artísticas. Ocupantes somos todos, cada um à sua maneira, ofertando seu tempo, sua coragem, seu apoio, sua energia, seu corpo dando visibilidade a essas ações e suas falas cada vez mais potentes na busca por vidas plenas.

Arte viva – resistência que acredita nos sonhos, nas dúvidas, nas manifestações, na criação .... – o desafio de transgredir ao enquadramento de olhares e sentimentos.

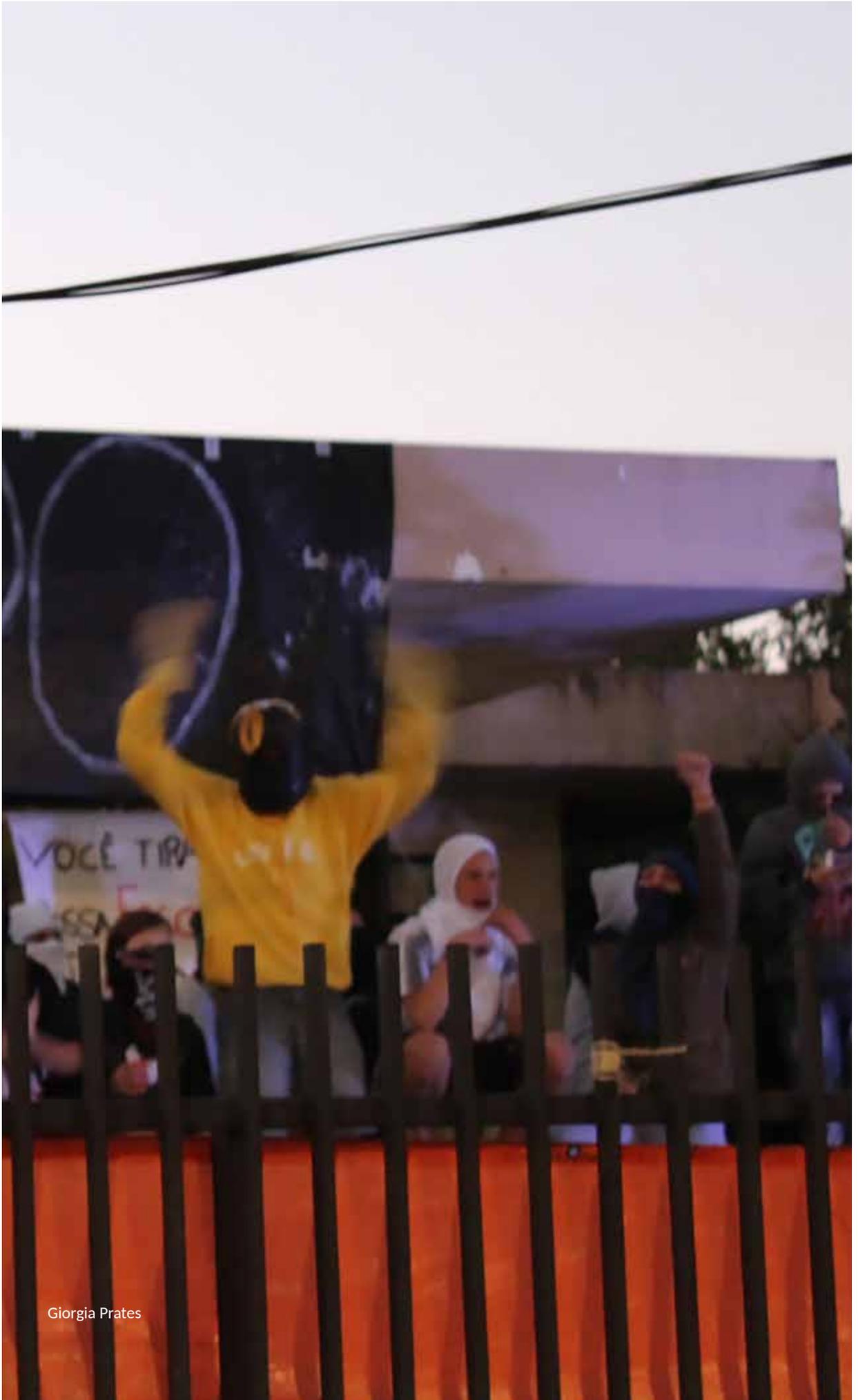




Monica

Passaram-se 51 dias/noites desde a primeira escola de ensino médio ocupada na região de Curitiba/PR. Desde meu mestrado me dedico a esta etapa da educação básica. E lá se vão quase 30 anos, de dedicação acadêmica e de luta pelos direitos dos/as jovens brasileiros à educação, sempre negada, sempre subtraída. Os motivos das ocupações (PEC 55/241, MP 746 e Lei da Mordaça) e a resistência juvenil me levaram a mergulhar no universo das ocupações. Foram dias/noites que oscilaram entre aprendizados incríveis e imensas tensões. Desde falar sobre a reforma do ensino médio, ajudar com alimentos e ir para a frente das escolas/universidades ajudar com a segurança. Foram formadas várias redes de proteção. Os ataques dos movimentos DESOCUPA capitaneados por grupelhos fascitoides levaram a muitas e muitas noites mal dormidas. Receber áudios de estudantes sendo ameaçadas/os, ouvir pânico em suas vozes, receber pedidos para que se corresse para a frente de uma escola/universidade com riscos de violência iminente, ler informações de bombas sendo atiradas aos pátios, experimentar o ódio nos olhos de alguns ...por um lado. Por outro, toda uma rede de solidariedade e apoio de gente comprometida com a causa da educação. Conheci pessoas incríveis, muitas delas estudantes e das quais jamais esquecerei. Conheci escolas cujo espaço físico jamais poderia ter esse nome pois em nada se assemelham ao lugar da formação humana. Vi sendo praticada uma nova pedagogia, protagonizada pelos/as estudantes, na forma, no conteúdo, na linguagem. Isso me encheu de esperança e força. Não, nunca mais seremos os/as mesmos/as, nem nós, nem eles/as. E para terminar, aos ignorantes e raivosos com as ocupações, recomendo a leitura dos argumentos de quem entende do assunto, ao invés de ficarem vociferando em torno do minúsculo mundinho de quem não consegue ver nada além do próprio umbigo.

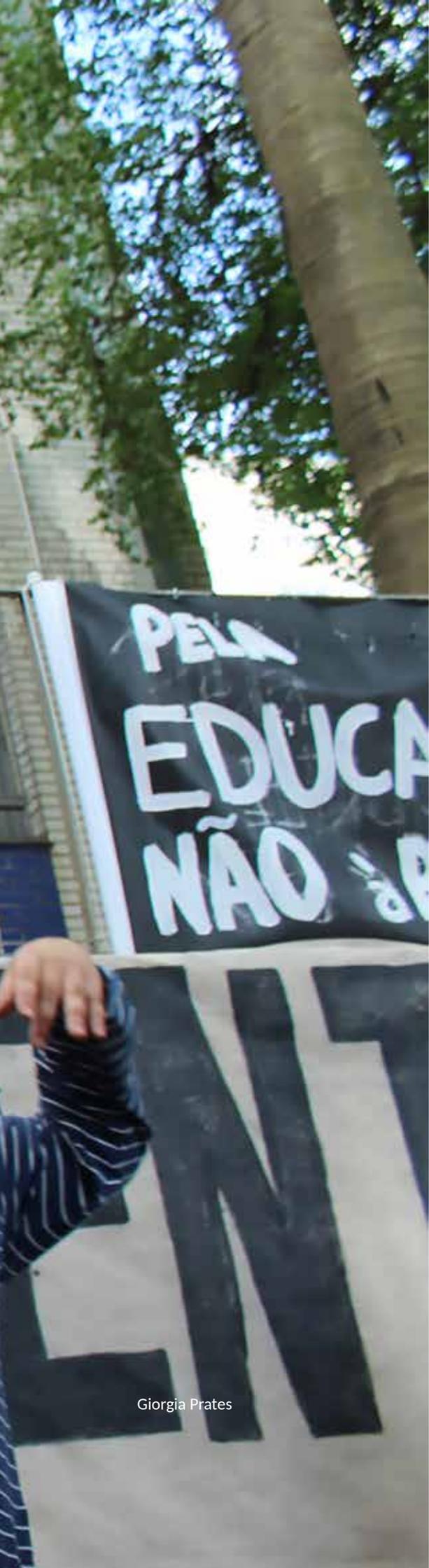
FIRME



Giorgia Prates

# Sobre a dança de 20 horas e a Performance Art





Giorgia Prates

*Proposta fazia parte da performance “20 HORAS de Movimento VS 20 ANOS de Congelamento” - por Marcellen Neppel (9/11/2016)*

Foi com grande surpresa que vi uma foto que o site Não Salvo compartilhou, ironizando um protesto contra MP 746 e a PEC 55 onde alunos dançavam 20 horas em frente a um campus de uma universidade, em Curitiba. Não era para menos: como que um grupo de estudantes dançando ao som de pop e funk barraria essas propostas que estão prestes a serem aprovadas?! Devido à grande honra que o Não Salvo (responsável pelos meus momentos de procrastinação e trabalhos atrasados) concedeu ao divulgar essa manifestação para todo o Brasil, resolvi escrever um texto a respeito a fim de esclarecer algumas dúvidas.

Da mesma forma que um designer fica calado ao ouvir coisas absurdas como “logomarca” ou “eu uso Comic Sans para responder e-mails” porque sabe que não adianta corrigir essas pessoas leigas em Design, um artista fica calado ao ouvir “isso é arte?”, porque não dá para corrigir pessoas leigas em Artes. Afinal, são muitas delas, e explicar tudo leva muito tempo. Então não se preocupe em xingar um artista, saber que ele viu/ouviu teu comentário e... te ignorar lindamente. A performance é uma dessas linguagens artísticas que é muito esculachada pelos leigos. O que caralhos fazem aqueles artistas que ficam nus cheirando o cu do outro, fazem transplante de uma cabeça de cachorro no próprio rosto, cortam seus órgãos genitais para fazer uma sopa ou levam um tiro no braço na frente de uma plateia atônita?

Diferente da pintura e da escultura, que são linguagens muito antigas já bem estabelecidas dentro do mundo artístico, a performance art tem uma história um pouco recente. Ela se inicia mais ou menos na mesma época das primeiras vanguardas artísticas europeias do século XX e se consolida na chamada Contracultura da década de 1960. No Brasil a performance foi uma grande arma utilizada pelos artistas durante a ditadura civil-militar, que durou de 1964 a 1985. E desde aquela época até os dias atuais esses artistas que fazem performance, os *performers*, são responsáveis por grandes bafafás do público não-artista. Embora a performance art ganhe uma repercussão maior quando são mostrados



Giorgia Prates

artistas que utilizam a nudez, esse grande tabu da sociedade, ela não se resume apenas a isso. Há vários performers que não tiram a roupa e fazem performances até que discretas, como entregar panfletos pela rua, brincar com papel higiênico no parque ou caminhar vagorosamente, de um ponto a outro da cidade. Você pode ter até passado ao lado de um artista executando sua performance e nem ter percebido. É considerada performance toda proposta artística que envolve o corpo. Segundo o crítico de arte Frederico de Moraes, **o corpo é o motor da obra**. A performance se faz valer de experiências táteis, motoras, acústicas, cinestésicas e visuais. Aliás,

**experiência** é palavra-chave da performance, porque ela só é obra de arte enquanto está sendo executada. Depois disso, sobram registros (fotografias, vídeos, textos, relatos orais) que testemunham o que aconteceu, porém já não são mais a obra em si. Mas o que diferencia uma performance art de uma ação comum do dia-a-dia? Seria eu um performer desde que nasci? A diferença entre uma performance e uma ação cotidiana reside na intenção. **Performers geralmente tem algo a dizer com seus trabalhos**, e geralmente é uma crítica a alguma coisa: crítica social, crítica ambiental, crítica econômica ou crítica política.



E é esse o contexto do evento *20 HORAS de Movimento VS 20 ANOS de Congelamento*, realizado pelos alunos do curso de (advinha?) Artes da UFPR, que na verdade foi sugerida por uma professora da disciplina de (advinha?) Performance.

Nessa disciplina os alunos estudaram sobre algumas performances que duraram horas a fio, como o de um artista que ficou 1 ano trancado dentro de um quarto sem dizer nenhuma palavra e o de uma artista que ficou 6 horas calada e imóvel em um museu, permitindo que os visitantes fizessem o que quisessem com seu corpo, entre outros exemplos. Logo, essa manifestação onde eles ficaram 20 horas ininterruptas

dançando em frente ao campus do curso, das 4h do dia 7 de novembro de 2016 até meia-noite (com revezamentos, óbvio) foi além de uma performance que serviria para o currículo de artista deles; foi também uma forma de **chamar atenção** para as ocupações das universidades que são contra as novas medidas do governo Temer. E conseguiram! A performance teve cobertura da mídia e várias pessoas compartilharam o fato nas redes sociais. Mesmo que sejam compartilhamentos com o fim de ridicularizar o ato, essas pessoas estão contribuindo para o principal objetivo dos alunos, que é o de **divulgar**.

E estão todos gratos por isso.



Giorgia Prates



Giorgia Prates

A presença de representantes da comunidade LGBT e de feministas na Ocupa do Instituto de Educação do Paraná foi marcante. O colégio, que nunca teve uma manifestação forte do orgulho gay, tornou-se, durante a ocupação, um espaço de aceitação e amor livre.

Todos os ocupas, com a mente aberta, estavam sempre dispostos a discutir temas como feminismo, gênero e homossexualidade. Houve debates interessantes, inclusive com a presença de convidados da UFPR, apoiadores do movimento.

Para Isabella Benevides, estudante do magistério, participante da Ocupa e pansexual, a ocupação "foi um espaço de expressão para todos, sem a repreensão de ser LGBT. Os ideais feministas estavam presentes em todas as pautas e decisões também".

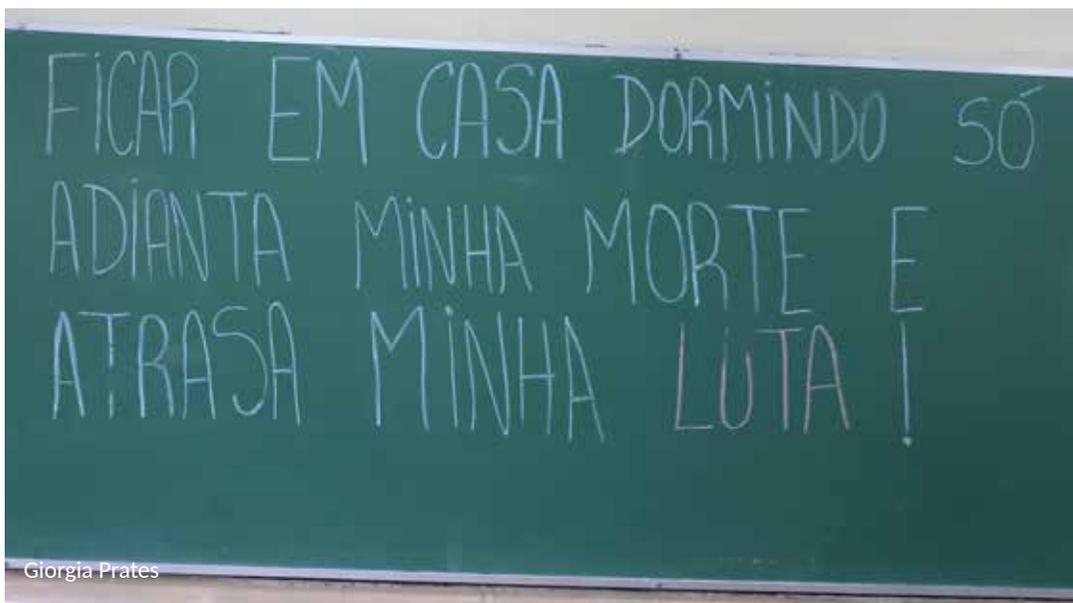
Como se sabe, o IEP é um dos poucos colégios que oferta o curso de formação de docentes (magistério). É bastante perceptível que o número de meninas nesse curso supera muito o número de meninos. Isso gerou um debate, no dia 18/10, cujo tema era "O gênero do magistério". A discussão levantou reflexões acerca do papel imposto pela sociedade ao gênero feminino e do machismo que há no pensamento comum de que todo menino que faz magistério é gay. Com esse e outros debates, aos poucos desconstruíamos o que a sociedade nos impôs.

Durante a ocupação, a liberdade que tínhamos para expressar nossos pensamentos mais íntimos, nossas ideias mais loucas e nossas opiniões sobre qualquer assunto era gigante. Como uma grande família os ocupa respeitavam uns aos outros e tinham novas experiências. Como muito se disse, "em um mês de ocupação aprendemos mais do que em um ano de aula".



Giorgia Prates

# #OcupaCleto



Giorgia Prates

*Carlos Victor de Oliveira Dias  
Raquel Zanatta Milet Brandão*

Quando éramos crianças, sempre imaginávamos como seria dormir no colégio, porém nunca esperávamos que isso ocorresse em um momento tão frágil e importante para o futuro da educação do nosso país.

Em uma quinta-feira chuvosa, do dia 12/10/2016, no intervalo das aulas decidimos em uma reunião com os alunos, após um longo debate democrático, a maioria optou pela ocupação do colégio, e a partir daquele momento, entramos para a história.

Apesar de termos ocupado nossa escola, não fazíamos ideia do que fazer em seguida. Cerca de duas horas depois, os outros colégios ficaram sabendo que o Professor Cleto foi ocupado, então, percebemos que não estávamos sozinhos. Começamos a receber doações (mantimentos) e informações das escolas ocupadas, que nos ajudaram no início da ocupação. E também, a comunidade estava nos apoiando e realizando várias doações como alimentos, produtos de limpeza e também de higiene pessoal, e ainda estavam nos emprestando seus colchões, cobertas, travesseiros. O apoio da comunidade foi essencial para que tivéssemos forças e coragem para continuar resistindo.

Os motivos que nos levaram a ocupar nosso colégio foram às seguintes propostas feitas pelo então presidente Michel Temer: a PEC 241/2016 ou 55/2016, que limitava drasticamente e por muitos anos, os recursos públicos, entre elas: Saúde, Segurança Pública e a EDUCAÇÃO. A MP 746/2016, Medida Provisória do Ensino Médio, que diz que os professores não iriam precisar de diploma na área de ensino, apenas alguns conhecimentos são necessários. E deram um passo para traz ao dizer que as matérias de Educação Física, Sociologia, Filosofia e Artes. E a implantação das aulas em tempo integral, que seria ensino médio de manhã (aulas normais) e a tarde seria o ensino técnico e profissionalizante.

Tentamos nos distrair dentro da escola, apesar do que estava acontecendo, para não ficarmos sobrecarregados. Praticávamos atividades esportivas, como o vôlei, basquete, futebol, entre outros. Palestras, rodas de conversas, aulas preparatórias para os vestibulares, tocamos violão, cantamos, e também, não podia faltar as atividades de

limpeza, que eram mais do que necessárias, que ocorria duas ou três vezes por dia (conforme a programação). Agradecemos imensamente a comunidade pelo carinho e por ter nos doado seu tempo, os professores da UFPR (Universidade Federal do Paraná) pelas ótimas palestras e rodas de conversa, pela companhia, e pelas doações.

A maior preocupação do colégio era a segurança dos alunos que lá estavam, por isso, nos organizamos para fazer rondas durante a noite, pois recebíamos informações de outras escolas, que o MBL (Movimento Brasil Livre), iria tentar desocupar o colégio. A preocupação não era só há noite, também era de dia, pois o MBL rondava a escola a todo o momento de carro e também a pé.

Os dias foram passando, os alunos do ocupa ficavam cada vez mais próximos até quem nunca tinha se falado durante as aulas, acabavam criando um vínculo de amizade entre eles. Quando recebemos a informação que saiu uma lista com 24 mandatos de desocupação e que o nosso colégio estava na lista para desocupar, ficamos atentos, pois os oficiais de justiça poderiam chegar a qualquer momento no nosso portão, então nos preparamos caso isso acontecesse.

Quando, infelizmente, os oficiais de justiça chegaram ao colégio, já sabíamos que tudo aquilo iria acabar, e nós não iríamos ter escolha. Querendo ou não, tínhamos que desocupar a escola, essa tal escola que foi nossa casa durante 21 dias. Reunimos nossas coisas, levamos para fora do colégio e nos despedimos de uma longa jornada de luta histórica pela educação do Brasil.

**“Como consigo me despedir da minha nova família?... Porque foi isso que nos tornamos!” (Luiz Carlos, ex-ocupante do Professor Cleto, permaneceu na escola durante todos os 21 dias de ocupação)**

*Família Ocupa Cleto: Carlos Victor, Raquel Milet, Kauan Santos, Alan Santos, Gabriella Moura, Gabriel Costa, Carlos Henrique, Luiz Carlos, Isabel Rosa, Allexia Motta, Matheus Frote, Maria Luiza, Rafaela Furini, Rennan Matheus, Bryan Raphael, Leonardo Rodrigues, Iasmin Cristina, Sibelly, Isabela Maciel, Ana Lidia, Ruan Dove, Guilherme Luan, Beatriz Coleti, Nataly Vioto, Adrieny Machado, Marina Salamacha, entre outros. Agradecemos a todos.*

*E agradecemos especialmente a Alessandra Bettega (ex-professora do Professor Cleto), Valeria (UFPR), Ângela Scalabrin (UFPR) e aos voluntários da UFPR.*



Giorgia Prates



Giorgia Prates

# Diário de Thiago

26/10/16

Bom dia hoje acordei super atrasado para ir trabalhar combinei que trabalharia na parte da manhã para participar da Assembleia dos Secundaristas de todo o estado do Paraná, encontrei a Ana Helena onde almoçamos e então "começou" a "Assembleia" (nossa que bagunça) demos mais conseguimos organizar algumas propostas para encaminhar o governo, fomos avisados de uma reunião surpresa no CEP com o NOC (Núcleo de Ocupação de Colégios).

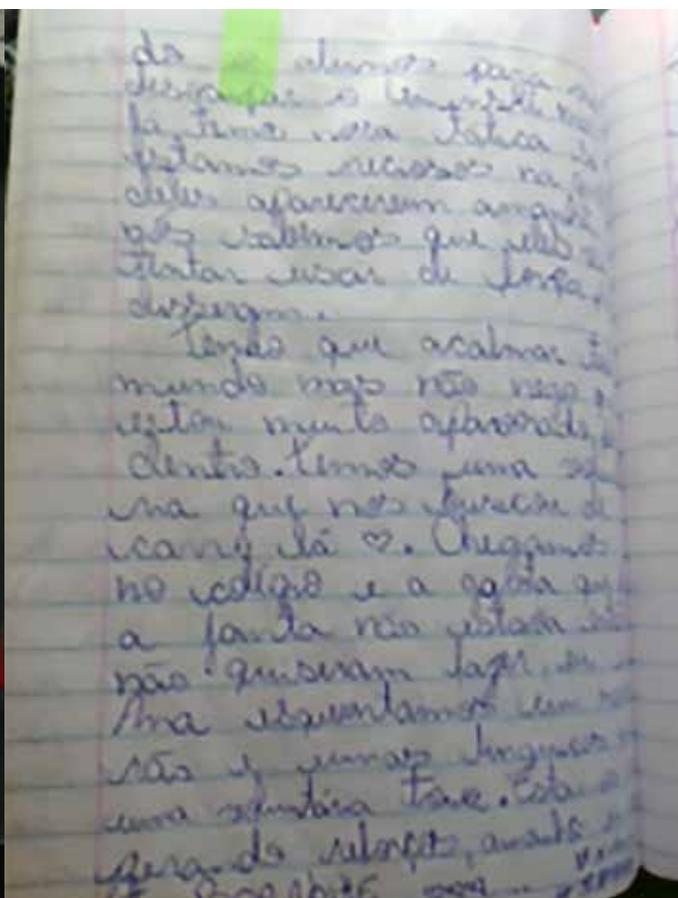
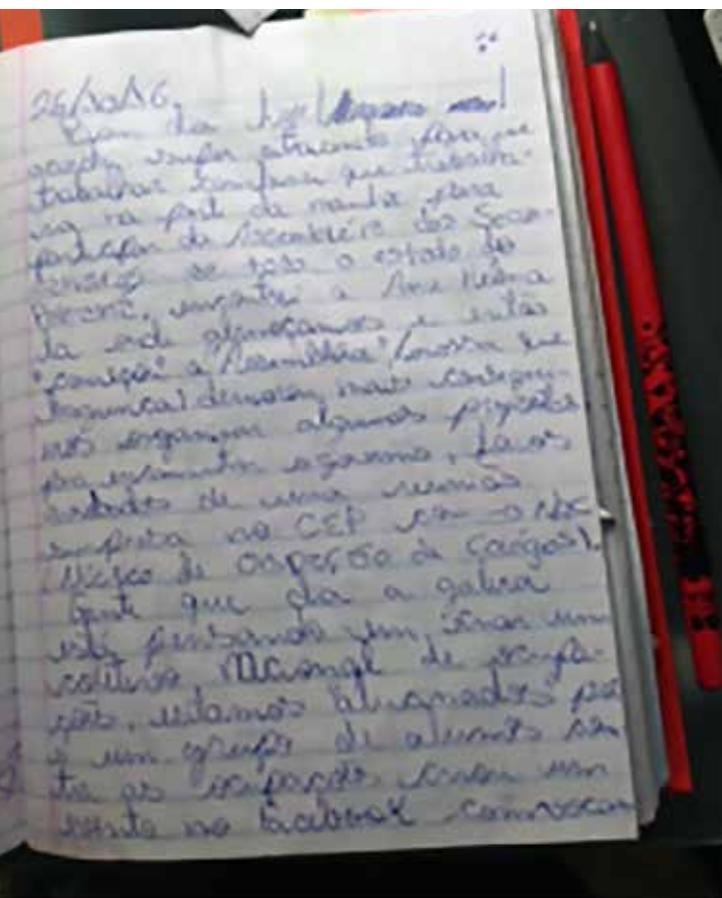
Gente que dia a galera está pensando em criar um coletivo nacional de ocupações, estamos "alucinados" um grupo de alunos contra as ocupações criou um evento no

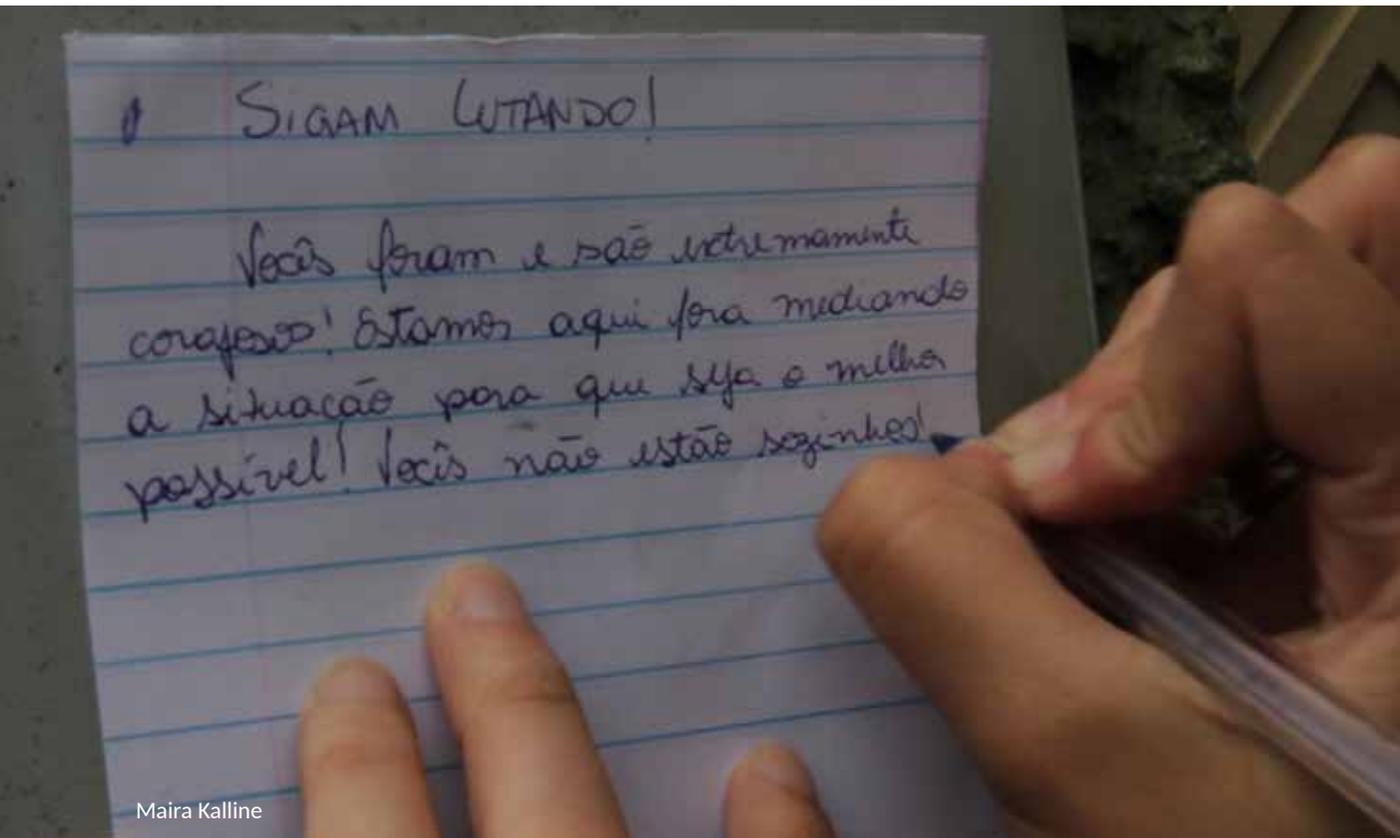
facebook convocando os alunos para vir desocupar o Leminski mas já temos a nossa tática só estamos receosos na questão deles aparecerem amanhã, nós sabemos que eles vão tentar usar de força pois disseram.

Tenho que acalmar todo mundo mas não nego que estou muito apavorado por dentro. Temos uma voluntária que nos buscou de carro lá. Chegamos no colégio e a garota que faz a janta não estava então não quiseram fazer, eu e a Ana esquentamos um macarrão e umas linguças que uma voluntária trouxe. Estamos esperando reforços, amanhã eu conto. BOA NOITE.

#ocupatudo

#ocupaparaná





Maira Kalline



Giorgia Prates

# Caminho

*Ângela Scalabrin Coutinho*

Há uma estrada na minha frente e ela é longa.

Olho a extensão que meus olhos alcançam e penso se tenho fôlego para acompanhá-la.

Penso no tempo, no cansaço, no que encontrarei após a primeira curva.

Também penso nas paisagens, aos lugares que essa estrada levará.

Penso que na vida nada é certo e tudo é uma eterna novidade.

Penso nas pessoas, nas histórias, na vida.

Volto para a estrada, quero continuar.

Da mãe terra quero o calor, que me aquece e anima.

Quero o vento, que me refresca e eleva.

Quero a chuva, que me lava o corpo e a alma.

Quero a terra, para pisar com os pés que tenho, ora firmes, ora titubeantes, mas vivos e por isso andantes.

Desse caminho sei pouco, mas é disso que se trata, da incerteza e da beleza do desconhecido e das lições que ele nos oferece.

Giorgia Prates



# Espetáculo

*João Davi Kluber*

O descaso é sistêmico com o ramo acadêmico.  
Ter força hercúlea para não ser vítima,  
Ter dom artístico, anti-anropológico  
Talvez seja estímulo para enxergar sóbrio  
A tez translúcida da dor.

O descaso é translúcido com o ramo artístico.  
Ter dom sistêmico é caminho próspero  
Para o artista mórbido, quase ou nada crítico,  
Que se torna cúmplice da grande metástase  
De um protótipo ilegal.

O descaso é propósito de um grande invólucro  
Pro pacato espécime, feito modernístico.  
É um espetáculo! Muito pouco artístico, muito específico  
Para um nicho esdrúxulo, pseudoaristocrático,  
Que pisa até nos próprios pés.



Giorgia Prates



Giorgia Prates

# Diário de Thiago

08/11/16

Saímos 09:00 AM em direção a Brasília, vamos fazer contato, participar das assembleias e voltamos no mesmo dia. Detalhe são 24 horas dentro do ônibus, vamos passar pelos Nortão do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, para finalmente chegar em Brasília.

Meu Deus que viagem haha

O caminho é lindo.

Gente nunca pensei que ia para Brasília muito menos desse jeito.

#vaiprabrasilia

#resistir

Obs: 16

Saímos 09:00 em direção  
a Brasília, vamos fazer contato  
participar das assembleias  
e voltamos no mesmo dia.  
Detalhe são 24 horas dentro do  
ônibus, vamos passar pelos  
Nortão do Paraná, São Paulo,  
Minas Gerais, para finalmente  
chegar em Brasília.

Meu Deus que viagem haha  
o caminho é lindo.

Gente nunca pensei que  
ia pra Brasília muito menos  
desse jeito.



Giorgia Prates

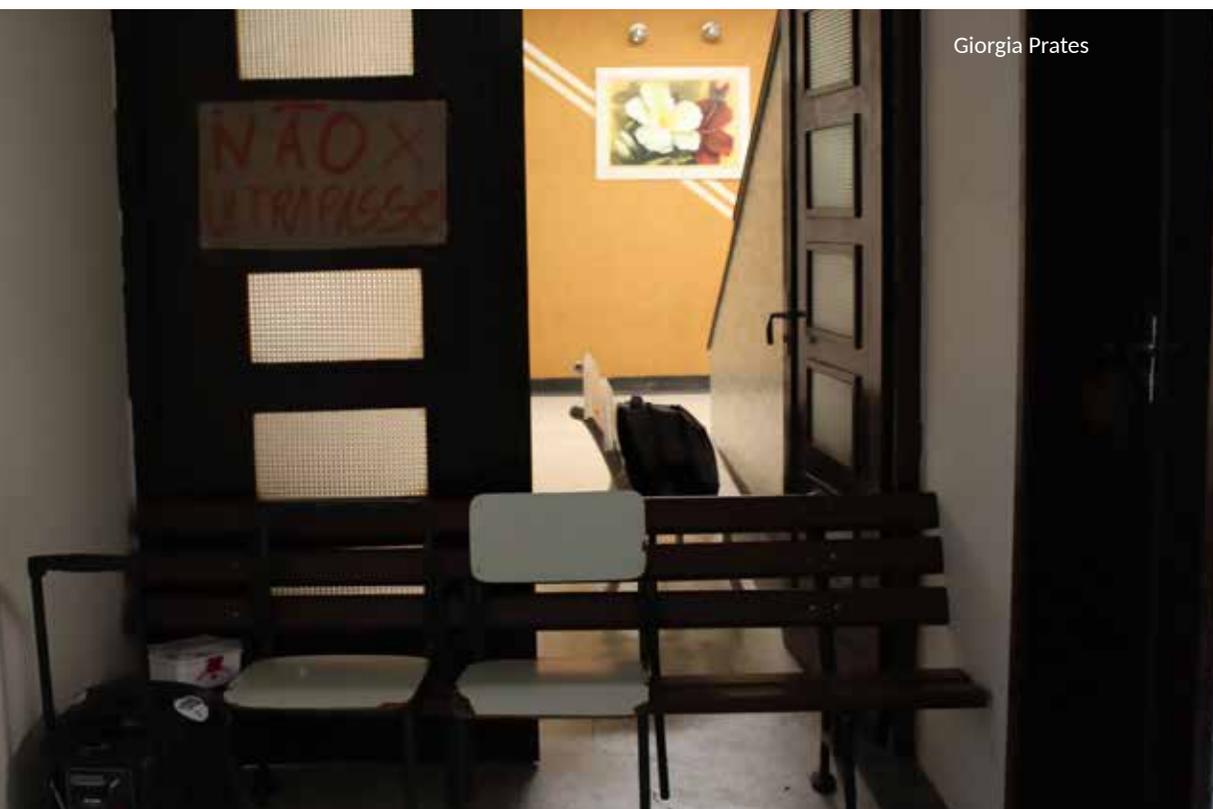
*Biatrix Sthefany Mariano*

*Ocupante do Colégio Estadual Jayme Canet*

Minha ocupação começou no dia 17 de outubro de 2016, e venho aqui relatar alguns problemas e repressões que tivemos durante a ocupação, para começar ocupamos em apenas 8 pessoas um número razoavelmente pequeno considerado a outras ocupações, durante a ocupação limpamos e pintamos o colégio de uma forma diferente, pois o colégio sempre foi completamente sem vida e azul, colocamos algumas cores e desenhos na parede e pintamos os banheiros dos meninos de rosa e o das meninas de azul para desconstruir um pouco essa coisa de gênero, chamamos os pais da comunidade para uma reunião no dia 22 para explicar porque ocupamos e o que estávamos fazendo no colégio, os pais chegaram no colégio completamente agressivos e só queriam saber se a ocupação iria ou não acabar e não tinha como dialogar com eles, eles queriam que a gente desocupasse naquele momento ou eles iriam "ocupar a nossa ocupação" eles então começaram a querer agredir uma professora que foi para conversar com eles e quando fui defende-la um pai isso mesmo um pai de deu um tapa no rosto, foi aonde tivemos que nos recolher para dentro do colégio e chamar outros professores para conversar com aqueles pais, após isso o que nos abalou foram campanhas feitas através de meios de comunicação feita por

um professor contrário a ocupação ele fazia publicações oferecendo nota para os alunos que fossem invadir a nossa ocupação e também publicava por onde e como invadir o colégio, e também a nossa diretora que até o termino da greve dos professores era completamente a favor da ocupação, quando a greve acabou ela nos ameaçava diariamente, com que iria levar pessoas e até mesmo policiais que ela conhecia para desocupar, do dia 28 ao dia 02 de novembro nós sofremos diversos ataques externos, pessoas atacando rojões, bombas e pedras dentro do colégio, carros cheios de homens que paravam em frente ao colégio de madrugada e ficavam mexendo no portão gritando que nos "falsos revolucionários tem que morrer" no dia 1 primeiro pedimos ajuda a diversas ocupações porque os rojões estavam frequentes e nós estávamos em apenas 6 pessoas, nesse dia foram umas 30 pessoas de diversas ocupações nos ajudar, no dia 02 começou de manhã até a noite com pedras, paus e rojões no portão, foi onde por volta de 20:00 horas da noite conversamos e decidimos desocupar, desocupamos no dia 02 de novembro em 6 pessoas completamente cansados, mas com a sensação de dever cumprido tentamos e lutamos contra a mp746 e a pec 55, não nos calamos e não nos calaremos, esses foram uns dos nossos problemas da ocupação.

**"PROMETEU E NÃO CUMPRIU, AGORA AGUENTA O MOVIMENTO ESTUDANTIL."**





Kauana Nhaia Antonicomi



Giorgia Prates

### *Mikhail Bino - Ação Antifascista Curitiba*

Sendo morador de uma área dita periférica e com pouca visibilidade, a missão de ocupar um colégio e conscientizar a comunidade seria muito mais difícil, pois teríamos que estar preparados para não receber o auxílio que as instituições de ensino centrais sempre recebem.

A ocupação no Colégio Teobaldo Leonardo Kletemberg foi pensada nos mínimos detalhes, fizemos panfletagem para alertar a comunidade do que estava acontecendo com a medida imposta pelo presidente Temer (MP-746), passamos de sala em sala conversando com os alunos para que todos soubessem os motivos dessa luta, conversamos com professores e funcionários pois alguns não tinham total ciência sobre o assunto. Visitamos as ocupações de São José dos Pinhais (as primeiras do Paraná) para trocarmos contatos e experiências.

Nesse momento, estávamos nos sentindo preparados para convocar uma assembleia com todos os alunos para que fosse votado se o colégio seria ou não ocupado. Com todos sabendo dos motivos, e de forma geral não aceitando os mesmos, o colégio foi ocupado. Um dos cinco primeiros estaduais a ser ocupado em Curitiba, estávamos preparados e por conta disso conseguimos antecipar alguns problemas e evita-los sem grandes dores de cabeça.

Por sermos uma das primeiras ocupas de Curitiba, conseguimos o que ninguém esperava: ajuda mútua e apoio de professores, funcionários, alunos e simpatizantes de outras regiões da cidade. Diariamente recebíamos muitas doações, o suficiente para pensarmos em doar, pois naquele momento estava crescendo o número de ocupas a cada hora, e vários alunos estavam visitando nosso colégio para buscar ajuda. Por estarmos bem organizados e tentando fazer tudo da forma mais horizontal possível, passamos essas ideias para as pessoas, sem hierarquia conseguimos nos manter firmes durante todo o tempo em que passamos ocupados, com tudo o que absorvemos nesse tempo de ocupação, conseguimos viver em um ambiente com democracia direta, em que todos tinham voz e força.

Recebemos visitas de muitos coletivos que fortaleceram ainda mais essa ideia de horizontalidade, visamos a autonomia o máximo possível pois sabíamos que as instituições que se diziam nos representar, não representavam nossos interesses (conseguimos passar essa ideia para as demais pessoas que não tinham esse contato com pensamentos libertários/anarquistas e com isso criamos o C.A.O.S – Coletivo Autônomo de Organizações Secundaristas). Foi muito importante essas visitas pois pudemos lidar com assuntos mais sérios e de luta diária como; a luta contra o fascismo, machismo, homofobia, racismo, xenofobia e outros assuntos sérios de nossa sociedade.

Mas com o tempo e os colégios centrais sendo ocupados, toda a visibilidade e ajuda foram dadas para esses colégios, e como sempre deixando tudo o que é periférico de lado. Tivemos que nos manter firmes pois sabíamos que a partir desse momento seria mais difícil manter nossa sobrevivência e permanência nessa luta. Vários colégios do nosso bairro foram atacados por pais, diretores e membros de movimentos da direita que não aceitavam as ocupações.

Após os colégios serem desocupados, tomamos as ruas para mostrar que a luta não tinha acabado, e com isso acontecendo, todos tiveram mais contato com os coletivos que visam as ideias de autonomia e autogestão. Como minha militância se assemelhava muito com esses ideais, não foi difícil me sentir bem lutando ao lado desses companheiros, foi aí que aprofundi a ideia de militar pela Ação Antifascista de Curitiba.

Foi com muita luta e suor que conseguimos fazer com que o ano de 2016 entrasse para a história, fizemos muito mas sabemos que está longe de ser o suficiente para que tenha mudanças reais, mas com o poder popular que estamos construindo acredito que consigamos sim daqui uns anos reverter essa situação, pois o Estado não pode ser maior que a vontade das pessoas.





ABAIXO TEMER E SUA QUALQUER  
CONTRA AS MEDIDAS ANTI  
UNIDADE VERMELHA



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates

*Mayara Brasil*

*Sobre seguir Firme*

*Sou corpo, que fica doente  
sou mente, que quer aprender  
sou humana, que sente*

*Podem maltratar meu corpo,  
me tirar a saúde  
Podem me fazer chorar vinagre,  
provocar ódio e angústia  
Podem fazer minha alma arder,  
com pimenta*

*Podem me tirar a voz,  
reprimir  
Podem me agredir diariamente  
de centenas de formas diferentes  
Podem ser indiferentes  
e decidir minha vida tomando champagne  
sem que isso seja pertinente*

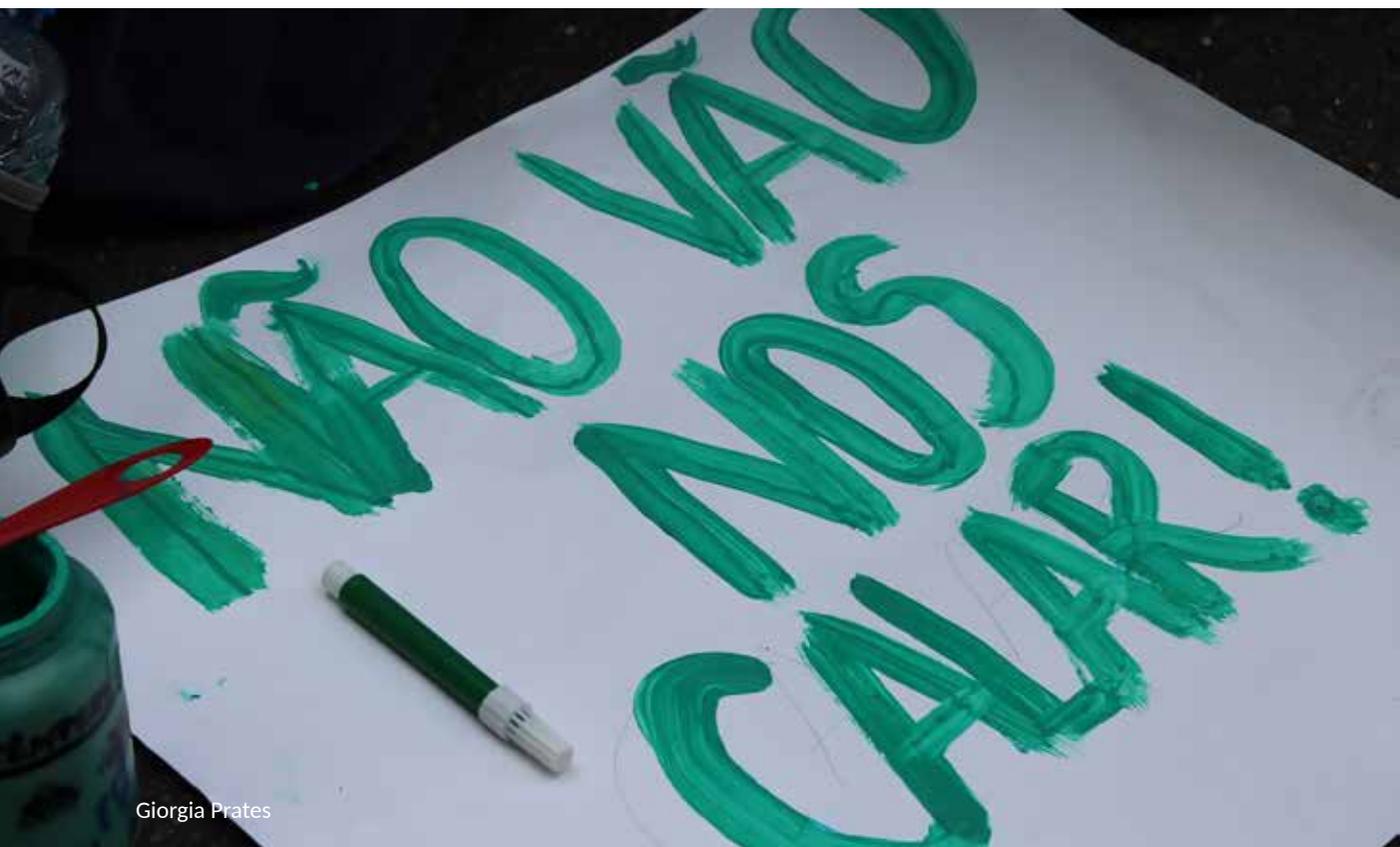
*Podem usar bomba de efeito moral  
sem que a moral exista  
Podem distorcer informações  
e mascarar a ditadura*

*Podem me fazer sangrar  
por dentro  
em nome do conforto e da ganância  
pra que eu não dê tormento*

*Afinal, sangue quem sangrar  
você tem que trabalhar!*

*São donos da verdade  
São donos das oportunidades  
São donos de tudo que é meu,  
até o futuro*

*Mas por mais que tentem,  
não dominam a minha mente  
e a união que se faz presente  
e somente isso fará revolução realmente.*



Giorgia Prates



Monica Ribeiro

*Elber dos Santos*

Como todos os grandes feitos começamos em um pequeno grupo, ocupar o colégio foi desde o início um grande desafio. A visita às salas de aula, debatendo a proposta da reforma, se tornou um convite ao movimento que estava prestes a iniciar.

Os três primeiros dias, foram repletos de tensão e burocracia, nos dividimos entre assembleias, reuniões com professores e diretores, debates sobre como levaríamos nossa ocupação e como nos organizaríamos uma vez dentro do colégio.

A cada dia que passava era uma nova experiência, um novo aprendizado sobre a vida e a democracia. Ao mesmo tempo em que aprendíamos com isso, haviam pessoas com mais intenções para com o movimento. Tacavam pedras, quebravam vidros, carros desconhecidos vigiavam a frente colégio, pessoas forçavam as portas de entrada... Houve uma noite em que realmente ficamos assustados e indignados, três indivíduos que estavam embriagados, tiveram a brilhante ideia de atacarem o colégio e os estudantes, apedrejaram a escola e uma destas pedras por pouco não acertou um ocupante de 12 anos, chamamos a polícia, mas nem eles se quer apareceram no local, por sorte chegaram mais integrantes da ocupação, nos reunimos e fomos falar com os indivíduos, no fim eles acabaram correndo de nós, os

alcançamos e damos uma lição de moral neles, depois desse episódio, descobrimos que nem mesmo a lei estava do nosso lado. Estávamos sempre vulneráveis a tudo, mas resistimos aos problemas até o fim. Três dias antes da chegada de reintegração de posse, a gestão do colégio organizou uma reunião com a comunidade para "decidir" se a ocupação continuaria ou não. A votação pelo fim da ocupação foi unânime, mas o que ninguém parecia ter consciência era de que a sombra da MP 746/2016 e da PEC 241/55/2016 está muito perto de nós.

Nós sabíamos que uma hora a reintegração de posse chegaria, mas quando realmente o dia chegou, não imaginávamos que seria tão triste desfazer a nossa família e simplesmente acabar com a rotina que estávamos já adaptados. Apesar de termos cumprido nosso objetivo, não queríamos que o movimento que havíamos construído, acabasse assim, tão repentinamente. No fundo, sabíamos que tudo aquilo era só o começo da luta, que ainda não tínhamos acabado. Continuamos resistindo as repressões e atrocidades do governo, as falácias e o sensacionalismo da mídia.

Agradecemos a todas as pessoas que se mobilizaram e estiveram conosco nessa luta. Foram dias que jamais esqueceremos!

#OCUPA TUDO

#OCUPAR E RESISTIR



Ana Eduarda Diehl



Ana Eduarda Diehl

A chamada primavera secundarista constituiu um movimento, mas por movimento, é melhor que se tome como algo não monolítico. Se a ocupação do Arnaldo Jansen foi totalmente diferente da do Colégio Estadual do Paraná, então prefiro falar no plural, designando movimentos.

Se nas escolas centrais e seus arredores o MBL foi a pedra no sapato dos que defendiam seus direitos, lá em São José dos Pinhais não há registro de ameaças que se pronunciavam por meio de carros de som. Havia antes traficantes armados fechando o cerco e soltando seus gritos com rojões.

E por falar em poder, esse feixe que ultrapassa as relações, como manter o convívio diário em uma experiência inédita, permeada por todos os tipos de pressões sem ceder às tentações dos podres poderes?

A resposta dos estudantes secundaristas veio na forma de uma nova forma de organização, na qual o apreço pela horizontalidade eram em si mesmo um horizonte. As discussões em assembleias e o apreço pela diferença faziam das ocupações um território fértil para o semeio das multiplicidades.

Presenciei a ruptura de papéis introjetados, ali onde avistei meninas fazendo a segurança enquanto os meninos cozinhavam. Na construção da experiência, onde havia separação, surgiram banheiros unissex.

Não que tudo fossem flores. Onde quer que exista gente, a diferença é sempre fator de soma ou perturbação. Mas o simples fato das ocupações terem deslocado papéis e dos alunos terem experimentado uma autonomia sem igual já é um legado e tanto.

A aniquilação do poder é não só uma prática diária, como também um exercício de delicadeza, ainda que para tanto seja necessário elevar a voz em tom de ocupação.

Resistimos, a que será que se destina?

~~O RENASCIMENTO ITALIANO~~

MOTIVOS:

- Enriquecimento das cidades italianas
- as comércios de
- Herança cultural
- Fuga dos nobres para a Itália

tal apoio

AU POVO



# EVOLUÇÃO CURDA

~~lan  
n desde  
especiaras.  
rial romana  
n Argentina~~

- ## ~~Características~~
- ~~- Humanismo~~
  - ~~- Individualismo~~

- ## ~~Objeto~~
- ~~- Fato social~~
  - ~~- Estado~~
  - ~~- Sociedade~~
  - ~~- Organização~~
- ~~Oliver~~



Giorgia Prates

*Rafaela*

Nosso início nas ocupações começou tão tumultuado quanto o final, nosso colégio foi o último da nossa cidade a ser ocupado, e por morarmos em um bairro muito pequeno estávamos receosos se deveríamos ou não fazer parte desse movimento.

Não sabíamos como nos organizar. Certa noite chegou um grupo de alunos do turno da manhã no colégio no qual eu estudava, e sem organização houve uma votação e foi cancelada a ocupação daquele dia. Era complicado pois a maioria dos alunos agia por impulso. Passamos um fim de semana estudando as regras e na segunda feira de manhã decidimos que estávamos informados o suficiente, sabendo que nossa ocupação era legal - diferente do que nosso diretor havia falado - e sabendo que os motivos eram nobres.

Passaram-se dias e escutávamos que o que fazíamos era errado, ouvíamos pais de alunos reclamando que não teriam aula para seus filhos, ouvíamos o nosso próprio diretor se referindo ao nosso protesto como invasão, crime e fazendo uma pressão tão absurda que diversas vezes pensamos em desistir.

Nós achávamos engraçado pois um grupo de alunos começou a fazer um grupo contra o ocupa, um grupo de quinze a vinte alunos que mobilizava os pais, os moradores, pois tinham voz por serem membros da igreja e todos os conhecerem, em pouco tempo eram poucos os pais que apoiavam, não eram tantas as pessoas que no começo que ajudavam e estávamos perdidos.

Recebemos visitas de alguns apoiadores do ocupa, tivemos uma oficina vegana, e discutimos muito com uma representante em especial, que aliviou nossos pesares nos mostrando que o que nosso diretor estava sim fazendo era assédio moral, - o que não sabíamos, pois nosso diretor era "amigo" na maior parte do ano letivo - ela nos apresentou advogados que nos garantiram que o processo era legal e nos disse quais medidas deveríamos tomar caso acontecesse mais coisas que nos colocasse em risco.

No mesmo dia em que essa representante estava conversando conosco, nosso diretor chegou na ocupação, ele com todas as forças quis deixar claro que o que estávamos fazendo era uma lavagem cerebral do PT - partido dos trabalhadores - e que nós éramos só marionetes. Felizmente essa

representante nos defendeu e teve uma discussão não muito útil para uma das partes, que com sua mente fechada não queria ouvir o que os alunos tinham a dizer, e justificava seu aumento gradativo de voz como sendo "normal".

As noites na Ocupa foram agitadas a partir daí. Tivemos pessoas que "entravam" na escola para tumultuar, tivemos a visita ilustre do representante do grupo contra a ocupação, que trouxe-nos argumentos falhados de o porquê a ocupação ser ilegal, e felizmente nossa representante já estava consciente do que era legal ou não e não deu ouvidos ou se abalou.

Nosso colégio foi o penúltimo a ser desocupado na nossa cidade, e no mesmo dia houve aula no turno da noite, e eu sinceramente não sei o que foi pior. Passar por tudo o que passamos ou receber as críticas e "insultos" dos alunos que se afastaram da causa, e do nosso diretor.

Hoje como ex-aluna dessa instituição de ensino, sinto que fiz minha parte pelas pessoas que ainda vão estudar. Fico decepcionada por colegas minhas terem sido indiciadas em processos. E imagino que nosso atual presidente e seus bravíssimos deputados devem de certa forma ter um pouco mais do que posso chamar de respeito pelos jovens de escola pública do Brasil.

**Carta de repúdio à repressão policial 29  
de novembro de 2016, publicado na página  
Ocupa Unespar Curitiba\***



## INFORME - ATO E REPRESSÃO NA SETI

No último dia 29, dia em que a PEC 55 foi votada em primeiro turno no Senado, realizamos um Ato na SETI (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná), levando nossas reivindicações, que incluem a abertura do edital de bolsas de auxílio permanência e o repasse da verba de custeio- essencial para o funcionamento da universidade. A Unespar encontra-se em estado de alarmante precarização: faltam materiais básicos, professores, políticas de assistência estudantil e não teremos verbas para manter as portas abertas em 2017. A Secretaria da Fazenda (SEFA), responsável pelo repasse das verbas, recusa-se a dialogar com estudantes, sendo que há tempos solicitamos uma reunião com representantes da SETI, Reitoria e SEFA, pois é comum que um jogue para o outro as responsabilidades e soluções para os problemas.

Logo nos portões da SETI, fomos impedidos de entrar, sendo que um segurança chegou a apontar uma arma de fogo para as/os estudantes que simplesmente queriam discutir sobre suas pautas. Após conseguirmos entrar no pátio, não fomos atendidos e fomos impedidos de fazer o protocolo.

Ao fim da mobilização, enquanto negociávamos com funcionários da SETI, uma unidade do tático móvel da Polícia Militar chegou de modo intimidante- uma pequena

amostra do que é feito diariamente e com maior intensidade nas periferias. Com armas e cassetetes, exigiram que as/os manifestantes que estavam com máscaras ou panos descobrissem seus rostos. Aqui, é importante destacarmos que não há qualquer violação da lei em não se querer mostrar o rosto em protestos. É recorrente a criminalização e perseguição de quem participa de atos de reivindicação, sendo numerosos os casos nos movimentos de ocupações de escolas e universidades. Com o crescimento da perseguição aos manifestantes é legítima a atitude daqueles e daquelas que não querem mostrar seus rostos e serem fichados pelos organismos de repressão.

Após ameaças de prisão e com o cenário de violência policial se aproximando - polícias inclusive disseram que estavam "loucos pra descer a borracha"- , saímos em ato, sendo ainda seguidos pelo carro da polícia, com armas apontadas em nossa direção, impedidos de terminar nossa negociação.

Contra toda a repressão, segue firme a luta por assistência estudantil e pela verba de custeio da universidade!

\*A página atualmente se intitula Movimento de Estudantes Unespar Curitiba.



Giorgia Prates



## Ocupação na UTFPR (Entrevista)

A Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), campus Curitiba, sede centro, foi ocupada por estudantes em 18 de novembro de 2016, sexta-feira, no término do turno noturno de aulas. Os estudantes permaneceram no local até a madrugada de 25 de novembro, sendo retirados por um forte aparato policial que agiu em desacordo com a lei, promovendo a reintegração de posse às quatro horas da manhã. Uma

professora da instituição esteve com os ocupantes durante a maior parte do tempo. Acompanhou assembleias, vivenciou as rotinas estabelecidas pelos estudantes, participou das vigílias nas noites sempre tensas, em que partidários da desocupação e integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL) ameaçavam os ocupantes e, principalmente, conversou muito, ouvindo relatos de vida e se encantando com o grandioso processo de formação pessoal e política que as ocupações de 2016 representaram para a juventude brasileira. Na entrevista abaixo, a professora compartilha parte de suas observações.

**- Quando e como você ficou sabendo da ocupação na UTFPR, em Curitiba?**

Lembro que era um sábado de manhã e eu estava me arrumando para ir à feira, quando recebi a informação que tinham quebrado uma porta de vidro da UTFPR e, daí, soube da ocupação. Fui para lá, cheguei pela portaria da Av. Sete de Setembro, onde estavam muitos alunos reivindicando a desocupação. Ali tem um pátio e uma porta de ferro num corredor que leva a outros blocos de salas de aulas. Essa porta estava fechada e havia um grupo do 'desocupa' muito enraivecido; era nítido que queriam ir para a briga corporal. Havia umas 200 pessoas nesse pátio e quem estava fazendo a negociação era o pró-reitor de administração e planejamento. Estavam presentes também um representante da pró-reitoria de graduação, o diretor de graduação do campus e o diretor de planejamento.

**- Qual foi o seu papel neste momento?**

Foi o mesmo de outros professores que já estavam ali: a gente fez cordões, dando as mãos, e ficávamos entre os estudantes da ocupação e os da desocupação, sempre na tentativa de impedir confrontos, acalmar os ânimos, entender o que estava acontecendo e permitir que os gestores fizessem as negociações. Houve momentos bem tensos, porque a UTFPR tem várias portarias de acesso

e, quando o pessoal do desocupa tentava entrar por outros portões, os poucos professores que ali estavam se dividiam para evitar o confronto correndo para as outras portarias. As autoridades acadêmicas já tinham dito diversas vezes que a administração estava tomando as providências dentro da lei, mas um grupo entre os desocupas agitava a massa, querendo fazer justiça com as próprias mãos. Inclusive, já havia sido quebrada a porta de vidro da portaria da Av. Sete de Setembro. Uma acusação que eu ouvia muito era 'você não estuda aqui', 'você está na minha universidade'; xingavam de uma forma bastante agressiva dizendo que, se não estuda aqui não tem direito de entrar neste espaço. Nós, os professores, dissemos que a universidade é pública, a pessoa não estuda hoje, mas ela pode estudar amanhã. E, da mesma forma em que você estuda hoje, pode estar formado amanhã e não estudar mais.

**- No começo da tarde houve um momento mais tenso, inclusive com a explosão de uma bomba em uma das outras entradas do campus. Neste local havia apenas uma porta de vidro separando os grupos, e metade dela aberta, você presenciou?**



Giorgia Prates



Sim, eu estava lá. Havia quatro professores e alguns seguranças para conter o conflito. Quem soltou a bomba foi alguém do movimento desocupa. Aquilo foi cruel, pois as pessoas estavam encurraladas num corredor. Estilhaços machucaram uma professora da UFPR que estava ali. Num primeiro momento ficou como se a ação tivesse caráter individual, mas depois ficou claro o corporativismo, na forma da tentativa de proteger a identidade de quem soltou a bomba, pois o rapaz desapareceu. Lá pelas quatro horas da tarde bateu a fome e o cansaço, e o grupo do desocupa se dispersou, reduzindo a pressão e permitindo que o pessoal da ocupação se organizasse internamente. Também a notícia de que a reitoria havia entrado com o mandado de reintegração de posse desmobilizou os desocupas naquela tarde de sábado. A partir dali, e isso é perceptível em várias fotos e

vídeos, os rapazes do MBL se comportavam durante o dia como bons moços para que a população os apoiasse, mas de madrugada eles vinham com pedras, paus, soco inglês, bombas, porque queriam o confronto.

**- Você ficou já na primeira noite na ocupação?**

Não, eu voltei no domingo à tarde para ver como estava a situação. Entramos em um grupo de poucos professores, mas ficamos parados do lado de dentro, junto ao portão da Av. Silva Jardim. Os 'ocupas' nos davam uma etiqueta, com a data e tal, mas não entramos na área toda, pois havia uma decisão de assembleia deles. Naquela noite, já três integrantes do MBL passaram pelo local, intimidando, mas eles não estavam articulados ainda. Foi a primeira noite que fiquei lá.

**- O que motivou você a ficar na ocupação?**

Basicamente duas coisas: primeiro, eu acreditava que ali tinha uma produção de conhecimento que não aparece com as rotinas escolares. Eu queria entender que tipo de conhecimento aqueles estudantes estavam produzindo, pois acredito no que está previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e nas Diretrizes Curriculares Nacionais, isto é, a produção do conhecimento não se dá só na sala de aula rotineira. Eu percebia que eles tendiam a produzir um conhecimento que fica abafado nas rotinas escolares. E realmente, à noite, eles tinham aulões com o pessoal das mídias alternativas, que vinha pra ensinar como fotografar, como filmar. Tinham oficinas com pessoas de fora. E eu ficava como observadora. Internamente eles tinham uma organização muito de divisão de tarefas. Enquanto alguns estavam fazendo as oficinas, outros estavam limpando, fazendo comida na cantina, outros grupos faziam a segurança, cuidavam dos portões, circulavam. Eles se revezavam muito. Pelo menos 200 a 300 alunos diferentes circularam por ali nos dias da ocupação. Nem todos dormiam lá e nem todos eram da UTFPR. Havia estudantes da UNE, da UPE, da UFPR, secundaristas de escolas públicas e havia pais também, que inclusive dormiam lá, mas a maioria eram estudantes da UTFPR.

**- Qual sua outra motivação?**

O que me fez ficar e voltar foi o sentimento de proteção. Eu percebia alguns estudantes fragilizados emocionalmente, quando o processo se prolongou. O próprio tempo foi desgastando os ocupantes. Eu presenciei discussões entre pais e filhos, e confronto entre amigos, em um dos momentos de agressão do MBL porque um dos 'ocupas' queria devolver as pedradas. Outras estudantes estavam preocupadas com a própria casa, mas diziam que não podiam sair porque o movimento precisava delas. Eu comentava com quem vinha falar comigo: sou de movimentos sociais desde minha adolescência, o que eu fui desenvolvendo é que não vale a pena o sacrifício individual além dos limites do sujeito, por nenhuma causa coletiva. Isso é desumano. Posso ser classificada como de ideário burguês, mas a minha experiência – pois não tenho muitas leituras nessa área – indica

isso. Se o indivíduo chegou no seu limite, vale a pena se afastar momentaneamente. Porque se a luta é coletiva, ela sobrevive sem a sua participação enquanto você renova suas energias.

**- Como eram tomadas as decisões na ocupação?**

Em assembleias, com organização horizontal, sem lideranças. Eu não tinha direito a voz nas assembleias – era dos estudantes. Para o advogado, para eu, para alguém de fora falar alguma coisa tinha que ser convidado ou permitido. Não podia exercer autoridade, nem professoral, paterna, ou de advogado. Quem tentava dissuadir, colocando medo que a polícia viria, aconselhando a desocupação, não tinha mais permissão de entrar. Eles estavam muito convictos que ficariam até o momento final.

**- Todo o grupo concordava ou havia dissonâncias?**

Eles tinham assembleias e o movimento era diferente entre o dia e a noite. O perfil de estudantes, durante o dia, era muito pueril. Vinha muito estudante de ensino médio da própria UTFPR, a maior parte de classe média; mas não ficavam a noite – acho que os pais deviam permitir, mas dentro de um certo limite. À noite vinha mais o pessoal da graduação, e um perfil diferente, que eu até pensava não serem nossos alunos, eram nitidamente periféricos e a UTFPR é elitizada. Quando eu perguntava se eles estudavam ali diziam que sim, mas poucos eram das engenharias. Tinha gente de vários cursos, eram mais maduros, não só da idade, mas também no conflito que existe entre a periferia e o centro. Tinham muita consciência dos grupos nazistas e fascistas que existem na cidade e que atacam de madrugada os gays, negros, pobres, prostitutas. Alguns relatavam confrontos com esses grupos no dia a dia, quando vão para suas casas. Tinha muitos estudantes que saíam cedo, iam trabalhar e voltavam. Houve um conflito entre o pessoal da UTFPR e os secundaristas em uma assembleia, que foi um ponto marcante. Era muito nítida, por parte de quem estava imbuído realmente nas causas do movimento, a descrença nas instituições sociais – seja OAB, direitos humanos, conselho tutelar, universidade, mídia; seja professor, autoridades acadêmicas, polícia.



**- A produção diferenciada de conhecimento que você buscava observar ocorria?**

Aquela produção de conhecimento que eu imaginava no início realmente ocorreu; a gente passava as noites dialogando, às vezes ali perto da portaria. Tinha estudantes da Federal, os secundaristas e os nossos. E as discussões eram maravilhosas! Coisas da formação política, de vivência, sonhos e decepções. Os papos das madrugadas iam das dez da noite até quatro ou cinco da manhã. Não tinha limite de tempo, a campainha não ia soar, não era nada fragmentado, não havia pressa, havia liberdade de expressão de ideias, opiniões. E percebi muito forte a descrença nas instituições sociais. Para mim, isso doía. Como seres humanos tão jovens, em formação, podem estar tão desacreditados com o futuro? Fui percebendo que estavam desacreditados, mas não conformados.

**- Como ficava a situação lá dentro quando fervia do lado de fora com as ameaças do grupo que queria desocupar com uso da força?**

No começo os 'ocupas' tinham muita clareza: se alguma pessoa pulasse para dentro, tinham a técnica de isolar o elemento e treinaram várias vezes como criar um cordão de isolamento, imobilizar a pessoa e levar pra fora. Só que isso foi se tornando mais grave e fugindo do controle deles. Alguns tinham tido treinamento nas oficinas e outros não. E eles se revezavam,

uns iam trabalhar, ...e isso saiu do controle e começou a ter desentendimento do lado de dentro sobre como deveriam agir. Começou a se tornar perceptível meninas com pedaços de pau na mão, correndo. Chamei algumas perguntando por que carregavam paus, pois no começo não estavam assim. Elas respondiam que, do lado de fora ou na internet, tinham veiculado coisas, que rapazes iam entrar pra estuprar as meninas, e elas não andavam mais sem um pedaço de pau na mão, um cabo de vassoura, ou algo assim. Inclusive um rapaz, do lado de fora, foi muito audacioso e escalou o portão pra passar spray de pimenta em quem estava na segurança. Ele era uma pessoa enfurecida, se entrasse, eu tinha muito medo do que ia acontecer com ele, porque o clima foi ficando pesado. Os 'ocupas' não iam mais conseguir isolar e tal. E isso eu chamei a atenção: vocês no começo falavam que são contra a polícia, mas conseguem perceber que neste mini Estado aqui, nesta organização, vocês estão criando poder de polícia? E quando esta polícia não é capacitada, faz igual a polícia lá de fora. Comecei a fazer essas ponderações individualmente, para que não agissem de forma impulsiva, mas com reflexão - afinal, são estudantes de ensino superior, numa universidade.

**- Com o passar dos dias, lá fora percebia-se uma fúria doentia, não cabível para a situação. Não é porque estavam sem aula que precisavam querer entrar de qualquer**



Giorgia Prates

### **forma, chutar professor, querer matar. Como isso refletia lá dentro?**

Internamente a situação também foi ficando tensa, pois eles começaram a tomar atitudes para um possível confronto, caso um grupo de 'desocupas' entrasse na força. Eles iam pra porrada, e com todas as armas que encontrassem, da marcenaria ou dos cabos de vassouras. Na noite anterior ao despejo, na quarta, eu percebi que eles poderiam se defender sozinhos e fui embora. Eles não iam pra fora, mas se alguém entrasse ali, seria com intenção de crueldade, então os 'ocupas' iriam reagir e se defender como pudessem.

### **- Fale um pouco mais sobre esta descrença nas instituições.**

Lembro quando chegaram os advogados da OAB a primeira vez; estavam vestidos de ternos, sapatos engraxados, as mulheres de salto e foram deixados em uma salinha próxima da guarita da Av. Silva Jardim. Não entraram na área, mas eles queriam entrar. O procedimento era esse com todos, inclusive com professores: ficar na salinha, aguardando deliberações de assembleias. Os estudantes diziam entre si que, mesmo sendo advogados da Comissão de Direitos Humanos, eram parte do Estado burguês e a repressão deste Estado é muito forte. Sabiam que eles estavam como olheiros. Alguns estudantes entendiam muito bem as contradições do Estado burguês, melhor

do que muitos professores. Parece que estavam desafiando para ver se o Estado – essa coisa abstrata –, através de seus agentes (polícia, OAB, autoridades, professores), seria capaz, ou teria mecanismos para cumprir, na prática, aquilo que coloca como teórico, tais como os fundamentos do estado democrático. Por exemplo, a polícia não pode cumprir mandado de reintegração de madrugada. Ao que parecia, o sentimento era de vamos pagar pra ver se o Estado burguês mostraria a sua face autoritária e violenta, um experimento. Eles pagaram pra ver se o Estado consegue agir na prática respeitando a teoria (Constituição Federal, democracia, leis), ou desrespeitando e impondo a força. Os secundaristas tinham isso ainda mais claro, pois eles vinham da periferia e lá sabem que a polícia impõe a força – ou deixa que se matem, não faz nada. Mas na UTFPR não, os estudantes tinham claro que se tratava de uma universidade central cujo desfecho foi a demonstração da incapacidade do Estado, que cumpriu a reintegração de posse de madrugada. Para respeitar a teoria, os órgãos precisam de um aparato que não têm, de gente, treinamento, equipamentos. Alguns estudantes até comentaram, depois da desocupação, que alguns uniformes da Polícia Federal pareciam surrados. Perceberam a presença do japonês da federal (condenado e usando tornozeleira), elogiaram o cabelo blackpower de uma policial negra, consideraram que mesmo na PF havia questões de diversidade. Alguns 'ocupas' disseram que se alguém defende a agilidade da polícia,

essas pessoas tinham que ser como eles, contrários à PEC que os estudantes estavam combatendo, pois haveria cortes de verbas e mais precarização nos serviços públicos.

**- E como você avalia o papel dos gestores da universidade? A UTFPR foi a única instituição universitária em que a polícia entrou, fichou os ocupantes.**

Acho que enquanto universidade, falhamos. Demonstramos que na prática não sabemos lidar com nosso objeto de trabalho, a negociação dialogada. A polícia numa universidade é o atestado de que a força prevalece à análise dialética. E o uso da força policial contra as coisas próprias da juventude, mostra nossa incapacidade como adultos de construir relacionamentos pautados na confiança. Primeiro houve a irredutibilidade dos gestores acadêmicos que estavam fazendo a negociação em aceitar assinar um termo de compromisso, que poderia ser negociado. O pró-reitor de administração, o mais ponderado emocionalmente entre os gestores acadêmicos que ali estavam, dizia que não podia assinar o tal acordo, pois a instituição iria resolver na lei - isso mostra a face da nossa gestão. A forma como o poder judiciário foi acionado também é reveladora: disseram que os ocupantes estavam quebrando laboratórios, danificando o patrimônio e isto não estava acontecendo; era informação alarmante para impressionar o juiz. Quando a procuradoria da UTFPR pede no processo a identificação dos ocupantes, isso também mostra a face da administração, pois colocou em risco a segurança pessoal dos estudantes que estavam na ocupação, alguns dos quais tinham vindo pela primeira vez. E tem um outro elemento que ainda está suspenso: se a instituição vai montar processos administrativos contra os ocupantes. Se houver um processo administrativo, será punido o mais fraco - esta é a prática de quem está no comando do campus.

**- Como se configurava o apoio externo à ocupação da UTFPR, com alimentação, assistência jurídica, informação, etc.?**

Com relação à comida, eles entraram com alimentos básicos para uma semana: arroz, feijão, café, chá, pão e margarina. As primeiras refeições foram bem modestas. Só depois começaram a chegar as verduras,

frutas, salsicha, bolacha; carne bem pouco. Eram doações de pessoas que se prontificavam a ajudar. Nunca sobrava nada das refeições, e se sobrasse aproveitavam na próxima, assim como faziam torradas com os pães. Tinha uma caixinha de remédios, absorventes - não sei se era suficiente - mas foi aparecendo. Assim como manifestações de solidariedade. Muitas cartinhas dizendo "você me representam". Eles fizeram um mural, teve apoio moral muito grande. Tiveram pessoas que iam dar aulas, palestras - não sei se eram professores da Federal, das escolas estaduais ou voluntários. Vieram psicólogos externos querendo falar com os 'ocupas'. O apoio jurídico era do Coletivo de Direitos para Todos e Todas. Sempre tinha um advogado presente. Receberam uma cartilha sobre ocupações, por parte da Defensoria Pública que também foi lá. Essa cartilha diz quais os direitos que estão sendo defendidos com as ocupações de prédios públicos, indicando os artigos nos quais é possível se apegar em caso de um embate jurídico.

**- Que papel você definiria que você cumpriu naquele episódio da ocupação?**

Tive um papel de observação: ter conhecimento para saber agir. Agir para que não acontecesse predominância de violência. Contribuir, desde o começo, com aqueles que precisassem de proteção emocional ou física, na minha maneira de entender. Cumpri com minha carga de trabalho, não fiquei no conforto do meu lar. E quando percebi que ninguém teria controle, nem eles próprios, que seria cada um por si, fui embora. Sempre acho que tem que refletir, planejar antes de fazer alguma coisa. Ali já não estava mais a racionalidade, mas impulsos emocionais; era questão de sobrevivência da maneira que desse. Os de fora é que iam levar a pior, na minha avaliação. Fui embora porque considerei que eles podiam se defender sozinhos, ainda que, infelizmente, na base da ferramenta. E eu não ia querer ver um banho de sangue, um linchamento ou coisa parecida, pois os 'ocupas' estavam sendo acuados, ameaçados e amedrontados pelos de fora, que tinham atitudes de ódio.

**- Os ocupantes tinham clareza do papel político que eles estavam jogando?**

Sim, principalmente os ocupantes do noturno. Mais ainda: tinham consciência da luta de classes, embora não usassem essa expressão. No sentido de saber que, sendo pobre, preto, LGBT, mulher, de periferia, eu sofro diariamente e o meu entorno sofre a violência dos que vêm aqui jogar pedra no portão da UTFPR. Eram basicamente homens do lado de lá, brancos, de classe média. Dentro era mais diversificado. Muitos tinham consciência de que aquilo era um conflito entre a periferia e o centro, entre ricos e pobres, entre pretos e brancos, entre machistas e gênero – uma coisa binária assim. Tinham consciência em relação à PEC que ia cortar gastos da educação e da saúde públicas, e os prejuízos da desestruturação do ensino médio para a qualidade do ensino.

**- Você tem acompanhado o grupo que estava na ocupação nestes últimos meses? Sabe de casos de retaliação? Perseguições?**

Logo no primeiro dia da ocupação o grupo do 'desocupa' tentou intimidar alguns professores. Um me xingou, eu tentei filmar, ele calou-se. Outros professores sofreram xingamentos, agressão física e machucados decorrentes da bomba que estourou no corredor. No facebook, faziam constantemente ameaças generalizadas aos alunos, postaram fotos com armas, facas, dizendo que iam matar. Quando acabou a ocupação, fiquei encarregada de acompanhar os estudantes que sofreram ameaças. Conseguimos juntar 600 reais para fazer fotocópias e outras documentações, e cinco estudantes entraram em contato querendo falar sobre ameaças. Dois deles levaram adiante: já tinham ido ao tribunal de pequenas causas e foram orientados a registrar em cartório, onde foi tirada a ata notarial para servir de prova das ameaças. Outros dois disseram que não queriam levar em frente e um último, quando falei com ele por telefone, foi bem incisivo ao dizer que não queria saber de nada – talvez com medo. Ao final da ocupação, alguns falaram que trancariam a matrícula, desistiriam do semestre e voltariam depois, pois sentiam-se vulneráveis diante das ameaças. Um estagiário da eletrotécnica foi demitido depois da ocupação. Por outro lado, algumas moças fortaleceram seus egos no processo, mesmo nesta instituição machista. Durante a ocupação, picharam a porta do Departamento de Eletrotécnica

com as palavras 'racistas, machistas, fascistas'. Um dia antes de desocupar, foram lá e limparam para evitar acusações de danos ao patrimônio. Mas é muito revelador este ato. Embora alguns conservadores digam que a ocupação manchou a história da UTFPR, acho que mostrou que a universidade não estava alheia ao desmonte que ocorria no cenário nacional da educação, da saúde. Os estudantes abraçaram a causa, tendo em vista que o movimento docente não se levanta, está parado. Importante que também houve resistência popular na instituição.

**- Alguma consideração final?**

Como professora, achei muito importante a ocupação ter ocorrido na UTFPR. Particularmente, eu havia passado por mais uma perseguição político-administrativa e, embora o resultado tenha sido favorável, estava fragilizada emocionalmente. A ocupação foi uma oxigenação para mim e para vários colegas historicamente perseguidos. Me fazia bem estar com os jovens, onde estava tendo discussões próprias de uma universidade. E ver como a instituição mudou... se transformar em universidade pela socialização do acesso através do Enem, aumentar a quantidade de negros, de pessoas das periferias, das regiões metropolitanas, de mulheres que ousam lutar. Perceber que a luta está mais ramificada. A democracia é muito jovem no Brasil.



Giorgia Prates

# Tormento

Igor

Soldado executado

Refugiado de si mesmo

Não foi "macho" o bastante

E perdeu o emprego.

Soldado abatido

É mais um desaparecido

Espelho da desalmada

Sociedade sem destino.

Tormento

Soldado executado  
Refugiado de si mesmo  
Não foi "macho" o bastante  
E perdeu o seu emprego.

Soldado abatido  
É mais um desaparecido  
Espelho da desalmada  
Sociedade sem destino.

Giorgia Prates

## **Depoimento de Aluna da Ocupa UTFPR**

Dia 28 de novembro de 2016 eu quebrei 2 costelas. Como muitas coisas estranhas e fofas acontecem em minha vida, as ditas cujas foram a 6ª e a 10ª. Uma bem distante da outra. Só para dificultar o andamento da recuperação e aumentar a dor.

Desde aquele dia muita coisa mudou em mim, não somente pelas costelas, mas por ter desocupado na mesma fatídica data a UTFPR, às 04h da madrugada, com a Polícia Federal explodindo os portões... Afinal, foi o momento que elas quebraram.

A ocupação e todo o aprendizado durante as diversas etapas do processo não são o foco deste post. Eu quero é desabafar que hoje eu chorei. E estou chorando agora ao escrever também.

Na noite de hoje eu venci o medo, a inércia, as desculpas, a dor e o cansaço e fui correr. Tentei me alongar cuidadosamente com mais afinco do que qualquer outro dia anterior, que eu parava no primeiro grito de dor.

Hoje à noite eu senti novamente o vento batendo em minha face e levando o peso dos problemas embora. Na praça perto de casa, eu esquecia dos perrengues recentes enquanto admirava as árvores mal iluminadas pela noite e pelos poucos postes acesos e distantes.

Na primeira volta eu já nem conseguia reconhecer aquela mulher que não conseguia nem levantar da cama e dependia de outra pessoa para comer... Infelizmente, chegando no fim desse primeiro round lá vem a dor. Próxima volta só andando. E

assim foi indo. Intercalando... Completei 3 voltas. Voltei para casa sorrindo e de bem com a vida. Me sentindo campeã.

Bom, pouco falo de como tem sido difícil essa recuperação. Não reclamo quase nunca, engulo seco, vou seguindo, como sempre fiz. Me esforço para fazer as atividades rotineiras de forma mais natural possível. Cada dia vencendo um limite. Porque não tem como apertar um pause nesse mundo onde todo dia acontece mais de 7 bilhões de plays. Ou você segue o fluxo, ou acaba acelerando para o fim.

Só estou melhor agora pois, além de várias ajudas de anjos e anjas que eu tive e que me ajudaram em tudo que precisei, quero confessar, também, que para esquecer dos empecilhos locomotivos e as dores eu tenho bebido ainda mais do que o de costume, fumado mais e tomado mais remédio do que qualquer época na minha vida. Nos dois primeiros meses bebi praticamente todos os dias. Claro que tudo está atrelado não somente às costelas, mas também ao instinto depressivo... À vontade de não ter próximo capítulo nessa história com enredo mal escrito e com letras tortas.

Mas hoje... Hoje venci a vontade de me esquecer e de calar a dor física e emocional e enfrentei meus primeiros exercícios para um ensaio de uma rotina mais nova do que velha. Afinal, já não sou a mesma nem de ontem, quem dirá de 6 meses atrás... Meu corpo está agradecido e espero acordar amanhã sem problemas físicos, só com mais força para continuar.



**Ocupa Tudo – Escolas  
Ocupadas no Paraná:  
instantâneos da construção de  
um registro cinematográfico**

## O mel da mocidade é o fel dos governantes.

Chico César

Valéria Arias<sup>1</sup> e Carlos Pronzato<sup>2</sup>

Pouco antes de embarcar para Curitiba, em 16 de novembro de 2016, o cineasta postava em sua página na rede social: “Indo para a República de Curitiba. Precisa de passaporte?”

O conjunto dos comentários à mencionada postagem ratificaria a contradição que a cidade vive há muitos anos. A capital europeia, organizada, fria e asséptica das propagandas, mas que, vez por outra, desmente-se e mostra ao país uma feição popular, diversa, crítica, ávida por superar o conservadorismo provinciano e obediente que, de fato, aqui predomina, embora esteja longe de ser único. Tanto assim, que foi justamente na Região Metropolitana de Curitiba, em nada alheia ao fato desta ser, não por mero acaso, a sede da Operação Lava Jato, bastião do Golpe Jurídico Midiático que o Brasil enfrenta, o local em que se gestaria o maior Movimento de Ocupações Urbanas já registrado na história. Jovens secundaristas e universitários ocuparam suas escolas e campi contra a Reforma do Ensino Médio e o encolhimento do Estado Social no Brasil.

Ao chegar a Curitiba, em pleno Movimento de Ocupações Universitárias e há menos de duas semanas do fim das ocupações das escolas estaduais, o diretor já contava com uma considerável rede de apoiadores, em sua maioria, pessoas e instituições que se envolveram no Movimento e, naquele momento, ainda viviam um certo luto pelo desfecho das ocupas escolares e a incerteza acerca dos rumos das ocupas universitárias, que se manteriam por mais alguns dias.

O final das ocupas escolares de 2016 foi marcado pela violência física, política e ideológica perpetrada pelos poderosos e seus comparsas bem remunerados. O Movimento chegou ao fim solapado por

diversas frentes. Somavam-se as investidas covardes nas escolas ocupadas, pela associação, orquestrada pela própria Casa Civil do Estado, entre a Polícia Militar (PM) e integrantes do Movimento Brasil Livre (MBL) – alguns deles, vindos de São Paulo especialmente contratados para atuar em Curitiba como verdadeiros mercenários –; as difamações ao Movimento e aos seus sujeitos, repetidas ao enfado, pelas mídias tradicionais; a guerra jurídica, resultando em liminares que determinavam as desocupações e liminares que mantinham o direito a elas. Porém, talvez o maior contragolpe, a julgar pelos perceptos dos mais dispostos a manter as ocupações escolares e a incentivar as universitárias, tenha sido a capitulação de muitos professores e lideranças políticas ligadas à Rede Estadual de Educação que, até então, ajudavam a sustentar o Movimento logística e juridicamente.

A resistência já era muito penosa e os contingentes de ativistas diminuídos quando, em 3 de novembro, a decisão judicial derradeira foi publicada. Assinada pela juíza Patrícia de Almeida Gomes Bergonse, da 5ª Vara de Fazenda Pública de Curitiba, a ordem determinava a reintegração de posse imediata, com uso de todos os recursos disponíveis, da totalidade das escolas que, naquela data, permaneciam ocupadas pelos estudantes.

Muitos professores, ao ver dos secundaristas, “arregaram”; os abandonaram naquele momento decisivo da luta em que, segundo eles, só restavam duas opções: radicalizá-la como ato insurgente e mobilizador ou abandoná-la. Seja como for, grande parte dos sujeitos dessa história, eles mesmos não imunes, é bom que se ressalve, às disputas políticas no interior dos movimentos estudantil, social e sindical, queria mostrar ao cineasta e, por seu intermédio, ao mundo, os detalhes desse processo.

E foi assim que, em menos de uma semana de filmagens, dezenas de depoimentos foram realizados. A começar “pelo começo”, em São José dos Pinhais e Pinhais, Região Metropolitana, locais das primeiras ocupações, passando pelas vozes de estudantes, professores, pais e mães de ocupas, representantes sindicais da região central e da periferia de Curitiba, retornando-se, depois, ao município de Colombo e, de lá, às universidades ainda ocupadas. As últimas tomadas consistiram em depoimentos de promotores de justiça e advogados

1 Professora de Filosofia e História da Rede Estadual de Educação do Paraná. Produtora Executiva do Documentário Ocupa Tudo: Escolas Ocupadas no Paraná.

2 Cineasta independente, dramaturgo, escritor e poeta argentino-brasileiro. Diretor do Documentário Ocupa Tudo: Escolas Ocupadas no Paraná.



do coletivo Advogados e Advogadas pela Democracia. Esses, minutos antes de gravarem suas intervenções, na praça defronte à Câmara Municipal de Curitiba, estavam entre as dezenas de pessoas que, a poucos metros dali, protegiam a Ocupa UTFPR da violência que parecia iminente, tanto da parte da PM e MBL, quanto de estudantes e professores contrários ao movimento.

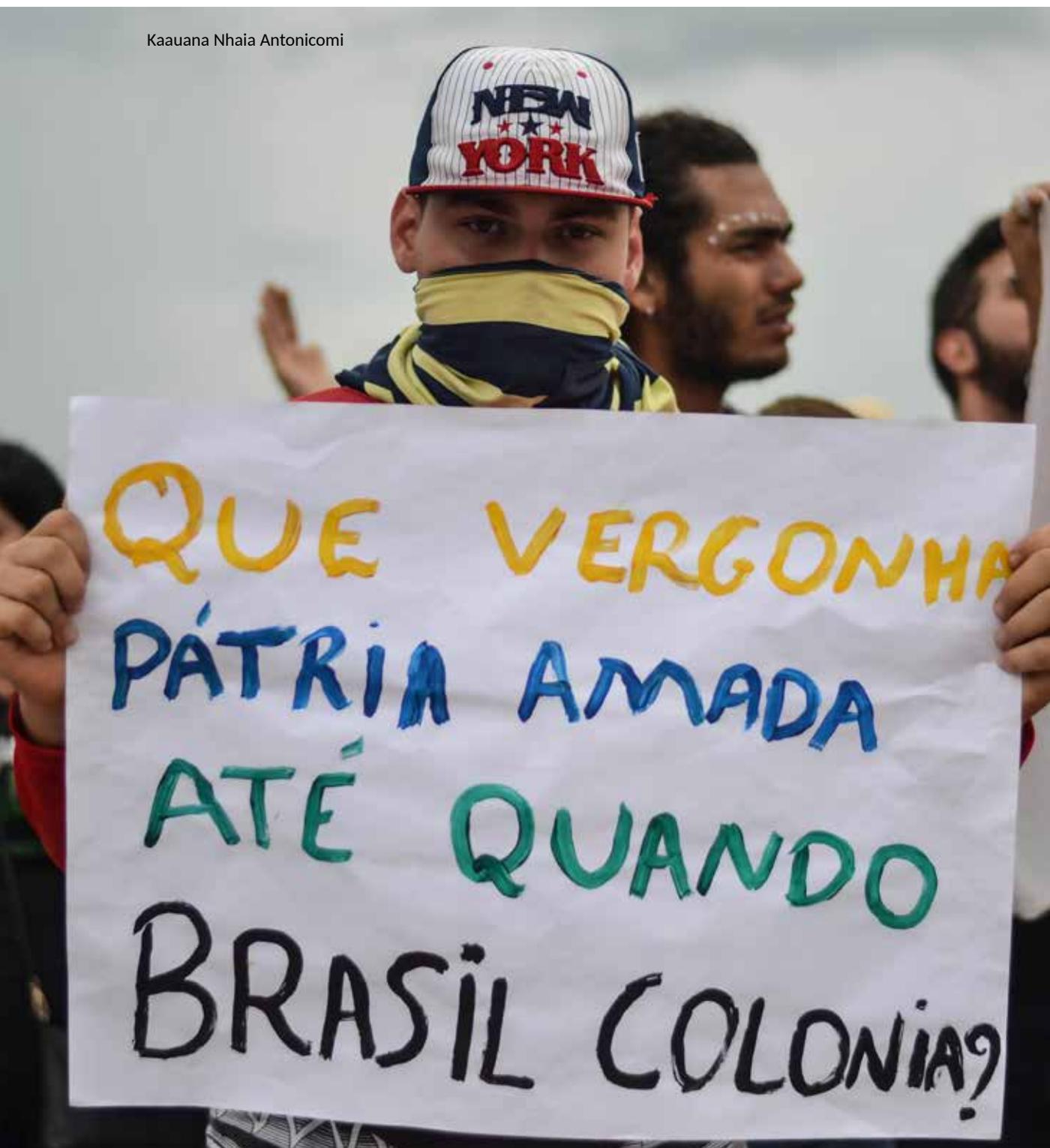
Quando, em dezembro daquele ano, os depoimentos, complementados e confrontados por uma cuidadosa pesquisa histórica e ilustrados por trechos de vídeos jornalísticos, constituíram-se na narrativa pré-finalizada do filme, três exposições foram realizadas. Duas em Curitiba e uma em São José dos Pinhais. Os sujeitos do documentário puderam opinar, sugerir, e criticar livremente a versão que assistiam em primeira mão. Críticas surgiram, sugestões foram dadas: todas consideradas oportunas pelo diretor e equipe. Contudo, o que mais chamou a atenção da produção foi a emoção provocada na assistência, sobretudo na exibição realizada para o coletivo de São José dos Pinhais.

O cineasta e sua equipe local foram instados a continuar o documentário, “uma segunda parte seria necessária”, segundo os jovens, para documentar o “nosso retorno à rotina escolar e, principalmente, a sequência das lutas e o massacre que sofremos em Brasília”, ocorrido naquele mesmo mês... A saudade das ocupas, do que elas os ensinaram, do que representaram em termos da sua formação política, artística, epistemológica e, também, da construção de afetos, de consensos, do respeito às alteridades e das capacidades de tomadas coletivas de

decisão, de administração do tempo, da partição e assunção de responsabilidades pelos afazeres cotidianos, explicam o desejo, pleno de orgulho, manifesto pela continuidade do Documentário. Em verdade, ele só fez espelhá-lo, pois capta a intenção, presente na narrativa fílmica, de expressarem-se e fazerem-se ouvir, de seguirem na luta, nesse ou em outros movimentos congêneres de afirmação e resistência. Neles, concretamente, essa juventude destemida, altiva e crente que sim, a mudança é possível, encontrou sentidos muito mais profundos do que lhes proporcionam a escola, o trabalho, as festas, o consumo, enfim suas atividades corriqueiras, conformadas na lógica burguesa.

O Documentário, que tem como marca a tradução dos sentidos plurais do movimento, desvelando suas principais dimensões históricas, políticas, humanas e, até mesmo, suas contradições internas, foi finalizado em Curitiba pela equipe local de produção.

Já com as alterações e o acréscimo da trilha sonora, a canção *Mel da Mocidade* de Chico César, artista popular, profundamente envolvido com as causas sociais, o filme foi exibido pela primeira vez em janeiro de 2017, em Porto Alegre, ao longo da Programação do Fórum Social das Resistências. Uma produção coletiva, independente, em que processo e produto se confundem e, nesse amálgama, que é práxis ao unir, ação e intencionalidade transformadoras, história e arte, mais que um registro factual, representa uma contribuição, singela, é verdade, para o árduo processo de construção da utopia revolucionária. Um outro mundo é possível.





Giorgia Prates

## **COMO FICA O ENSINO MÉDIO COM A REFORMA** **– vem aí o Ensino Médio “líquido”**



Kaauana Nhaia Antonicomi

Monica Ribeiro da Silva

*Integrante do Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio*

Publicada no Diário Oficial da União a Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e outras leis da área. Com isso, chega ao fim a trajetória da reforma do ensino médio (MP 746/16) no campo da legislação. Agora é lutar em cada estado, pela manutenção e ampliação dos direitos que a reforma quer retirar.

Como fica o Ensino Médio pela nova Lei:

O currículo fica dividido em duas partes: uma parte comum de 1.800 horas a todos/as estudantes e outra, dividida em cinco itinerários, em que o/a estudante terá que fazer aquilo que a escola/sistema ofertar (e não o que ele escolher, como diz a propaganda enganosa do governo).

As únicas disciplinas obrigatórias nos três anos são: Língua Portuguesa e Matemática. É obrigatório ofertar também uma língua estrangeira e, neste caso também não tem escolha, pois a língua obrigatória é a Inglesa.

Filosofia e Sociologia não constam mais como disciplinas obrigatórias. Seus conteúdos poderão ser ensinados diluídos em outras disciplinas. Excetuando Língua Portuguesa e Matemática, nenhuma outra disciplina é obrigatória, isso significa que todas as demais poderão ser ofertadas também “diluídas” umas nas outras cirando assim o que estou chamando de “Ensino Médio “Líquido”.

Para o itinerário “formação técnica e profissional” este poderá ser ofertado por meio de parceria com o setor privado e o sistema de ensino se servirá de recurso público do FUNDEB para isso. E também para este itinerário: não há exigência de professor formado, pois aqueles que atestarem notório saber em qualquer habilitação técnica, poderão receber certificado para o exercício da docência.

Se o/a estudante fizer alguns cursos a distância e comprovar na escola alguns saberes práticos, ele poderá ser dispensado de fazer várias disciplinas, esvaziando ainda mais o seu aprendizado e demonstrando, com isso, a ainda maior “liquidez” desse “novo” Ensino Médio.

É “líquido” também porque mergulha no mais profundo abismo a juventude brasileira da escola pública. Porque afunda toda e qualquer possibilidade de uma vida digna para esses/as jovens, conseguida por meio de uma formação escolar densa e crítica, de uma preparação séria para o mundo do trabalho ou para o prosseguimento dos estudos. Sobre esse último, o prosseguimento nos estudos, essa “liquidez” afoga mais e mais as possibilidades já pequenas de ingresso em uma Universidade pública.

Essa “liquidez” toda se mescla com as lágrimas e o choro de todos/as aqueles/as que ocuparam suas escolas e daqueles/as outros que, se não o fizeram, não lutaram menos para que esse desastre não viesse a acontecer. Mas, como depois daquele momento do choro, a gente se levanta e se revigora, agora é hora de, mais uma vez, se levantar e gritar em cada rede estadual: Fora com Reforma. E ocupa tudo outra vez!



## Um a um... uma a uma: os múltiplos olhares sobre os invisibilizados



*Foi bonita a festa, pá  
fiquei contente  
'inda guardo renitente, um  
velho cravo para mim  
Já murcharam tua festa, pá  
mas, certamente  
esqueceram uma semente  
nalgum canto de jardim  
Sei que há léguas a nos separar  
tanto mar, tanto mar  
Sei também como é preciso, pá  
navegar, navegar  
Canta a Primavera, pá  
cá estou carente  
manda novamente algum  
cheirinho de alecrim*

Na madrugada do dia 25, depois de 3 dias insones, os barulhos de carros e gritos de guerra contra os ocupas quebravam o silêncio da madrugada cansada. Ninguém sabia ao certo quantos estudantes estavam dentro do prédio e nem em que condições se apresentariam. Dentro do prédio, apenas imaginavam... Um estrondo indicou que o portão (trancado por fora pelos Desocupas) havia sido rompido. Lá dentro, o silêncio só sentido diante do desconhecido, cobria os corpos. Não havia medo, nem espanto... apenas esgotamento de toda capacidade de

compreensão. Um a um, uma a uma, foram identificados e removidos para o ônibus da Polícia Federal. Todos (intra e extramuros) sabiam que estavam vulneráveis.

Uma conversa, uma intenção, uma ação perspicaz e dezenas de estudantes foram transportados para o Campus Reitoria. O sol já se colocava timidamente, querendo acarinhar a coragem que caminhava em fila rumo ao D. Pedro, cantarolando OCUPAR E RESISTIR. Um a um, uma a uma... Gays, lésbicas, trans, heteros, negros e negras, pobres, militantes, independentes, crentes, ateus, magros, gordos, altos, baixos, mulheres e homens... pessoas na mais completa comunhão, cansados e íntegros foram recebidos pelos ocupas do D. Pedrão.

Em poucos minutos o hall foi preenchido pela esperança de jovens e adultos que começaram a esvaziar o sentido de guerra, exílio e desterro que trouxe àquele ônibus. Falaram das experiências, dos sentidos da luta e compartilharam o pão, a água, o café, os colchões, os cobertores e a cumplicidade de quem vislumbra um mesmo sonho.

Um a um, uma a uma preenchidos de sentido, de respeito, de dignidade, de esperança começaram a partir. E lá se foram um a um, uma a uma, com suas mochilas, costelas quebradas, mãos machucadas, olhos marejados de sorte e quimeras buscar seus silêncios.

Um a um, uma a uma, deixaram uma semente n'algum canto desse jardim. Sim, foi bonita a festa!



Monica Ribeiro - Arquivo pessoal



# #OCUPATUDO

JOÃO BELLO

OCUPA MEU CORAÇÃO DE AMOR

OCUPA MINHA ALMA DE PAZ

OCUPA MINHA RAZÃO DE COLETIVIDADE

OCUPA MINHA EMOÇÃO DE SONHOS

OCUPA TUDO DE SOLIDARIEDADE

OCUPA TUDO DE SENSO CRÍTICO

OCUPA TUDO DE SENSIBILIDADE.

ARRANCA TODA DESESPERANÇA.

ARRANCA TODA DESCRENÇA.

ARRANCA O TEMER.

OCUPA E SEMEIA A FILOSOFIA.

OCUPA E ME LEMBRA A HISTÓRIA

OCUPA E ME MOSTRA A SOCIOLOGIA.

OCUPA E MEXE COM MEU CORPO.

OCUPA E REVIRA MINHAS EMOÇÕES.

OCUPA E ME FAZ POESIA.

OCUPA MEU EU DO OUTRO.

OCUPA O OUTRO DO MEU EU.

OCUPA E DESATA O NÓS!!!

# #ocupatudo

*João Bello*

*Ocupa meu coração de amor  
Ocupa minha alma de paz  
Ocupa minha razão de coletividade  
Ocupa minha emoção de sonhos  
Ocupa tudo de solidariedade  
Ocupa tudo de senso crítico  
Ocupa tudo de sensibilidade.*

*Arranca toda desesperança.  
Arranca toda descrença.  
Arranca o Temer.*

*Ocupa e semeia a Filosofia.  
Ocupa e me lembra a História  
Ocupa e me mostra a sociologia.  
Ocupa e mexe com meu corpo.  
Ocupa e revira minhas emoções.  
Ocupa e me faz poesia.  
Ocupa meu eu do outro.  
Ocupa o outro do meu eu.  
Ocupa e desata os nós!!!*



Giorgia Prates

# Lutar e Resistir

*Ângela Scalabrin Coutinho*

Resistir pode significar muita coisa,  
Desde não se abrir para coisas novas,  
Sobreviver a dores intensas,  
Não se entregar no primeiro ataque,  
Até cuidar do outro que não nos acolhe.

Resistir é ter a beleza e a leveza da poesia.  
É elevar a alma, como faz a música.  
É entregar-se por inteiro como em uma coreografia.  
É deixar-se ver, como na fotografia.

Resistir é aprender a ser firme, intenso, belo  
como a juventude.  
Chorar de dor, prazer, tristeza e felicidade ao  
mesmo tempo.  
Rir de tudo e de nada.  
Afagar, brigar, abraçar e gritar.  
Resistir é lutar,  
E lutar é viver!



Monica Ribeiro

# Brasil



# Síilia





Kaauana Nhaia Antoniconi



Giorgia Prates



Kaauana Nhaiā Antonicomī



Giorgia Prates



Giorgia Prates



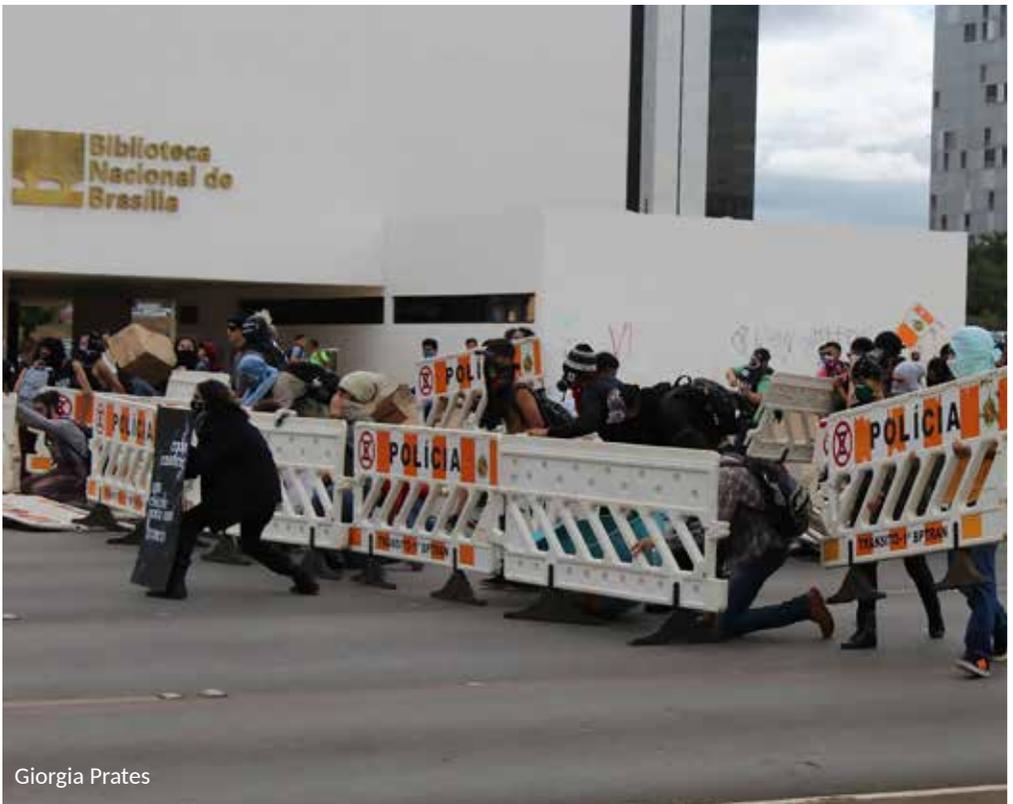
Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



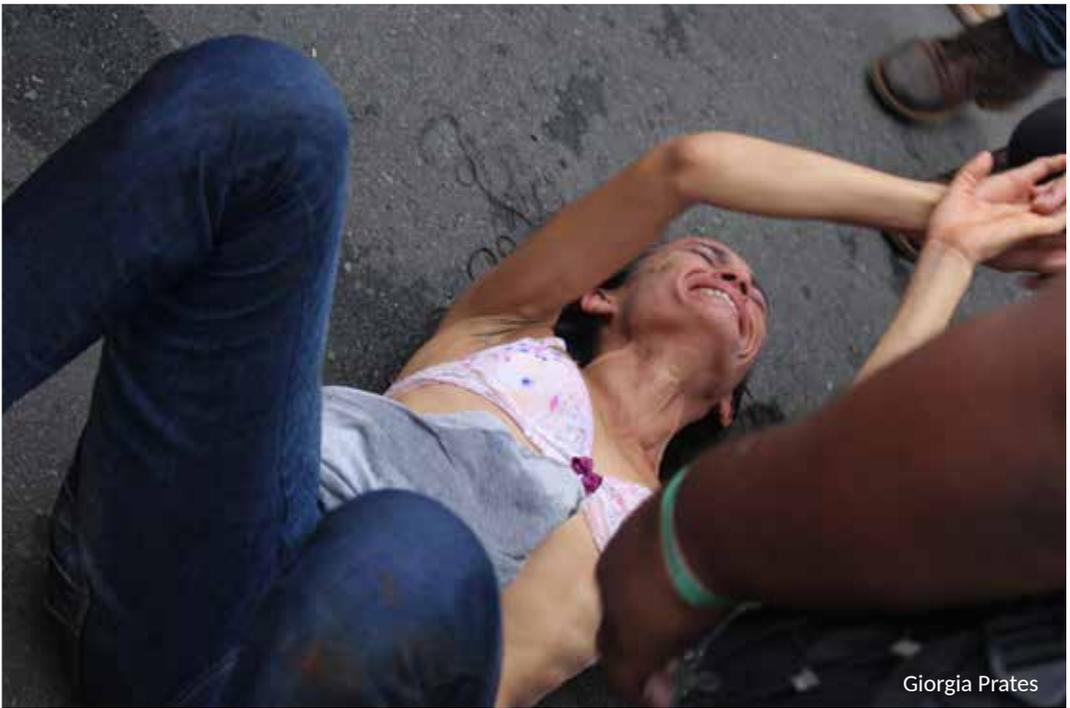
Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Giorgia Prates



Kauana Nhaia Antonicomi



Kauana Nhaia Antonicomi



Kauana Nhaia Antonicomi



Kauana Nhaia Antonicomi





# MINISTÉRIO D



# A EDUCAÇÃO





Kauana Nhaiia Antonicomi



Não  
tira  
minha  
educação  
não

SOMOS  
OS  
AIA  
SOMOS  
OS  
AIA  
SOMOS  
OS  
AIA  
REVOLUÇÃO

Quem  
toma banho  
de ÓDIO  
exala o  
aroma da  
MORTE

A.V.A.B.  
A.V.A.B.  
A.V.A.B.  




RESISTA!



FIQUE  
HOJE  
E  
SEMPRE



*E, antes de encerrar, não podíamos deixar  
de lembrar das palavras que eram ouvidas  
dentro e fora dos muros, e que ainda ecoam  
em nossos ouvidos*

Pode chover, o céu cair  
O nosso lema é ocupar e resistir

Quem são vocês?  
Sou estudante  
Não escutei  
Sou estudante  
Mais uma vez  
Sou estudante  
Sou, sou estudante sou  
Eu quero estudar  
Mas o Temer não quer deixar  
Vamos à luta!

Ir ao combate sem Temer,  
ousar lutar ousar vencer

A nossa luta, é toda dia,  
educação não é mercadoria!

Não tem arrego, você tira educação  
e eu tiro seu sossego!!

Firmeeee? Firmeee!

Fora Temer!

Ocupar e resistir  
Ocupar e resistir

tipologia:  
impact  
carlitos  
curitiba 2017

